



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE CULTURA E
TERRITÓRIO (PPGCULT)**

CARINA ALVES TORRES

**MULHERES INDÍGENAS APINAJÉS: TRAJETÓRIAS
SOCIOESPACIAS EM TOCANTINÓPOLIS (TO)**

**ARAGUAÍNA (TO)
2020**

CARINA ALVES TORRES

**MULHERES INDÍGENAS APINAJÉS: TRAJETÓRIAS
SOCIOESPACIAS EM TOCANTINÓPOLIS (TO)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCuLT), da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus de Araguaína, como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Estudos de Cultura e Território.

Linha de Pesquisa: Paisagens, Narrativa e Linguagens

Orientadora: Profa. Dra. Kênia Gonçalves Costa

ARAGUAÍNA (TO)
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

T693m Torres, Carina Alves.

Mulheres Indígenas Apinajés: trajetórias socioespaciais em Tocantinópolis (TO). / Carina Alves Torres. – Araguaína, TO, 2020.
115 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Estudo de Cultura e Território, 2020.

Orientadora : Kênia Gonçalves Costa

1. Trajetórias Socioespaciais . 2. Mulheres Apinajés. 3. Representações . 4. Espacialidades . I. Título

CDD 306

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

CARINA ALVES TORRES

**MULHERES INDÍGENAS APINAJÉS: TRAJETÓRIAS
SOCIOESPACIAS EM TOCANTINÓPOLIS (TO)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCult), da Universidade Federal do Tocantins (UFT), campus de Araguaína. Foi avaliada para obtenção do título de Mestre em Estudos de Cultura e Território e aprovada em sua forma final pelo orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 11/07/2020

Banca Examinadora


Prof. Dra. Kênia Gonçalves Costa (Orientadora)

Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCult) UFT


Prof. Dr. Wellington da Silva Conceição (Examinador Externo)
Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) CCSST-UFMA


Prof. Dra. Rejane Cleide Medeiros de Almeida (Examinadora Interna)
Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCult) UFT


Prof. Dra. Marjã Santana Ferreira dos Santos (Examinadora Interna)
Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCult) UFT

A minha madrinha Itelvina Dias Sousa Apinajé,
pelo amor, carinho e acolhimento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao povo indígena Apinajé pelo acolhimento, cuidado e carinho em me receber como pesquisadora na aldeia São José e permitir vivenciar experiências que vão além do campo de pesquisa. Felicitada em ser recebida pelas mulheres Heloisa, Silvana, Maria de Fátima, Delma Delinan e minha madrinha Itelvina, por possibilitarem minha inserção a campo vivendo o cotidiano delas na aldeia e na cidade de Tocantinópolis, foram experiências que me marcaram significativamente como pesquisadora e pessoa. Construimos laços de parentesco após eu receber meu nome da língua materna Apinajé e confienciarmos conversas, vivências e trocas de conhecimentos. Grata por ser orientada pela professora Kênia, Gonçalves Costa pela dedicação, atenção, carinho e paciência.

Ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura e Território por ofertar o curso de mestrado, no qual permitiu eu desenvolver minha proposta de pesquisa. Aos examinadores Wellington da Silva Conceição pela amizade e carinho que se estende desde a graduação e pelos incentivos em seguir a carreira acadêmica. A professora Rejane Cleide Medeiros de Almeida, pelas trocas de experiências, conversas e amizade. A professora Maria Santana Ferreira dos Santos pelas observações e sugestões no caminhar da pesquisa.

Aos meus familiares, meu pai José Dias Torres, minha mãe Marizete Alves de Sousa, minha irmã Carolina Alves Torres, meu cunhado Marcos e meu irmão Uectorri Alves Torres, pelo carinho e paciência durante essa trajetória de estudos. Ao meu amigo Laylson Mota Machado, pelo companheirismo, aventura e cumplicidade. A Mariane, Kerlly, Paloma, Leila, Cleyton, Adilson, Camila, João, Madson, Helenita e Elaine pela amizade, aventuras e angústias que vivenciamos juntos. Aos meus amigos que conheci durante a graduação de Ciências Sociais em Tocantinópolis, Miguel, Sonia, Janeide, Marcia, Ana Paula, Rebeca, Alessandra, Luciana, Maurizan, Ronaldo, Watilla, Edglezia, Daiane, Ana Karoliny e Jailson. Aos meus sobrinhos Antônio Augusto, Valentina, Arthur, Maria Cecília e Ágata Sofia, por alegrar meus dias. Ao meu tio Domingos Torres e tia Lindalva por sempre me ajudar financeiramente, as minhas tias, Edinelma, Edineia e Aparecida por me acolher em suas casas durante minha trajetória acadêmica. Aos meus primos, Jonatas, Alana, Pollyana, Vitória, Valéria, Simone, Suelén pela amizade, carinho e atenção.

Grata a Deus pelo dom da vida e a São Miguel Arcanjo pela proteção divina, em ouvir minhas preces e súplicas.

Amazonidas

*Somos filhas da ribanceira
Netas de velhas benzedoras,
Deusas da mata molhada,
Temos no urucum a pele encarnada,*

*Lavando roupa no rio, lavadeiras,
No corpo o gigado de carimbozeiras,
Temos a força da onça pintada,
Lutamos pela aldeia amada,*

*Mas, viver na cidade não tira o direito de ser,
Nação, ancestralidade, sabedoria, cultura,
Somos filhas de Nhanderú, Senerú, Nhandecy
O Brasil começou bem aqui...*

*Não nos sentimos aculturadas,
Temos a memória acesa,
E vivemos na certeza de que nossa aldeia
Resistirá sempre ao preconceito do invasor,
Somos a voz que ecoa. Resistência? Sim senhor!*

Márcia Wayna Kambeba

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo geral analisar como são construídas as trajetórias socioespaciais das mulheres indígenas Apinajé com a cidade de Tocantinópolis. O fato observado é que as mulheres dessa etnia constroem espacialidades com o contexto urbano, neste sentido parto da perspectiva da História oral de vida e observação participante para compreender como as mulheres da família da matriarca e liderança Itelvina estabelecem trajetórias socioespaciais da aldeia São José à cidade. As mulheres pesquisadas estão recorrentemente na cidade para vários fins, como fazer compras, estudar, jogar futebol, consultas médicas, festas e outras finalidades. Através da experiência de campo e pesquisa bibliográfica observei que a questão de gênero na etnia Apinajé, passou por várias mudanças sociais ao longo dos anos, sendo que um dos aspectos é na instância política, as mulheres estão participando ativamente na estrutura política e demandas socioculturais. As trajetórias socioespaciais das mulheres Apinajé com cidade de Tocantinópolis, são marcaads pelo comercio, lazer, consultas médicas e estudos, demonstrando os contatos interétnicos e mudanças sociais na questão de gênero nessa etnia.

Palavras - Chave: Trajetórias Socioespaciais; Mulheres Apinajé; Representações.

ABSTRACT

The present dissertation has as general objective to analyze how the socio-spatial trajectories of Apinajé indigenous women as the city of Tocantinópolis are constructed. The observed fact is that women of this ethnicity build spatialities with the urban context, in this sense I start from the perspective of oral history of life and participant observation to understand how the women of the Itelvina matriarch and leadership family establish socio-spatial trajectories from the village of São José to the city . The women surveyed are recurrently in the city for various purposes, such as shopping, studying, playing football, doctor's appointments, parties and other purposes. Through field experience and bibliographic research I noticed that the gender issue in the Apinajé ethnic group has undergone several social changes over the years, one of which is in the political sphere, women are actively participating in the political structure and socio-cultural demands. The socio-spatial trajectories of the Apinajé women with the city of Tocantinópolis, are marked by shopping in shops, leisure, meetings, studies and medical consultations, with decades prior to women not building spatialities with the urban territory, as in the present day, demonstrating interethnic contacts and social changes in the gender issue in this ethnic group.

Key words: Socio-spatial trajectories; Apinajé Women; Representations.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLA

CIMI- Conselho Missionário Indigenista.

CTI- Centro de Trabalho Indigenista.

DRE- Diretoria Regional de Ensino.

FUNAI – Fundação Nacional do Índio.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

ICMS: Imposto sobre circulação de mercadoria e serviços.

ISA- Instituto Socioambiental.

LATPOR- Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Territórios Populares e suas Representações.

MAPA- Secretaria Especial de Assuntos Fundiários do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

MP- Medida Provisória

PIBID- Programa Institucional de Iniciação a docência.

SESAI- Secretária Especial de saúde Indígena.

SUDAM- Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia.

TCC- Trabalho de Conclusão de Curso.

UFT- Universidade Federal do Tocantins.

UPA- Unidade de Pronto atendimento.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1- Localização da área de estudo-----	23
Mapa 2 – Mapas das aldeias do território Indígena Apinajé -----	34
Mapa 3 - O recurso água no território indígena Apinajé-----	36
Mapa 4 – Mapa das mulheres Timbiras-----	52

LISTA DE QUADROS

Quadros 1 - Dados da representação dos povos Apinajés -----	32
---	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Representação da Aldeia São José -----	41
Figura 2 – Calendário Socioecológico-----	62

LISTA DE FLUXOGRAMAS

Fluxograma 1 - As obras da temática Apinajé -----	41
Fluxograma 2 - As obras da temática Apinajé -----	48
Fluxograma 3 - As obras da temática Apinajé -----	48

LISTA DE DIAGRAMAS

Diagrama 1 – Itelvina -----	72
Diagrama 2 – Heloísa-----	77
Diagrama 3 – Silvana-----	83
Diagrama 4 - Maria de Fátima-----	87
Diagrama-----	91
Diagrama 6 – Delinan-----	94

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Escola Estadual Indígena Mãtyk -----	42
---	----

Fotografia 2 – Posto de Saúde-----	43
Fotografia 3 – Pátio da Aldeia-----	44
Fotografia 4 – Antigo Posto da FUNAI-----	44
Fotografia 5 – Construção de casas na Aldeia São José-----	45
Fotografia 6 – Maria Barbosa (Irepxi)-----	55
Fotografia 7 – Nhiro na Aldeia do Prata-----	58
Fotografia 8 – Maria Almeida e Candido na roça-----	63
Fotografia 9 – Maricota em seu quintal-----	65
Fotografia 10 – Apresentação da pesquisa na comunidade-----	70
Fotografia 11 – Itelvina em seu quintal na Aldeia São José-----	71
Fotografia 12 – Heloísa e Itelvina sentadas em frente ao comércio-----	74
Fotografia 13 – Itelvina fazendo compras no comércio-----	75
Fotografia 14 – Itelvina no comércio-----	76
Fotografia 15 – Heloísa-----	78
Fotografia 16 – Heloísa mostrando as esteiras-----	79
Fotografia 17 – Heloísa na cidade-----	80
Fotografia 18 – Heloísa fazendo compras-----	81
Fotografia 19 – Heloísa lanchando na praça-----	82
Fotografia 20 – Silvana em sua casa-----	83
Fotografia 21 – Silvana com as compras do mês-----	85
Fotografia 22 – Silvana na cidade-----	86
Fotografia 23 – Maria de Fátima em seu local de trabalho-----	87
Fotografia 24 – Maria de Fátima na cidade-----	89

Fotografia 25 – Maria de Fátima fazendo compras no comércio-----	90
Fotografia 26 – Delma na casa de sua mãe Heloísa-----	91
Fotografia 27 – Delma realizando suas atividades da universidade-----	93
Fotografia 28 – Delma pintando-----	93
Fotografia 29 – Delinan na casa de sua mãe Heloísa-----	95
Fotografia 30- Delinan com seu esposo Davi na beira rio-----	96

Sumário

1	INTRODUÇÃO.....	15
1.1	Localizações da área de estudo e estrutura teórica da pesquisa.....	21
2	CONTEXTO HISTÓRICO, SOCIAL E CULTURAL DOS POVOS INDÍGENAS APINAJÉ.....	25
2.1	Aspectos Geográficos do Território Indígena Apinajé.....	32
2.2	Os Apinajé nos dias atuais.....	36
2.3	Contexto Social da Aldeia São José.....	39
2.4	Educação e Saúde: Escola Estadual Indígena Mãtyk e Posto de Saúde Indígena.....	42
2.5	Contexto histórico e social da cidade de Tocantinópolis (TO).....	45
2.6	Linha do tempo da literatura Indígena Apinajé.....	47
3	MULHERES APINAJÉ: UM ESTUDO DE GÊNERO A PARTIR DA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E PESQUISA DE CAMPO.....	50
3.1	Revisão da Literatura indígena Apinajé a partir de gênero.....	51
3.2	As Mulheres Apinajé nos dias atuais.....	65
4	TRAJETÓRIAS SOCIOESPACIAIS DAS MULHERES INDÍGENAS APINAJÉ NA CIDADE DE TOCANTINÓPOLIS (TO).....	70
4.1	Interlocutora 1. Matriarca Itelvina Dias Sousa Apinagé.....	71
4.2	Interlocutora 2. Heloisa Dias de Sousa Apinagé.....	77
4.3	Interlocutora 3. Silvana Dias de Sousa Apinagé.....	82
4.4	Interlocutora 4. Maria de Fátima Dias Apinagé.....	86
4.5	Interlocutora 5. Delma Dias de Sousa Apinajé.....	90
4.6	Interlocutora 6. Delinan Dias de Sousa Apinajé.....	94
4.7	Análise das Trajetórias Socioespaciais.....	98
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
	REFERÊNCIAS.....	107
	Mapas:.....	110
	Anexo 1: Medida provisória 879/2019.....	111
	Interlocutora 1. Matriarca Itelvina Dias Sousa Apinagé.....	115
	Interlocutora 2. Heloisa Dias de Sousa Apinagé.....	115
	Interlocutora 3. Silvana Dias de Sousa Apinagé.....	115
	Interlocutora 4. Maria de Fátima Dias Apinagé.....	115
	Interlocutora 5. Delma Dias de Sousa Apinagé.....	115
	Interlocutora 6. Delinan Dias de Sousa Apinagé.....	115

1 INTRODUÇÃO

Na cidade de Tocantinópolis (TO) são recorrentes os contatos interétnicos entre os povos indígenas Apinajé e os moradores da cidade e povoados, é notável que este povo frequenta a cidade para vários fins, além de estabelecerem moradia fixa em muitos casos. Através da observação de Gonçalves (1981) sobre a relação conflituosa entre esses dois grupos sociais, observo os estereótipos e preconceitos que permeia esta relação através da pesquisa a campo. No período que Gonçalves (1981) esteve com os Apinajé percebeu que os indígenas eram estigmatizados de ladrões de gados, feiticeiros, bêbados e preguiçosos, evidenciando historicamente esta relação conflituosa e distante. Inspiro-me no trabalho pioneiro de Roberto Cardoso de Oliveira *A sociologia do Brasil indígena* (1972), por explicar os contatos interétnicos e abordar a realidade do povo indígena Terena no processo de imigração para o capital Campo Grande (MS) e a cidade Aquidauana (MS), analisando essas trajetórias e as vivências na cidade. Oliveira (1972) trabalha com o conceito fricção interétnica:

Em contrapartida, as distâncias, geralmente enormes, que guarda o metropolitano das áreas assoladas pelo que chamamos de “fricção interétnica”, geram um desconhecimento quase tão grande quanto o demonstrado pelos regionais, variando apenas a ênfase que do lado “mal” do humano envolve a consciência de ambos é, no entanto da mesma natureza (OLIVEIRA, 1972, p.68).

A fricção interétnica nesse contexto é manifestada por conflitos socioculturais entre os povos indígenas Apinajé e o não indígena sendo latente a conduta que é construída nessas relações, o índio é visto como o selvagem e atraso para a região e o “branco” como o explorador dos recursos naturais e ameaça para os indígenas.

Através das observações de Demarchi & Morais (2015) no artigo *Mais algumas ideias equivocadas sobre os índios ou o que não deve ser dito sobre ele*, situado no recorte do contexto tocantinopolino, detalha vários estereótipos que são atribuídos aos povos indígenas. São representados pelo viés do preconceito, pela população local, como: Índio preguiçoso, Hipercidadão¹, “muita terra pouco índio”, “índio é camponês” e “atraso para o desenvolvimento”. Essas percepções são relevantes para compreender o contexto atual que caracteriza aos contatos interétnicos. Outro fato que me deixa inquieta são os recorrentes discursos reproduzidos aos povos indígenas Apinajé pelo viés de perdas culturais, desta maneira situo-me na concepção de Barth (1998) em ressaltar que os contatos interétnicos são

¹ O estereotipo hiper cidadão, é representado por conceber o indígena como o cidadão superior em direitos e regalias, sendo um equivoco, pois os indígenas possuem os mesmos direitos previdenciários e sociais do cidadão comum

confundidos com aculturação, sendo que as culturas estão em constantes mudanças sociais, percebo que no contexto Apinajé ocorreram várias mudanças socioculturais ao longo das décadas após os contatos interculturais, como no modo de vida, e relação com a cidade.

Pesquisei a Família Sousa da Matriarca e liderança *Iremext* Apinajé Sousa (Dona Itelvina) conhecida pelo povo Apinajé por traduzir a bíblia cristã para a língua materna e por ser uma das guardiãs culturais dessa etnia. Realizei a observação participante com as mulheres da família Sousa que é residente da aldeia São José Território desse povo.

A minha trajetória de estudos aos povos indígenas Apinajé inicia no ano de 2014 após o ingresso a Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus de Tocantinópolis, através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) no curso de Ciências Sociais campus de Tocantinópolis (TO). O Programa desenvolvia ações no Colégio Estadual Indígena *Tekator* na aldeia Mariazinha (uma das aldeias centrais). Logo após entrei no grupo de estudo Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Territórios Populares e suas Representações (LATPOR), no qual comecei a indagar sobre os fenômenos sociais no contexto urbano. Através das leituras de Oliveira (1972), Athias (2010) e Goffman (1980), comecei a pesquisar esses fenômenos no Bairro Antônio Pereira² analisando as interações entre os indígenas e os moradores do bairro no ano de 2017, se constituindo meu Trabalho de Conclusão do Curso (TCC).

O fato observado é que os indígenas frequentavam bastante o bairro devido os comércios e visitas aos parentes. As mulheres indígenas eram as principais consumidoras dos comércios locais, em várias situações desenvolvi conversas no qual manifestavam suas visões sobre a cidade, percebi que concebiam a cidade como um lugar “sujo” “cheio de lixo”, além de demonstrar o distanciamento relacional com os *kupê*³. Durante uma conversa informal com uma moradora da aldeia Botica, ela relatou que vem a cidade comprar o que falta na aldeia, como: açúcar, feijão, café, refrigerante, bolacha, além de deixar claro que tem sua roça em casa onde cultiva os alimentos para o consumo. Naquele ano realizei várias conversas com os indígenas que frequentavam o bairro, sendo as mulheres as principais “cidadinas” naquele espaço. Observei que chegavam ao bairro de vans, nos carros dos comerciantes, a pé, moto e carros de parentes.

² O Bairro Antônio Pereira está localizado na cidade de Tocantinópolis (TO). Segundo os dados municipais da secretaria da saúde são 1901 moradores dados referente ao mês de outubro de 2017.

³ Como os Apinajé designam os não indígenas.

Após ingressar no Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura e Território PPGCULT (2018) comecei estudos pelo recorte de gênero pesquisando as mulheres do espaço territorial da aldeia São José, através de suas trajetórias e espacialidades. As leituras realizadas do trabalho de Rocha (2001), Lima (2014) e Rocha (2016) atentei-me ao fato das mulheres deste povo exercer múltiplas funções no território, além de construírem trajetórias recorrentemente com a cidade de Tocantinópolis (TO) para vários fins, pois, é comum vê-las em diversos lugares, como comércios, lojas, bancos, UFT, Hospital, FUNAI, ou seja, são vários trajetos realizados da aldeia a cidade, fato que não era comuns décadas anteriores.

Situo este estudo, destacando a conjuntura que se encontra os povos indígenas no Brasil, pelo contexto de retrocesso em seus direitos pelo atual governo. Uma das medidas tomadas pelo atual governo foi à medida Provisória (MPV) 870/19 (Anexo 1) que inviabiliza de vez o reconhecimento e a demarcação das terras indígenas, transferindo a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) para o ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (Decretos 9660/19) (Anexo 2) e (decreto 9673/19) (Anexo 3). Além de entregar a atribuição de demarcar as terras indígenas para a Secretaria Especial de Assuntos Fundiários do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) sob o comando de representantes do latifúndio e do Agronegócio. No dia 22 de Maio de 2019 é aprovada a Medida Provisória (MP) 870/2019 pelo plenário da Câmara, onde a FUNAI volta a ter competência de demarcar essas áreas e ser subordinada ao Ministério da Justiça. Uma das articulações organizada pelos povos indígenas contra estes desmontes foi “O Encontro Nacional em Defesa dos Direitos dos Povos Indígenas o “Acampamento livre” (Anexo 3) que ocorreu entre os dias 24 e 26 de abril de 2019 em Brasília-DF. Atento-me a este contexto, para compreender a problemática deste estudo através do contexto social dos povos indígenas Apinajé observo que este povo discute, debate e articula politicamente contra os desmontes dos seus direitos.

Este estudo surge pela inquietação em observar a presença desta etnia na cidade de Tocantinópolis (TO), e visualizar que este fenômeno social não foi analisado na perspectiva de gênero pelos estudiosos que pesquisaram esta etnia. A problemática desta pesquisa é compreender como são construídas as trajetórias das mulheres indígenas Apinajé com a cidade de Tocantinópolis (TO), com o objetivo de analisar as trajetórias socioespaciais da aldeia São José com a cidade de Tocantinópolis (TO).

Trago como referência o ensaio mulheres-cabaças (2017) produzido por uma mulher do povo indígena Krahô, Creuza *Prumkwyj* Krahô do estado do Tocantins. Este povo possui várias características em comum com os povos indígenas Apinajé como: A língua, corrida de

tora⁴ e as pinturas, os mesmos foram classificados por Curt Nimuendajú (1956) (1981) como Timbiras⁵, além de outros povos indígenas do estado do Maranhão e Pará. No ensaio a professora Krahô ressalta que os pesquisadores que adentram a aldeia só pesquisam homens. Insatisfeita com estes episódios iniciou pesquisas com as mulheres, no intuito de valorizar os conhecimentos destas, além de ouvi-las. “Ao pesquisar, vi que a maioria das coisas não é do jeito que estão registradas, porque são as mulheres que fazem e os homens que contam” (KRAHÔ, 2017, p.2). O trabalho da professora Krahô é relevante por mostrar a cultura do seu povo pela concepção das mulheres. Faço referência a algumas categorias nesta pesquisa, ao se referir ao grupo étnico estudado.

Utilizo a categoria de povos indígenas situados em Célia Collet (2014) ao mencionar que o termo índio é equívoco:

Sabemos que o conceito de índio provém de um equívoco: o fato de os colonizadores europeus, em sua chegada ao continente americano, acharem que estavam na Índia e estenderem de forma genérica a denominação para todos os habitantes que encontraram vivendo nesse território (COLLET, 2014, p.11).

Destaco a categoria indígena pautada nesta mesma teórica “[...] aceitar e promover as denominações genéricas como forma de fortalecimento da identidade conjunta e de união na luta por direitos comuns.” (COLLET, 2014 p.13). Neste sentido, utilizo em vários momentos a categoria povos indígenas, compreendendo que o movimento indígena aceita esta denominação como forma de fortalecimento de união na luta dos seus direitos. Faço uso do termo não indígena ao se referir à população que vive aos entornos do território desta etnia

Esta pesquisa segue os caminhos da história oral de vida pautadas nas concepções de Giraldin (2011), Meihy & Ribeiro (2011), Freire (2006) e Portelli (1997). Segundo (MYNAIO, 1994, p. 21) “A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa nas Ciências Sociais com um nível de realidade que não pode ser quantificado [...]”. A partir desta citação entendo que a pesquisa qualitativa parte de uma minuciosa compreensão acerca dos fenômenos sociais que estão em constante processo de transformações, assim, a investigação social não pode ser quantificada no nível da pesquisa quantitativa. Sigo os caminhos de Weber & Beaud (2007) na realização da pesquisa de campo na aldeia São José e na cidade de Tocantinópolis (TO), vivenciando as espacialidades e trajetórias das mulheres indígenas Apinajé.

⁴ Corrida realizada para reverenciar os mortos da aldeia.

⁵ Curt Nimuendajú (1956) como Timbiras, grupo que compreende outras etnias, por possuírem vários aspectos culturais em comum. São elas: os *Ramkokamekrá* (Maranhão), os *Apaniekrá* (Maranhão), os Krikati (Maranhão), os *Pykobyê* (Maranhão), os Gaviões (Pará) os Krahó (Tocantins).

Giraldin (2011) ressalta o fato de se pensar e escrever a história oral de um povo indígena, que viveram em uma sociedade ágrafa, destacando que o primeiro problema se refere à oralidade com fonte documental em contraposição a fonte de documentação escrita:

Em contraposição às fontes escritas, a história oral pode ser vista, dentro da tradição historiográfica ocidental, como uma fonte documental específica que possibilita ao historiador ter acesso aos acontecimentos passados, mas estes apresentados em suas significações sociais através das experiências de atores que vivenciaram determinado período ou fato (GIRALDIN, 2011, p.224).

A fonte oral é vista dentro da tradição oral e da tradição historiográfica ocidental, que possibilita ao historiador acesso a acontecimentos anteriores, sendo que esses dados são a partir de experiências de atores que vivenciaram certo período. A segunda problemática é história oral quanto metodologia, na escolha de atores sociais e análise de discursos:

[...] busca-se atingir a representação ou a significação que esse sujeito constrói de sua experiência. Nestas análises discursivas há uma presença marcante do autor do texto que busca compreender a significação sobre o assunto abordado expressa no discurso do sujeito pesquisado (GIRALDIN, 2011, p.224.)

Ou seja, a escolha dos atores para a análise dos discursos é importante por notar a significação dos assuntos abordados. Giraldin (2011) chama a atenção para os recursos utilizados pelos povos indígenas Apinajé para a manutenção da memória como: as narrativas, os cantos rituais e a onomástica⁶.

Portelli (1997) destaca que as pessoas pesquisadas podem narrar episódios em poucas palavras, que dura um longo tempo, ou podem esmiuçar pequenos eventos. Desta maneira, o autor ressalta o fato de ocorrer oscilações, entre a velocidade da narração e a intenção do narrador. Um dos pontos que torna a história oral diferente é:

[...] aquela que nos conta menos sobre os eventos que sobre os significados. Isso não implica que a história oral não tenha menos validade factual. Entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas. (PORTELLI, 1997, p.31).

A história oral, nos fala sobre os diversos significados de um fato, além das entrevistas revelar diversos aspectos desconhecidos, sempre mostram outros fatos inexplorados da vida diária. Portelli (1997) salienta “[...] que a fala e a escrita, por muitos séculos, não existiram separadamente: se muitas fontes escritas são baseadas na oralidade, a oralidade moderna por si está saturada de escrita” (PORTELLI, 1997, p.33). Neste sentido, entende-se que a fala e escrita andam juntas por muitos séculos, onde a oralidade moderna é saturada na escrita, a sacralidades da escrita muitas vezes dá a entender que as fontes orais são objetivas, sendo que

⁶ Os nomes pessoais são os principais elementos presentes no discurso das pessoas Apinajé que indicam a formação de uma identidade coletivamente incorporada, bem como servem como elemento de conservação de memória da pessoa e da coletividade. (GIRALDIN, 2011, p.225).

são parciais artificiais e variáveis. Meihy & Ribeiro (2011) destaca que as narrativas variam de pessoas, onde podem ocorrer interferências que mudam o rumo de alguma entrevista. Ele destaca cinco formas principais de narrativas: narrativas de vidas públicas, narrativas épicas, narrativas trágicas, narrativas cômicas e narrativas mistas. Neste sentido atento-me as narrativas mistas:

Narrativas mistas: a maioria das pessoas contam a própria história mesclando várias soluções narrativas. Tanto a tragédia como o humor acentuados, muitas vezes conjugam-se com factualismo sentido épico e trágico. O esforço em se pontuar a vida como um tipo de heroísmo cotidiano leva as pessoas a se autoprojetarem como síntese da vida coletiva. (MEIHY&RIBEIRO, 2011, p. 121).

As narrativas mistas são eficazes para entender as narrativas das mulheres pesquisadas do povo indígena Apinajé. Freire (2006) cita que a tradição oral designa a arte “nesta acepção, a tradição oral engloba a poesia, as baladas, os provérbios, os mitos, os contos e toda a literatura oral. (FREIRE, 2006, p.19), ou seja, a história oral é a transmissão de conhecimentos através da oralidade, reproduzidas em sociedades que não possuem a cultura da história escrita, como é o caso das comunidades indígenas, que tradicionalmente reproduz os conhecimentos pela oralidade.

A observação participante ocorreu na aldeia São José e na cidade de Tocantinópolis (TO) no período de julho a Dezembro de 2019 no qual vivenciei as espacialidades, trajetórias e cotidianos das mulheres pesquisadas⁷. Para a realização desta pesquisa, apresentei o projeto para a comunidade da aldeia São José, destacando a relevância e a problemática que perpassa este trabalho, após a aprovação pelas mulheres e representante dos povos indígenas Apinajé Davi *Waminen*, iniciei a observação participante na aldeia São José e na cidade de Tocantinópolis (TO). Situo a discussão de Homi Bhabha (2007) para compreender os aspectos culturais que transcorrem os povos indígenas Apinajé, pois ele fala de cultura a partir das relações pós- coloniais, nesta concepção vai discorrer sobre os “entre-lugares”:

Esses ‘entre-lugares’ fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação –singular ou coletiva- que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação no ato de definir a própria ideia de sociedade. (BHABHA, 1998, p.20, grifo do autor).

A análise da cultura pelos entre-lugares é pautada nas espacialidades que este povo estabelece em outros territórios. Faço referência a CIRQUEIRA (2010) e MACHADO & RATTS (2012) para compreender as trajetórias socioespaciais na cidade de Tocantinópolis (TO) é observada pelos entre-lugares que as mulheres estabelecem em suas espacialidades no contexto urbano.

⁷ Itelvina, Heloísa, Silvana, Maria de Fátima, Delma e Delinan.

No próximo tópico apresento a localização territorial da pesquisa e estrutura teórica, seguindo os caminhos da perspectiva interdisciplinar, Gênero, trajetórias socioespaciais e representações sociais.

1.1 Localizações da área de estudo e estrutura teórica da pesquisa

A presente pesquisa parte da perspectiva interdisciplinar pautada em Pombo (2006) que conceitua “[...] a interdisciplinaridade traduz-se na constante emergência de novas disciplinas que não são mais do que a estabilização institucional e epistemológica de rotinas de cruzamento de disciplinas” (POMBO, 2006, p. 210). Sigo a perspectiva interdisciplinar através da discussão de trajetórias socioespaciais, representações sociais e gênero.

A percepção interdisciplinar de cultura e território se dá no espaço e no tempo, onde as relações territoriais são estabelecidas a partir das territorialidades e do lugar, as pessoas têm suas inter-relações, tanto sociais, econômicas, culturais, dentro de um território ou de múltiplos territórios. A mulher indígena Apinajé no seu contexto intercultural dentro da aldeia estabelece relações espaciais distintas, assim como a presença desta mulher no contexto urbano de Tocantinópolis (TO).

A relação do espaço geográfico que ela está inserida interfere na trajetória de vida, e estas trajetórias socioespaciais também intervêm na sociabilidade dessas mulheres no contexto da cidade de Tocantinópolis (TO). Cirqueira (2012) e Machado (2012) foram os primeiros a discutir pensando nesse conceito de trajetórias socioespaciais a partir de sujeitos específicos no caso de pessoas negras em vários enfoques socioespacial. Assim observo as trajetórias pelas espacialidades das mulheres indígenas Apinajé com a cidade de Tocantinópolis (TO).

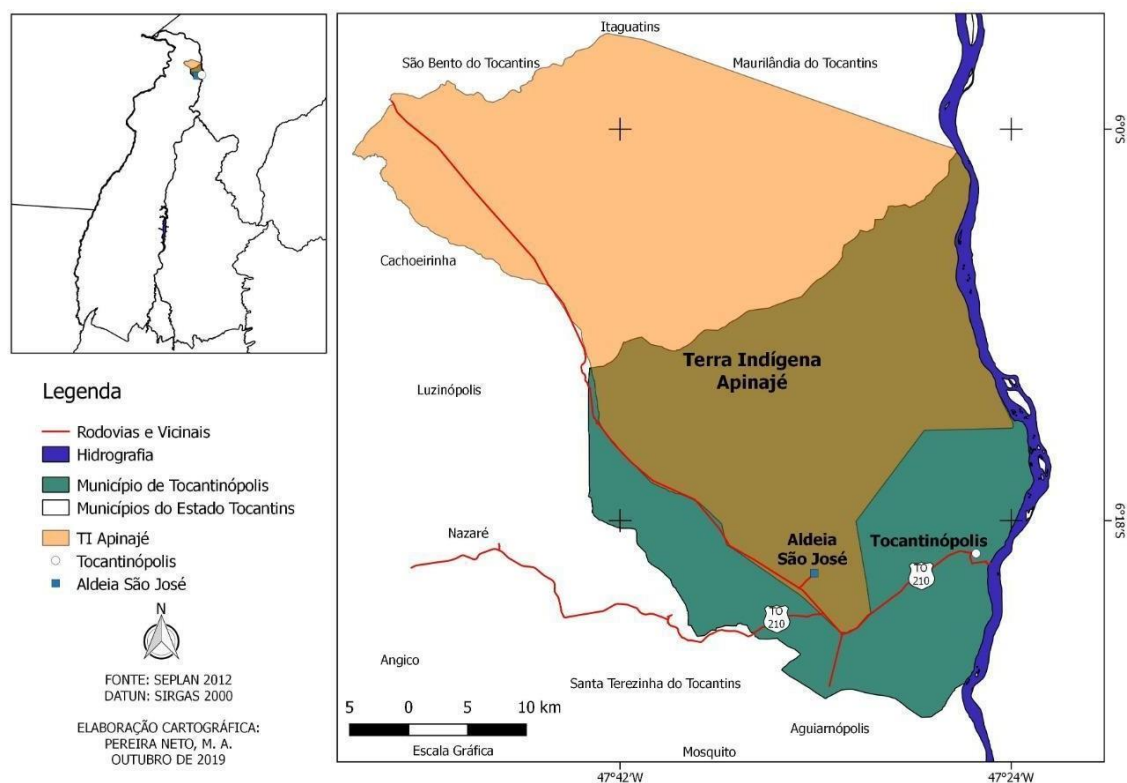
Diogo Cirqueira (2010) ressalta que é necessário olhar as trajetórias que os sujeitos constroem em seu cotidiano. Assim, o espaço e a sociedade possuem influência nas trajetórias que as pessoas realizam. (CIRQUEIRA, 2010, p.43).

Trago a perspectiva de Goffman (1980) por aludir à categoria de estigma, assim correlaciono à discussão das representações sociais que as mulheres indígenas possuem em Tocantinópolis (TO) pautada nos estigmas que elas carregam pela sua condição étnica e de gênero:

[...] como foi sugerido, é provável que não reconhecamos logo aquilo que o torna desacreditado e enquanto se mantém essa atitude de cuidadosa indiferença à situação pode tornar tensa incerta e ambígua para todos os participantes, sobretudo a pessoa estigmatizada (GOFFMAN, 1980, p. 38).

No primeiro contato relacional notamos o estigma, que no caso dos povos indígenas é a questão étnica, neste sentido, são plausíveis as representações construídas as mulheres Apinajé através das espacialidades na cidade. Na discussão de gênero movimento as respectivas teóricas Ângela Sacchi (2006; 2012); Cristiane Lasmar (1999); Welitânia Pereira Rocha (2016; 2018) e Vanessa Lea (1992) estas estudam gênero nas perspectivas da cultura indígena, com concepções de gênero que rompe o modelo categórico ocidental. Realizo a revisão bibliográfica das obras que versam gênero na etnia Apinajé através de dissertações e um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Rocha (2016) por ser o único trabalho nível graduação que discute gênero na perspectiva indígena Apinajé.

O mapa 1 representa a localização do território Apinajé e o território da cidade de Tocantinópolis (TO), territórios que analiso as trajetórias socioespaciais com a cidade de Tocantinópolis (TO):

Mapa 1: Localização da área de estudo

Fonte: Pereira Neto (outubro/2019).

No mapa 1 está situada a localização do povo indígena Apinajé, especificamente a aldeia São José e a cidade de Tocantinópolis (TO). São nos respectivos territórios que realizo a observação participante com as mulheres interlocutoras deste trabalho. O corpo desta dissertação está organizado em três capítulos o primeiro capítulo contextualizo o povo indígena Apinajé e a cidade de Tocantinópolis (TO), com dados históricos e dados atuais do povo Apinajé, destacando o contexto da aldeia São José. Apresento características do território e culturais do povo Apinajé, dados populacionais e atuais. Exponho um fluxograma com obras analisadas através do recorte de gênero e dados históricos.

O segundo capítulo apresento as mulheres indígenas Apinajé através da revisão da literatura indígena Apinajé e pesquisa de campo na aldeia São José, mostrando as temporalidades e espacialidades e gênero. Destaco as mulheres cacicas, as funções sociais que as mulheres exercem em seu território e as mudanças sociais que ocorreram ao longo do tempo a partir da questão de gênero nesta etnia. Detalho as mulheres nos dias atuais, através de características das interações sociais no território e espacialidades na cidade de Tocantinópolis (TO).

O terceiro capítulo aborda as trajetórias socioespaciais das mulheres da família da matriarca Itelvina, mostrando suas trajetórias de vida, funções sociais que exercem no

território e trajetórias socioespaciais na cidade de Tocantinópolis (TO) na perspectiva gênero. Apresento as representações que as mulheres possuem na cidade, pautadas nos estigmas que esta população carrega pela questão étnica.

No próximo item contextualizo os povos indígenas Apinajé e a cidade de Tocantinópolis através do contexto histórico, territorial e cultural.

2 CONTEXTO HISTÓRICO, SOCIAL E CULTURAL DOS POVOS INDÍGENAS APINAJÉ

A fundamentação teórica que remete ao contexto histórico, cultural, geográfico e social do povo indígena Apinajé foi realizada através da revisão bibliográfica de obras que versam esta temática. A revisão foi realizada seguindo o tempo cronológico que foi escrito as obras, detalhando o povo desta etnia no contexto pesquisado, com dados populacionais, aldeias, aspectos culturais, territoriais, conflituais e rituais.

Neste tópico, atentar-me-ei as obras de Carlos Estevão (1930), Curt Nimuendajú (1956), Roberto DaMatta (1976), Reginaldo Gonçalves (1981), Odair Giraldin (2000) e Vanusa da Silva Lima (2018). As obras que versam especificamente sobre as mulheres Apinajé serão apresentadas no capítulo 2. Mulheres Apinajé: um Estudo de Gênero a Partir da Revisão Bibliográfica e Pesquisa de Campo.

O trabalho de Carlos Estevão de Oliveira “*Os Apinagés do alto Tocantins*” (1930) data que mais de um século o povo indígena Apinajé habitava as regiões do rio Araguaia e Tocantins, divididas em quatro aldeias: Bacaba, Mariazinha, Gato-Preto e Cocal. Carlos Estevão recebeu quatro Apinajé em Belém (PA) entre eles a liderança José Dias Matúk (Chefe da aldeia Bacaba). Passaram 33 dias naquela cidade, foram indagar sobre seu território aos governantes, pois, suas terras estavam sendo invadidas e atacadas por pessoas ricas da região. A data que marca a chegada dos indígenas em Belém foi dia 12 de setembro de 1926. Oliveira (1930) organizou um material sobre os aspectos culturais da etnia Jê. Ele descreveu os Apinajés com as seguintes características: Estatura forte, alta, de um metro e sessenta e cinco centímetros a um metro e sessenta um, os lóbulos das orelhas rasgados e furos dos lábios inferiores. A coloração da pele variava, se um era bastante claro o outro era escuro, onde se pintavam com urucum.

Sobre as lideranças das aldeias, ele cita que cada aldeia tinha um chefe que na língua Apinajé é “*Paiti*” e um ou mais Pajés que na língua é “*Vaiangá*”. Oliveira (1930) destaca os quatro Apinajés em relação às suas aldeias, eles cultivavam mandioca, milho, arroz, feijão, jerimum, algodão, batata, mendibu, jamarú, tabaco, cará e outras plantas. A aldeia Bacaba atual aldeia São José tinha característica circular, possuindo várias casas, o chefe José Dias *Mãtyk*, falou que apesar do contato com os “brancos” sob a influência da religião católica, conservam seus hábitos e dialetos. As crianças recebem o nome cristão pelo padre e o nome em Apinajé através do pajé. Os casamentos aconteciam neste mesmo intuito, casamento cristão e outro da cultura Apinajé.

As informações sobre as festa Oliveira (1930) descreve o ritual de iniciação:

Todos os anos, em época determinada, os rapazes que atingem a puberdade fazem a festa dos Torós, esta consiste em uma espécie de justa, no qual os porfiadores correm determinada distancia conduzindo sobre o ombro um tóro de buriti adrede preparado (OLIVEIRA, 1930, p.65).

Na cerimônia matrimonial o pai que escolhia o marido da noiva, antes do matrimônio ocorria muitas festas, pelo período da manhã onde o pajé aconselhava os noivos. O povo Apinajé veneram o sol e a lua, pois, acreditam que a humanidade foi feita por esses astros. Quando vão fazer suas plantações pela manhã, ficam em jejum, mostrando ao sol as sementes, para que possa nascer e dar bons frutos. Quando as plantas estão em um bom desenvolvimento, cantam e fazem festas compartilhando entre si, formando uma fileira em frente ao pajé:

Fazem ao sol, quando nasce e a lua, quando entra no crescente, festas aqueles astros que não deixem de dar chuvas para o roçado e que destes afastem as lagartas, os gafanhotos, os ratos, coelhos e os demais bichos nocivos (OLIVEIRA, 1930, p.65)

O ritual do fogo era uma festividade realizada todos os anos. Quando chegava o “tempo certo” uma grande fogueira era feita no pátio da aldeia à noite, onde todos dançavam e cantavam. Durante o ritual dois meninos são os donos do fogo, os pais dos meninos serviam as pessoas bolo de mandioca com carne, encerrando a festa. Esse ritual não é mais realizado entre os Apinajé contemporâneo.

Oliveira (1930) questionou José Dias *Matúk* por creem em sociedade formada só por amazonas, ou seja, mulheres. Respondeu que todo Apinajé sabe disso, essas mulheres são chamadas de *cupêndia*, falou que estranhava o fato dessas mulheres terem filhos, vivendo longe dos homens ele citou que quando nasce um menino na aldeia os urubus ficam felizes, é mais um caçador para deixar a carniça no mato. Quando nasce uma menina as lagartixas ficam felizes são elas que preparam as comidas, assim deixam cair fragmentos no chão e serve de comidas para as lagartixas. Através das informações de Carlos Estevão Oliveira (1930) percebo como este povo se organizava socialmente na década de 1920, através dos relatos dos quatros Apinajés, Oliveira (1930) que recolheu várias informações sobre esta etnia naquele contexto. A viagem realizada por estes quatros índios marca o início da reivindicação e luta pelo território indígena Apinajé.

O trabalho de Curt Nimuendajú (1956 e 1983), *Os Apinajé*, versa que este povo é de ramificação Timbira⁸, em particular aos Krinkati (*Caracaty*). Os primeiros contatos são

⁸ Como Timbiras e outros povos Indígenas por possuírem vários aspectos culturais em comum. São elas: os *Ramkokamekrá* (Maranhão), os *Apaniekrá* (Maranhão), os *Krikati* (Maranhão), os *Pykobyê* (Maranhão), os Gaviões (Pará) os *Krahó* (Tocantins)

datados pelos jesuítas PP. Antônio Vieira, Francisco Velloso, Antônio Ribeiro e Manoel Nunes, nos anos 1633 e 1658. “[...] empreenderam quatro entradas, Tocantins acima, a fim de descerem índios para as aldeias do Pará. Já na primeira dessas viagens, passaram além da boca do Araguaia [...]” (NIMUENDAJÚ, 1983, p. 1). Em 1774 é marcado o primeiro encontro entre os Apinajé e “civilizados”, quando Antônio Luiz Tavares viu muitos índios na cachoeira de Três Barras, durante uma viagem de Goiás e Pará. Os Apinajés era a única etnia dos Timbiras a fabricar embarcações:

A partir de 1797 entraram os Apinayé em contato permanente com os civilizados. Neste ano o governo do Pará fundou na boca do Araguaia o posto militar de São João das Duas Barras (Hoje São João do Araguaia). Porém ao invés de estabelecer uma paz permanente, começaram desde logo lutas sangrentas entre os Apinayé e a guarnição do posto (NIMUENDAJÚ, 1983, p.1)

Este é um dos episódios de contatos, marcada por vários conflitos. Em 1844, Castelnau encontrou 21 Apinajé na Cachoeira de Santo Antônio, visitou depois Boa Vista (atual cidade de Tocantinópolis (TO), e duas aldeias, passou uma noite em uma aldeia, onde assistiu diversas cerimônias. Já em 1859 umas das três aldeias existentes foram visitadas por Vicente Ferreira que calculou um total de 1.800 a 2.000 indígenas. Nimuendajú passou dois meses entre os Apinajé no ano de 1928, visitando as quatro aldeias, calculou um total de 150 indígenas. No ano de 1930 passou uma semana entre eles, em 1931 foram dois meses, em 1932 duas semanas e no ano de 1937 dois meses, notando uma população de 160 pessoas.

É importante mencionar que Nimuendajú (1983) notou uma grande presença de neobrasileiros (como Nimuendajú cita os não-indígenas) na região do território Apinajé. Durante a estadia com os Apinajé avistou quatro aldeias: Mariazinha, Cocal, Gato Preto e Bacaba. A aldeia Mariazinha é a aldeia mais próxima do Tocantins, na época havia duas choças (casas) ocupada por 14 pessoas. A aldeia Cocal “[...] esta situada a pouco mais da metade do caminho de Boa Vista a São Vicente, mas já em águas do Araguaia.” (NIMUENDAJÚ, 1983, p.10) havia três choças e 25 pessoas:

Todas as noites havia bailes com musica de violão, arranjados pelos vizinhos neobrasileiros da aldeia; da mesma forma, os habitantes desta não faltavam a nenhuma festa “cristã” da vizinhança principalmente para não perderem a ocasião de comer a farta, pois, afóra os seus trajes civilizados, nada possuem. (NIMUENDAJÚ, 1983, p.10)

Através deste relato, percebemos os contatos interétnicos, que está aldeia tinha com a população *neobrasileira*, principalmente pelas festas. A aldeia Gato Preto era situada na margem direita do ribeirão Botica, na primeira visita de Nimuendajú em 1928 tinha sete casas com 61 pessoas. Em 1937 tinha um total de 80 pessoas. A aldeia Bacaca (atual aldeia São José) era situada nas confluências dos ribeirões São José e Bacaba, próximo da cidade de Boa

vista (Tocantinópolis). Na visita de Castelnau em 1844 encontrou uma aldeia de 21 casas com 850 habitantes, Ferreira em 1844 encontrou 30 a 40 choças com 600 habitantes, em 1928 era um total de 50 pessoas, em 1937 constituía um total de 70 pessoas. Através desses dados, ficam claro as descontinuidades populacionais deste povo. O trabalho de Curt Nimuendajú (1983) é relevante por dar ênfases aos aspectos de contatos e invasões da população não indígena com este povo, além do contexto das aldeias e os dados populacionais.

A tese de doutorado de Roberto DaMatta *Um Mundo dividido: a estrutura social dos índios apinayé* (1976) menciona que durante sua pesquisa de campo havia duas aldeias, ocupando uma área de transição caracterizada por floresta tropical e cerrado, com uma região de mata ciliares, com ribeirões correndo para os rios Tocantins e Araguaia. (As aldeias são localizadas próximas aos ribeirões, sendo as aldeias São José (antiga Bacaba e Mariazinha):

Atualmente, porém, os Apinayé de Mariazinha e São José dependem menos da caça, e mais da agricultura e da coleta da amêndoa de babaçu, vendida nos postos indígenas das suas aldeias. Enquanto a caça e a agricultura estão relacionadas a um modo basicamente Apinayé de exploração do ambiente natural, o babaçu como produto dotado de permanente valor de troca no mercado regional é uma atividade essencialmente dependente da dinâmica economia brasileira. (DAMATTA,1976, p.34).

Através desta citação percebo que os Apinajé praticam a coleta do coco babaçu incentivado pelos chefes do posto indígenas localizado na aldeia. DaMatta (1976) cita que os Apinajé começaram a ser integrados na sociedade brasileira pela intensificação da navegação do rio Tocantins e ocupação do sertão do Maranhão, Bahia e Piauí, com a criação de gados. Na década de 1920, intensificaram as invasões e ocupações no território indígena, relacionada ao crescimento de Tocantinópolis (TO).

Outro fato observado é que os Apinajé citam que as pessoas que mora na cidade não gostam deles. Eles se referiam aos moradores da cidade de modo impessoal como “*o povo da cidade*”. Já os moradores do sertão eram sempre referidos pelos nomes. São os moradores dos povoados são Domingos, Raiz e Prata que mantinham contatos diretos com os indígenas. Tocantinópolis (TO) possuía uma população de cinco mil habitantes no período que DaMatta (1976) realizou a pesquisa, percebeu uma pequena parcela da população que os Apinajé classificavam “[...] que gostam de nós gente que gosta de conversar com os índios e sempre oferecem um café ou um agrado, na conceituação de um dos meus informantes [...]” (DAMATTA, 1976, p.56) quando os indígenas vão à cidade, teme agressões físicas e verbais por parte dos habitantes.

Através do trabalho de DaMatta (1976) notei que o período que estive com os Apinajé, o número de aldeias tinha diminuído, e os contatos interétnicos com os moradores da cidade e povoados foi intensificado, caracterizando essa relação através de preconceitos e estereótipos.

A dissertação de mestrado de José Reginaldo Santos Gonçalves intitulada “*A luta pela identidade social: o caso das relações entre índios e brancos no Brasil Central*” (1981) trata sobre a construção e manutenção da identidade do povo indígena Apinajé. Gonçalves (1981) esteve com os Apinajé em julho e setembro de 1978 e janeiro e fevereiro de 1980. Neste período os indígenas viviam em duas aldeias do município de Tocantinópolis (TO) com um total de 500 pessoas e a população de Tocantinópolis (TO) em torno de 30.000 habitantes. Gonçalves (1981) percebeu que a relação dos povos indígenas Apinajé e o povo da cidade são tensos, pois, os contatos pessoais não são recorrentes, quando os indígenas vão à cidade, são vistos acompanhados pelo encarregado dos Postos indígena:

Os Apinajé, particularmente os homens, vão a Tocantinópolis quando precisam fazer compras, consultar-se no hospital ou vender artesanato. Como já afirmei não são frequentes essas visitas. As pessoas de lá costumam visitar ou são os funcionários do Posto Indígena ou então pessoas com quem já mantinham um relacionamento anterior, fora de Tocantinópolis, geralmente ex-moradores dos povoados vizinhos as aldeias. Fora isso desse estrito círculo de pessoas não mantem relações pessoais com nenhuma outra. (GONÇALVES, 1981, p.25).

Neste período, era comum notar diversas representações negativas a este povo, como os estereótipos de inferioridade mental, a imagem de crianças, de preguiçosos, ladrões e feiticeiros. Eles eram vistos também como os “inocentes” e “puros” “[...] não portadores de vícios dos “civilizados” “sobretudo por parte dos religiosos da cidade .padres e catequistas, essa imagem tem bastante relevo” (GONÇALVES, 1981, p.27). Outra representação é a que eles são capazes de produzir um belo artesanato, como colares, pulseiras, lembranças, arcos e cestos.

Era comum os “civilizados” de Tocantinópolis (TO) procurarem o *vanhangá* (pajé) para consultas de problemas sentimentais e doenças, assim os indígenas eram vistos como pessoas poderosas do plano mítico. Outra situação que os Apinajé vão a cidade é quando acontecem os desfiles:

Ao que tudo indica, esse desfile (de que os Apinajé participam há alguns anos) pode ser interpretado como uma forma de integração dos índios na hierarquia local na condição de “índios genéricos” e associados a história e independência do Brasil. (GONÇALVES, 1981, p. 29).

Durante a pesquisa de Gonçalves (1981), ressaltou que os Apinajé viviam da caça e da pesca, apesar de cada dia está mais escassa, além de uma pequena agricultura de subsistência e da extração da amêndoa do coco babaçu vendido na cantina do Posto Indígena. Na aldeia

São José estava instalado a sede do Posto, mas devido à relação conflituosa entre os chefes desta aldeia e o encarregado do Posto, este mudou para a aldeia Mariazinha, acirrando mais ainda o conflito entre essas duas aldeias. Foi na mesma época que foi instalada o projeto agrícola financiado pela Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) nesta aldeia e administrado pelo encarregado. Neste contexto os indígenas eram acusados de ladrões. “[...] Casos de ‘roubo’ e matança de gado, casos de” bebedeira” [...] (GONÇALVES, 1981, p.55). Ou seja, esses rumores ficaram mais comuns depois que os Apinajé começaram a reivindicar a demarcação de seu território com mais frequência.

O trabalho de Gonçalves (1981) é importante por detalhar a relação dos povos indígenas com os *Kupê*, levando em condição a identidade Apinajé em contexto de grandes conflitos, devido o processo de demarcação do território que estava próximo a acontecer.

A tese de doutorado de Odair Giralдин intitulado *AXPÊN PYRÀK História, Cosmologia, Onomástica e Amizade Formal Apinaje*, (2000) cita que a cosmologia Apinajé é compreendida pela formação de três camadas. A camada celeste dividida por dois níveis, onde a lua é a mais alta de todas, por ser mais alta é a mais fria, abaixo está o sol sendo mais quente que a lua. A segunda camada habita os seres humanos animais e plantas. Na terceira camada é explicada pela existência dos Apinajé. Segundo o mito de criação narra que um homem estava caçando atrás de um tatu e furou essa camada:

Um homem estava caçando e perseguiu um tatu que entrou num buraco. Ele começou a cavar a terra enquanto o animal também cavava. O tatu cavou tão profundamente que furou a terra e ambos caíram na camada abaixo desta. O caçador caiu sobre a copa de um buriti. Embaixo, batendo os dentes, estava uma vara de caititu. Ele ali permaneceu, com receio de cair e ser mordido pelos caititus (GIRALDIN, 2000, p.58).

Desta maneira os Apinajé possuem receio em cavar muito fundo a terra para tirar o tatu do buraco quando vão caçar. Na pesquisa de campo de Giralдин (2000) havia sete aldeias, com dois PIN aldeia São José com as aldeias Patizal e Cocalinho, e o Pin da aldeia Mariazinha com as aldeias Riachinho, Botica e Bonito. Giralдин (2000) percebeu uma relação delicada entre os dois PIN, quando ocorre alguma festa, ou ação conjunta, ocorre desconfianças entre os membros das duas aldeias. As aldeias possuíam escola exceto a aldeia Botica, sendo apenas a aldeia São José e Riachinho que possuíam energia elétrica com utilitários domésticos como freezer e geladeira.

A tese de doutorado é relevante por dar ênfase à questão da cosmologia deste povo, além de ressaltar sobre as aldeias, percebo que durante sua pesquisa houve um crescimento de aldeias no território.

A dissertação de mestrado com título “*Entre Palmeiras: Produção e Transmissão de Conhecimentos entre as gerações Apinaje, Tocantins*” (2018) de Vanuza da Silva Lima é um estudo sobre a transmissão de saberes do uso das Palmeiras entres os Apinajé, a pesquisadora cita que os dados obtidos foram através de cinco anos de vivencias com os Apinajé ela esteve à primeira com os Apinajé foi no ano de 2008, convidada por uma professora para acompanhar uns alunos em uma aula a campo na aldeia Patizal. Mas a pesquisa de campo para o mestrado ocorreu em junho de 2017 a julho de 2018, estando nas 40 aldeias do território, além das recém-fundadas. A pesquisadora cita sobre as palmeiras no Território:

As palmeiras em sua grande diversidade ocupam a área, marcam destaque numa visão panorâmica. As altivas e de copas exuberantes, buriti, buritirana, babaçu, patis, bacabas, inajá, macaúba, juçara, açai e as rasteiras piaçavas e tucum de miotas. O aproveitamento destas plantas é absoluto. Das construções das moradas à composição de pratos da culinária Apinaje. Além do vasto uso na elaboração das peças utilitárias ou enfeites ritualísticos. (LIMA, 2018, p.45).

Desde seu nascimento a criança já mantém contatos, pois, as casas são cobertas por palhas da palmeira do babaçu. Lima (2018) chama atenção para o fato dos nomes dado as aldeias têm influência de “[...] marcos da paisagem contemplativa, os rios (hidrotopônimos), as árvores (fitotopônimos), os animais (zootopônimos).” (LIMA, 2018, p.59). Além de algumas aldeias homenagearem nomes próprios da língua Apinajé aldeia Irepxi e aldeia Pecob. A autora ressalta a catalogação das palmeiras no território: babaçu (*Attalea speciosa*), bacaba (*Oenocarpus bacaba*), najá ou inajá (*Attalea maripa*) buritirana (*Mauritiella armata*), piaçava (*Aphandra natalia*), macaúba (*Acrocomia aculeata*), buriti (*Mauritia flexuosa*), pati (*Syagrus botryophora*) e açai ou juçara (*Euterpe oleracea*). Algumas dessas plantas são utilizadas para a alimentação da aldeia, além de algumas ser carregadas de espiritualidade. O trabalho de Vanusa Silva Lima (2018) é relevante por explorar acerca da transmissão de saberes sobre as palmeiras, árvore comum do território, utilizada para vários fins, além de citar dados sobre os Apinajé atuais.

Através da contextualização histórica da etnia Apinajé, são notáveis que as obras citadas acima, não explicitam à mulher indígena Apinajé e suas especialidades, só após o ano 2000, que são realizados trabalhos que versam sobre a questão de gênero na literatura indígena Apinajé.

No próximo item detalho os aspectos geográficos do território indígena Apinajé especificando as características e conflitos territoriais.

2.1 Aspectos Geográficos do Território Indígena Apinajé

O Território Apinajé passou por várias transformações geográfica e social ao longo dos contatos interétnicos, como a crescimento e decréscimo desta população. Saquet (2007) discorre que “[...] a produção do território é constituído pelo movimento histórico e por simultaneidade [...] (SAQUET, 2007, p.56)”, ou seja, a análise histórica do território indígena Apinajé é marcada pelas descontinuidades e temporalidades pautadas por Saquet (2009) ao chamar atenção para uma abordagem que reconheça as dimensões da economia, política, cultura e natureza do território:

O caráter material e imaterial do território e da territorialidade requer, evidentemente, uma abordagem que reconheça a unidade entre essas dimensões ou entre as dimensões da economia-política-cultura-natureza (E-P-C-N). (SAQUET, 2009, p.74).

No território indígena Apinajé é visível às descontinuidades das dimensões citada por Saquet (2009) através dos momentos históricos de territorialidades e espacialidades. Outra descontinuidade observada no território Apinajé são os dados populacionais representadas pelos dados Instituto Socioambiental (ISA):

Quadro 1: Dados da representação dos povos Apinajé.

Contexto histórico	Fonte	Dados populacionais Apinajé
1824	Cunha Matos (1824)	4.200
1859	Ferreira Gomes (1959)	2.000
1897	Couderau (1897)	400
1926	Snethlage (1926)	150
1928	Nimuendajú (1928)	150
1967	DaMatta (1967)	253
1977	Waller (1977)	364
1980	Galvão (1980)	413
1985	FUNAI (1985)	565
1993	CTI (1993)	780
1997	FUNAI (1997)	1.025
2003	FUNASA (2003)	1.262
2010	FUNASA (2010)	1.847

Fonte: (<https://www.socioambiental.org/pt-br>).

Através dos dados acima, notamos que este povo passou por crescimento e decréscimo em vários contextos, principalmente pela invasão e exploração do território pelos *Kupê* (denominação aos não-indígenas na língua materna). No mapa 2 fica explícito como é organizado as aldeias do território (2019).

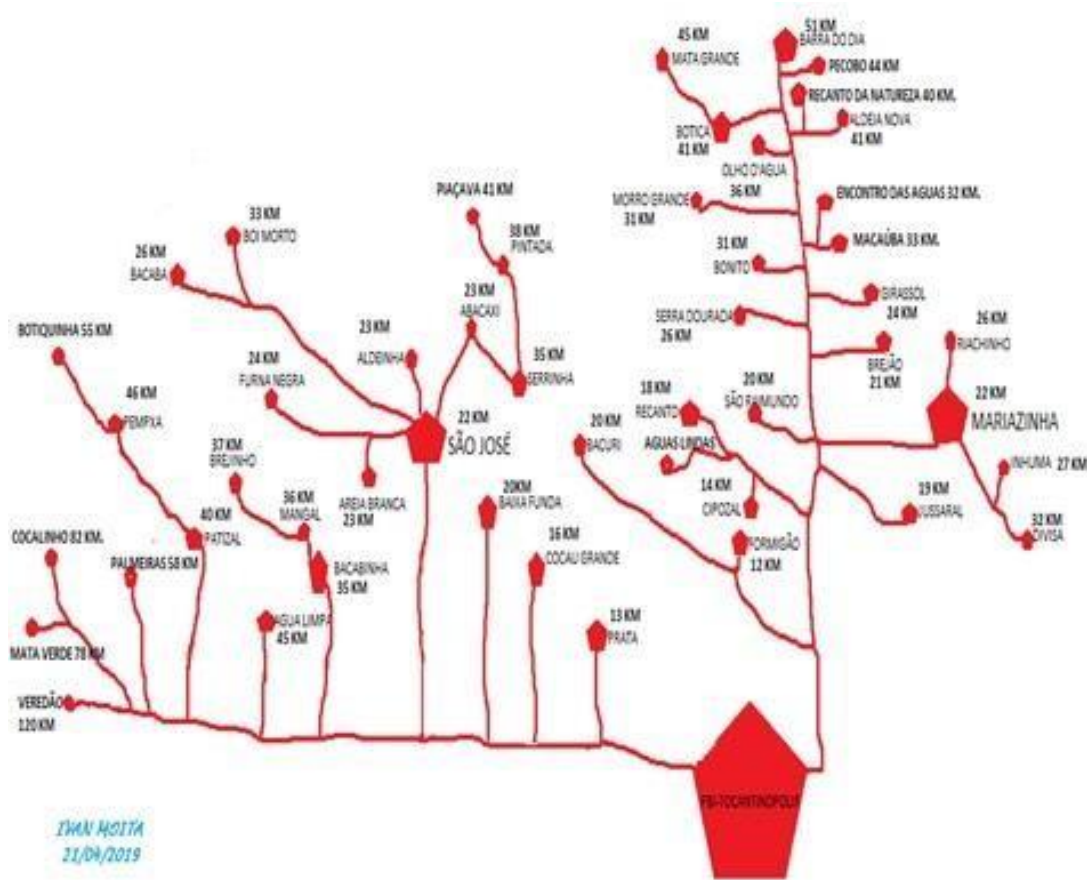
No mapa 2 visualizamos as aldeias distribuídas nos Pin⁹ da aldeia São José e aldeia Mariazinha, além das aldeias que circundam todo o território. Segundo a fala de algumas lideranças a tendência é crescer o número de aldeias, pois, a expansão de aldeia do território corrobora para evitar invasões da população regional aos recursos naturais como madeira e caças.

O território indígena Apinajé possui uma fitofisionomia com o tipo de cobertura vegetal de contato savana-floresta Ombrófila, floresta Ombrófila aberta e savana. Com bacias hidrográficas do rio Tocantins e Araguaia, o bioma é o cerrado. Através destas informações percebemos que o território é caracterizado por ter recursos naturais em abundância como água e solo. Raffestin (1993) ressalta que os recursos: água e solo são objetos de relações de poder:

[...] e estão no centro de estratégias múltiplas, estão integrados em técnicas que evoluem constantemente. As técnicas de utilização do solo e da água não param de ser aperfeiçoadas, para obter plantas e animais alimentares ou não. Porém, essas técnicas são consumidoras, num nível cada vez mais elevado, de recursos não-renováveis e, em particular, de energia[...] (RAFFESTIN, 1993, p.231).

⁹ Aldeias centrais do território.

Mapa 2: Mapas das aldeias do Território Indígena Apinajé.



Fonte: Moita, Ivan (2019).

Solo e água são uns dos recursos naturais de recorrentes conflitos entre os povos indígenas e a população local. No processo de demarcação do território acirrou esses episódios de conflitos, repercutindo pela região. Outra característica do território é a abundância dos babaçuais, havendo vários tipos de cerrado como aponta Giraldin (2000) “[...] em alguns casos, mesmo de manchas de floresta *hylea*, prevalecendo a ocorrência de floresta de galeria nas margens dos vários cursos d’água que banham a região” (GIRALDIN, 2000, p.4). Nas “manchas” os Apinajé fazem as “roças de toco” com a derrubada da vegetação sob as orientações do Prevfogo¹⁰. Atualmente utilizam maquinário para o manejo da roça com iniciativas do funcionário da FUNAI e as “roça de toco” com tradição de seus familiares. Os Apinajé coletam e caçam no cerrado apesar da oferta da caça diminuiu bastante devido às invasões ao território por fazendeiros, posseiros e madeiros. Giraldin (2000) destaca que apesar da extinção de algumas caças, andam pelo cerrado a procura:

¹⁰ Centro Nacional de prevenção e combate aos incêndios florestais.

Ainda assim, sempre que possível os Apinaje andam pelo cerrado à procura de toda sorte de mamíferos, como tamanduás (**pÿd** [Meb.= **pât**]) (tamanduá-mirim = **pÿdre**; tamanduá-bandeira = **pÿdti**), coatis (**wakô** [Meb.= **wakô**]), caítilus (**agrô** [Meb.= **anrô**]), veados (**karà** [Meb.= **karà**]), antas (**kÿkryt** [Meb.= **kukrüt**]), tatus (Meb.= **apjêti**) (tatu-peba = **ahxêt**; tatu-china = **tôn prîre**; tatu rabo-de-couro = **agrire**), além de aves (aves grandes = **àkti** [Meb.= **àkti**{harpia}]; aves pequenas = **kuwenh**), como a ema (**mãti** [Meb.= **mãti**] (exceto urubu) e répteis (exceto cobras [**kanã** ou **kutôj**] {Meb.= **kangã**} venenosas) que puderem apanhar (GIRALDIN, 2000, p.5).

Os principais ribeirões do território são: Ribeirão Grande, Botica, São José e Bacaba. Outra atividade pouco praticada atualmente é a pesca, desmatamento os investimentos na pecuária, eucalipto, soja e carvoarias nas proximidades e fronteiras com o território, causando desmatamento nas nascentes dos ribeirões. Vandana Shiva (2003) chama a atenção para estes fatos “[...] as florestas naturais foram derrubadas e substituídas por monoculturas de eucaliptos uma espécie estrangeira que produz muita polpa [...]” (SHIVA, 2003, p.43). Esta estudiosa destaca que o “[...] saber dominante destrói as próprias condições para a existência e alternativas de forma muito semelhante à introdução de monoculturas que destroem as próprias condições de diversas espécies [...]” (SHIVA, 2003, p.25), ou seja, o viés de desenvolvimento do saber dominante é baseado no desenvolvimento capitalista, destruindo diversas espécies, como é o caso da fronteira do território Apinajé onde os recursos naturais água e solo são contaminados com a introdução de monoculturas de eucaliptos, soja e crescimento da pecuária. Além de serem impactados pela Usina Hidrelétrica de Estreito (UHE). Rocha (2012) ressalva os impactos:

Segundo as lideranças apinajé, a barragem provocará a mudança das vazantes e das cheias do rio. Além disso, eles alegam que os deslocamentos populacionais causados pelas inundações levam a população ribeirinha não-índia a estabelecer povoados mais próximos da TI. Os índios temem que essa aproximação possa provocar o acirramento dos conflitos na região e intensificar a disputa por terras (ROCHA, 2012, p. 99)

Através desta citação, notamos os diversos impactos que a UHE de Estreito causa no território, o povo Apinajé reivindicam a demarcação do rio gameleira que ficou fora no processo demarcatório de 1985, onde tiveram partes de seu território reconhecidas.

No Mapa 3 visualizamos os recursos naturais água no território Apinajé que são os ribeirões que circundam o território além dos outros que estão na fronteira. É importante situar o recurso natural água que atualmente é bastante impactado pelos empreendimentos do agronegócio e pecuária próxima ao território.

No ano de 2018 o território indígena Apinajé possuía 45 aldeias, organizadas por duas aldeias centrais: São José e Mariazinha. O território é atravessado pela BR-230 próximo da aldeia Mariazinha uma das (rodovia Transamazônica) e a TO-126 próximo da aldeia São José.

Os Apinajé têm uma rede de relação das aldeias através da associação Pempxá- União das aldeias,¹² que tem o intuito de fortalecer este povo, politicamente, culturalmente e socialmente. São várias demandas debatidas nas reuniões, como educacionais, territoriais, questões da saúde, das estradas vicinais, e outras demandas. O número de aldeias é bastante representativo e a tendência é aumentar, principalmente para evitar invasões e exploração dos recursos naturais. No território possui duas escolas estaduais, uma localizada na aldeia Mariazinha e São José.

Um fato interessante deste povo é o número de pessoas que são cristãs, sendo comum encontrar missionários, pastores e outras pessoas que compõem as denominações de religiões que adentram ao território. É comum ocorrer festas nas aldeias com contratação de bandas da cidade de Tocantinópolis (TO), com músicas de forró, reggae e sertanejo. Em várias casas têm televisão, geladeiras, rádio e um número mínimo de pessoas que possuem carros e motos. Alguns Apinajé cursam faculdades na UFT-Tocantinópolis (TO) e cursos técnicos em outras instituições da cidade além de cursarem faculdade e mestrado fora do estado como na UFG-Goiânia (GO).

O Blog *Pempxá* é um meio de comunicação da associação união das aldeias, nele são noticiadas várias notícias, dentre elas destaco a problemática da saúde Apinajé, destacando que apesar da Secretaria Especial de Atenção à Saúde (SESAI) assumir o atendimento da saúde indígena, não ocorreu as mudanças necessárias para a melhoria nas estruturas úteis e no saneamento básico e nos atendimentos preventivos. No ano de 2014, 70% das aldeias não possuía abastecimento de água, principalmente nas aldeias fundadas recentemente, pois, as pessoas estão fazendo uso da água dos ribeirões, no qual ocasiona doenças e infecções.

Outro fato bastante comum dos Apinajé atualmente são as trajetórias socioespaciais que realizam na cidade de Tocantinópolis (TO), para fazer compras, consultas médicas, estudar, visitar parentes, ir à igreja, a FUNAI, Bancos, além de outros espaços. Os Apinajé complementam sua alimentação com alguns alimentos industrializados, como: arroz, refrigerante, bolacha, óleo, feijão, açúcar, leite, sal e outros itens alimentícios. Quando vão à cidade costumam ir de van, moto, no ônibus escolar, carro da FUNAI, carona ou nos carros

¹² A associação foi criada no dia 29 de agosto de 2008, realizada às margens do ribeirão Botica próxima a aldeia Patizal onde estavam presentes os caciques.

fretado por alguns comerciantes, eles são consumidores de vários comércios e lojas da cidade tantos nos bairros mais periféricos aos comércios do centro da cidade.

Os Apinajé enfrentam outros problemas no território, invasões territoriais, por fazendeiros, posseiros madeireiros e caçadores, além de contaminações do solo e dos recursos naturais. O território é visto como algo improdutivo na visão capitalista dos latifundiários e políticos da região ao considerarem que os indígenas são atrasos para o desenvolvimento. Próximo ao território tem plantações de eucaliptos, carvoarias e produção agropecuária, onde os indígenas reclamam que isso causa impactos ambientais, nas nascentes dos ribeirões, água contaminada, poluição do ar e diminuição dos peixes e caças.

Em junho de 2019 as lideranças Apinajé discutiram e avaliaram a situação das estradas vicinais do território, a reunião ocorreu no Ministério Público Federal da cidade de Araguaína (TO), foram ouvidos os relatos das lideranças além de ressaltar que as estradas vicinais é um problema antigo. No contexto atual muitos estudantes faltam aula devido ao mau estado das estradas principalmente no período de chuvas, além, em outras situações quando alguma pessoa precisa ir à cidade ou em outra aldeia.

No final de junho de 2019, ocorreu um evento na aldeia Serrinha no Território Apinajé, estavam presentes mulheres, lideranças e jovens, o objetivo foi debater a atual conjuntura dos povos indígenas no Brasil, sobre as constantes ameaças à política indigenista, as pessoas presentes manifestaram bastante preocupação com as diversas medidas tomadas pelo governo atual: “[...] *Cada ataque desse governo aos direitos indígenas, serão respondidos na força e na resistência, não vamos permitir que nossos territórios sejam arrendados para os produtores do agronegócio*” (Uma das falas durante o evento). Durante o evento ocorreu cantorias e danças no pátio para fortalecer a cultura, os anciãos enfatizarem que só querem viver em paz com água e o território e a floresta em pé e livre de ameaças. Os Apinajé mostraram bastante preocupação com os efeitos dos agrotóxicos:

O agronegócio está destruindo a mata, as nascentes, os rios, matando as abelhas, envenenando as caças e mudando a vida da terra, afirmaram, deixando claro que não vão deixar destruir os territórios indígenas nem acabar com os seus direitos. (Uma durante o das falas evento).

No final do evento foi redigido um documento final e assinado pelas lideranças manifestando a preocupação com os retrocessos do governo federal, ressaltando que não vão recuar em nenhum momento para a defesa de seus direitos.

Os Indígenas Apinajé estão buscando com mais presença à educação básica, ensino superior, pós-graduação e cursos técnicos, durante a pesquisa de campo realizei algumas

inscrições de vestibulares para algumas pessoas da aldeia e estudantes da escola *Mãtyk*, que ansiavam interesse em entrar na Universidade, mostrando que os mais jovens da aldeia buscam recorrentemente entrar no curso de nível superior.

Após a criação da Associação *Pempxá*, teve um maior fortalecimento das lideranças, pois, as reuniões são essenciais para debater as demandas das aldeias e assuntos relacionados ao cenário atual dos povos indígenas no Brasil. Outra questão bastante discutida é o monitoramento e defesa do território, pois, é comum ocorrer conflitos com os não indígenas que vivem próximos, pois o crescimento do agronegócio e agropecuária causam vários impactos à saúde deste povo, as nascentes são contaminadas com e agrotóxico e poluição do ar, além de ataques por madeireiros e caçadores que estão recorrentemente no território.

Em várias situações presenciei discursos destacando que os ribeirões estão secando, peixes, caças e frutas típicas do cerrado como buriti, pequi e bacuri estão desaparecendo, ressalva o medo de a futura geração passar fome se esta situação continuar. Apesar do fortalecimento das articulações políticas do povo Apinajé os gestores políticos das cidades que circundam o território Apinajé, demonstram pouco interesse nas políticas e direito deste povo, deixando em várias situações esta população aquém, apesar destas cidades receberem a compensação ambiental, como por exemplo, o ICMS Ecológico devido o território Apinajé proteger os recursos naturais e manter o território preservado.

No contexto atual da etnia Apinajé as mulheres estão inseridas praticamente em todas as instâncias sociais, chefia das aldeias, funcionárias da escola, Posto de saúde, participando de eventos, reuniões e manifestações fora do território, demonstrando que elas estão mais atuantes social e politicamente na cultura indígena Apinajé.

No próximo item destaco o contexto histórico e social da cidade de Tocantinópolis, espaço que analiso as trajetórias socioespaciais das mulheres indígenas Apinajé.

2.3 Contexto Social da Aldeia São José

A aldeia São José é uma das aldeias centrais do povo indígena Apinajé, com um total de 76 famílias e 353 pessoas segundo os dados da Secretária Especial de Saúde indígena (SESAI) no mês de julho de 2019. A aldeia é conhecida por realizar as principais festas e rituais deste povo, a aldeia Velha é chamada por ser uma aldeia antiga que foi criada ao lado do ribeirão Bacaba por José Dias *Mãtyk*, depois ela foi construída ao lado do Ribeirão São José, local que tinha muitos coqueiros de babaçus, sendo a atual aldeia São José. A aldeia é atravessada por dois ribeirões o São José (conhecido como São Josesinho) e o ribeirão

Bacaca, durante a observação participante na aldeia, percebi que as pessoas circulam bastante na cidade e outras aldeias do território, principalmente durante as festividades e reuniões. Em uma das casas desta aldeia tem um pequeno comércio, é vendido bolacha, sal, açúcar e outras coisas que os Apinajé consomem, várias pessoas têm motos e carros, além de casas construídas de tijolos, demonstrando assim os contatos interétnicos. As pessoas da aldeia frequentam a cidade constantemente para realizar compras nos comércios como aponta Rocha (2012):

Em decorrência da escassez da caça e da pesca, os Apinajé passaram a comprar a carne nos mercados e açougues. Como a compra regular de carne só é possível quando alguém da casa recebe algum benefício previdenciário (aposentadoria, auxílio-doença, bolsa-família etc), as pessoas demonstram uma ansiedade diária pelo consumo dessa fonte de proteína (ROCHA, 2012, p.23).

Presenciei várias situações que os carros dos comerciantes de Tocantinópolis (TO) chegando à aldeia para buscar e trazer as pessoas que compram nos comércios da cidade.

Em conversa com as interlocutoras¹³ desta pesquisa relataram-me o nome das aldeias que surgiram a partir da aldeia São José: Cocalinho, Aldeinha, Abacaxi, Bacabinha, Bacaba, *Irepxi*, Boi Morto, Água Limpa, Piaçaba, Pintada, Mata Verde, Cocal Grande, Patizal, Baixa Funda, Palmeira, Furna Negra, Prata, Serrinha, *Gôkrire* e Areia Branca. O cotidiano da aldeia São José é marcado por um trânsito de carros, motos e ônibus, por ser umas aldeias centrais, várias pessoas de outras aldeias vão estudar, realizar consultas médicas, jogar bola e visitar parentes.

Durante a observação participante na aldeia sempre levava lápis de cor e papéis para as crianças, uma delas desenhou a aldeia São José, detalhando as casas, ribeirões, ruas e as aldeias próximas da São José. Na figura 3 apresento um desenho da aldeia São José produzido por uma criança filha de uma das interlocutoras desta pesquisa.

¹³ Maria Itelvina, Heloísa, Silvana, Maria de Fátima, Delma e Delinan.

Figura1: Representação da aldeia São José



Fonte: Desenho feito por uma das crianças, durante a pesquisa de campo. (Setembro de 2019).

Na figura 1 está representada as casas, ruas, ribeirões e aldeias próximas da aldeia São José.

Observei que na aldeia São José é realizada uma coleta de lixo, de um intervalo amplo de uma coleta para outra, em alguns locais da aldeia possui acúmulo de lixo, próximos dos ribeirões tem muitas sacolas, garrafas pet, caixas de papelão e outros resquícios de lixo por conta das compras nos comércios em Tocantinópolis (TO). O cacique da aldeia Edimilson relatou que nas assembleias é bastante comentada esta situação, mas não tem como controlar o lixo, já que a prefeitura demora buscar o lixo e muitos indígenas não têm consciência dos danos ambientais do lixo ao meio ambiente.

Outra questão observada na aldeia, é a criação de gados e cavalos soltos na aldeia, em várias situações vi as interlocutoras “tangendo” os gados de seus quintais e até temendo ataques. Dona Itelvina matriarca da família, evita andar na aldeia, por causa dos gados soltos,

tem medo de atacá-las. Muitas pessoas têm suas hortas cercadas por conta dos porcos soltos e gados, presenciei essa situação quando estive na aldeia.

No próximo item apresento o contexto da saúde e educação indígena, através da perspectiva da aldeia São José.

2.4 Educação e Saúde: Escola Estadual Indígena Mătyk e Posto de Saúde Indígena

A Escola Estadual Indígena *Mătyk* atende os três níveis de ensino: Infantil, fundamental e ensino médio. Em setembro de 2019 a escola atendia 519 alunos vindas de várias aldeias, próximas da aldeia São José. Em vários momentos andei no ônibus escolar que busca os alunos para a escola, notei que as estradas vicinais de acesso a esses território é um dos principais problemas no contexto atual. No ambiente escolar, observei que muitas mulheres vão acompanhadas de seus maridos e filhos, enquanto elas estudam o marido cuida dos filhos no pátio da escola.

Recentemente a escola passou a ter acesso à internet, vários alunos e pessoas utilizam, especificamente as redes sociais WhatsApp, Youtube e Facebook. No ano de 2019 o time das meninas de Futsal foram classificadas na fase regional dos Jogos Estudantis Tocantinense para disputar a fase estadual em Palmas. O time treina no pátio da escola, já que não tem uma quadra poliesportiva na aldeia (Fotografia 1).

O Posto de Saúde Indígena da aldeia São José é um espaço que várias pessoas realizam consultas médicas e odontológicas. Esta aldeia é bastante movimentada por carros, ônibus e motos devido à unidade escolar e posto de saúde.

Fotografia 1: Escola Estadual Indígena *Mătyk*



Fonte: Torres (2019).

O posto de saúde atende as pessoas da aldeia São José e das aldeias próximas. Observei várias pessoas buscando atendimento, além dos carros do Polo de saúde indígena frequentando a aldeia e estradas próximas (Fotografia 2).

Fotografia 2: Posto de Saúde



Fonte: Torres (2019).

Durante a pesquisa de campo em outubro de 2019, presenciei uma situação em que uma adolescente de 12 anos sofreu violência pela mãe que possui problemas mentais. Os enfermeiros do Posto de Saúde que deveriam ficar de plantão no Posto estavam na Unidade Escolar acessando internet. O vice-cacique foi chamá-los para atender a adolescente, e estes recusavam o atendimento por afirmar que a mãe da garota era uma ameaça social. Ligaram para a cidade de Tocantinópolis-To e o carro do Polo de Saúde Indígena veio buscar a garota, no qual demorou bastante agravando o caso da menina. Percebi um distanciamento nas relações entre os funcionários do posto de saúde e os moradores da aldeia, uma das interlocutoras desta pesquisa, relatou que estes demoram bastante nos atendimentos as pessoas da aldeia, apesar de realizarem plantão no posto de saúde.

Na fotografia 3, apresento o atual pátio da aldeia São José, local que é realizados reuniões e eventos.

Fotografia 3: Pátio da aldeia.



Fonte: Torres (2019).

Durante a observação na aldeia São José, não presenciei assembléias e reuniões no pátio da aldeia. Mas segundo o representante do Povo Apinajé Davi *Waminen*, as reuniões estão ocorrendo com mais frequência na aldeia Pempxá, no qual vão às lideranças de todas as aldeias do território. A próxima figura (fotografia 4) retrata o antigo Posto da FUNAI, que era administrado pelo encarregado da FUNAI.

Fotografia 4: Antigo Posto da FUNAI



Fonte: Torres (2019).

Durante a observação participante na aldeia, presenciei a construção de uma casa próxima às casas das mulheres que pesquiso. Havia vários rapazes e parente da moça ajudando na construção, ela é conhecida por ser *kupry* s¹⁴. Através das vivências na aldeia, percebi que as mulheres solteiras com certa idade são chamadas de *kupry* assim como as mulheres que mantêm relações amorosas com vários homens.

Na figura 5 demonstra a construção de casa tradicional da cultura indígena Apinajé.

Fotografia 5 : Construção de casa na aldeia São José



Fonte: Torres (2019).

2.5 Contexto histórico e social da cidade de Tocantinópolis (TO)

A cidade de Tocantinópolis (TO) está localizada no extremo norte do estado do Tocantins com uma população estimada de 22.896 pessoas segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de (2018). A cidade é caracterizada pela localização do rio Tocantins, ribeirões e a catedral. A cidade é conhecida por Boa Vista do Padre João, por ser um dos personagens das revoltas armadas que ocorreram no final do século XIX e início do século XX em Tocantinópolis.

Correia (1974) aponta que os primeiros moradores da cidade de Tocantinópolis (TO) eram oriundos da cidade de Pasto Bons em Maranhão, os agricultores Antônio Faustino e Venâncio, onde os povos indígenas Apinajé são invisibilizados em sua obra como os primeiros habitantes dessa região. Sousa (2008) ressalta que os primeiros moradores de Tocantinópolis (TO) foi dona Apolônia e sua família responsável pela construção do núcleo urbano de “Boa Vista”, além de ressaltar que o povoamento desta região se deu também por

¹⁴ Mulher solteira/prostituta (Dicionário Escolar Apinajé, 2012, p.43).

peessoas vindas de outra região sendo principalmente do Nordeste. O autor cita que a cidade foi construída em cima de uma aldeia indígena:

[...] Aliás, a cidade de Tocantinópolis foi construída em cima de uma aldeia Apinajé. Esta População indígena foi vista pelos bandeirantes entre 1633 e 1658, quando o primeiro barco subiu o Rio Tocantins acima os Apinajé resistiram às primeiras tentativas de ocupação destas terras por povos estranhos. Trata-se de uma resistência de 164 anos de navegação de contatos interétnicos entre os Apinajé e os povos estranhos (SOUSA, 2008, p.11).

Os Apinajé viviam nas proximidades do rio Tocantins, mas através das invasões dos não indígenas em seu território eles foram sendo expulsos para outras territorialidades. Atualmente as aldeias são bem distantes do rio Tocantins.

O contexto das revoltas armadas que ocorreram em Tocantinópolis (TO) é bastante lembrado pelos moradores da cidade, sendo que a primeira revolta foi em 1892, à segunda revolta aconteceu em 1907 e terminou em 1909 sendo protagonizado pelo clero da cidade o padre João¹⁵. A terceira revolta ocorreu em 1935 e terminou em 1936, com a derrota do Padre João, no qual veio a falecer em 1947 após uma queda de cavalo. Este episódio é falado por várias versões nesta região principalmente pela população mais idosa. É importante ressaltar que Tocantinópolis (TO) foi primeiramente uma vila em 1834 sendo que logo após passou a ser um arraial e em 1852 passou a ser um distrito chamado Boa Vista. Pereira (2008) cita que “[...] pelo Decreto-lei estadual n° 8305, de 31 de dezembro de 1943, houve a mudança de Toponímia Boa Vista para Tocantinópolis (TO).” (PEREIRA, 2008, p.30.). É relevante destacar que vários municípios pertenciam a Tocantinópolis (TO):

[...] Ananás, Angico (Centro do Angico), Araguaína (Lontra), Araguatins (São Vicente), Babaçulândia (Coco), Brejinho, Buriti, Carrasco Bonito, Filadélfia, Itaguatins (Santo Antônio), Lagoa de São Bento (Lagoa), Nazaré, Piaçaba, Santa Terezinha (Traíra), São Sebastião do Tocantins, Sitio Novo, Axixá do Tocantins e Xambioá (Chiqueirão) (PEREIRA, 2012, p. 38).

Algumas desta cidade são bem próximas de Tocantinópolis (TO) e outras são mais 100 km de distância. As obras analisadas sobre a cidade de Tocantinópolis (TO) invisibilizam os povos indígenas Apinajé, ou quando aparecem, são citados indiretamente sem reconhecer que eles são povos originários desta região como os primeiros habitantes.

No que tange a relação dos moradores da cidade de Tocantinópolis (TO) e os povos indígenas Apinajé Gonçalves (1981) e DaMatta (1976) destacam:

¹⁵ Padre João de Sousa Lima, Filho de José Francisco de Araújo e Nazária Lisboa de Sousa Lima, nasceu em Boa Vista, no sertão de “Ribeirão Grande” em três de setembro de 1867. Daí, ainda adolescente, saiu ingressando no seminário Santa Cruz, cidade de Goiás. Ordenado sacerdote em 29 de maio de 1893, dia de pentecostes, depois de passar pela freguesia de santa Luzia, hoje Luziânia, em 30 de setembro de 1897 retornou à sua cidade natal como vigário da paróquia Nossa Senhora da Consolação (PEREIRA, 2012 p.82).

[...] No entanto se tratando de duas populações referenciadas a códigos socioculturais distintos e contraditórios, essa proximidade cria um problema. Segundo DaMatta: nas situações de conjunção intercultural, o fator estrutural parece ser constituída pelo fato de termos sociedades diferentes confinadas num espaço geográfico, onde o contato entre elas não pode ser evitado. Em outras palavras, os componentes estruturais da situação são; a) (distancia cultural e b) proximidade física. a ambiguidade do contato pode ser plenamente apreciada agora. Pois enquanto o componente b) proximidade física ou geográfica, gera um campo de forças sociais tendente a unir as duas populações, a ação do componente a), distância social (ou cultural), engendra exatamente o inverso (DAMATTA, 1976:51) (GONÇALVES, 1981, p.23).

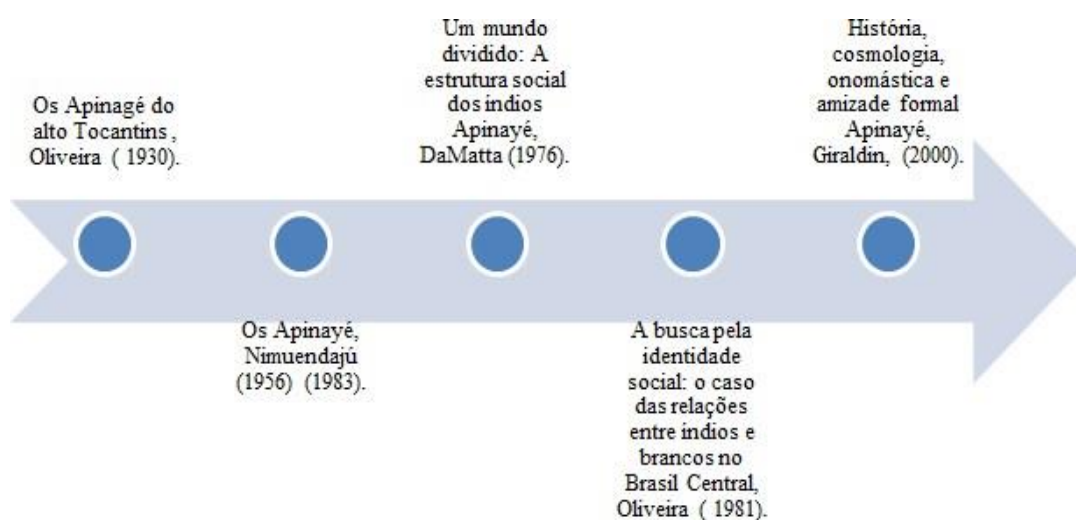
Apesar proximidade aldeia e cidade, há um distanciamento cultural entre esses dois públicos, os moradores da cidade não frequentam a aldeia com tanta recorrência como estes frequentam a cidade.

No próximo tópico apresento a linha do tempo contextualizando as obras analisadas da literatura indígena Apinajé de ordem cronológica.

2.6 Linha do tempo da literatura Indígena Apinajé

Realizei a revisão bibliográfica da literatura indígena Apinajé para historicizar e contextualizar as mulheres desta etnia. Neste sentido apresento a linha do tempo das obras que versam sobre os indígenas Apinajé e especificamente as que tangem sobre as mulheres, destacadas na linha do tempo (Fluxograma 1, 2 e 3).

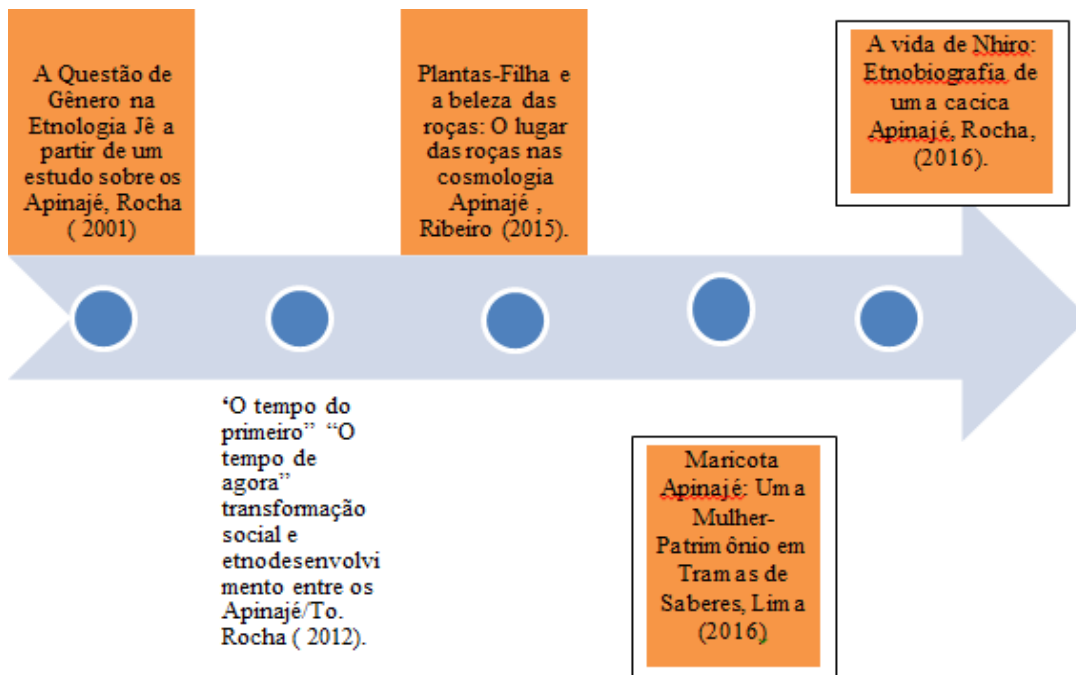
Fluxograma 1: As Obras da Temática Indígena Apinajé



Fonte: Elaborado por Torres (2019).

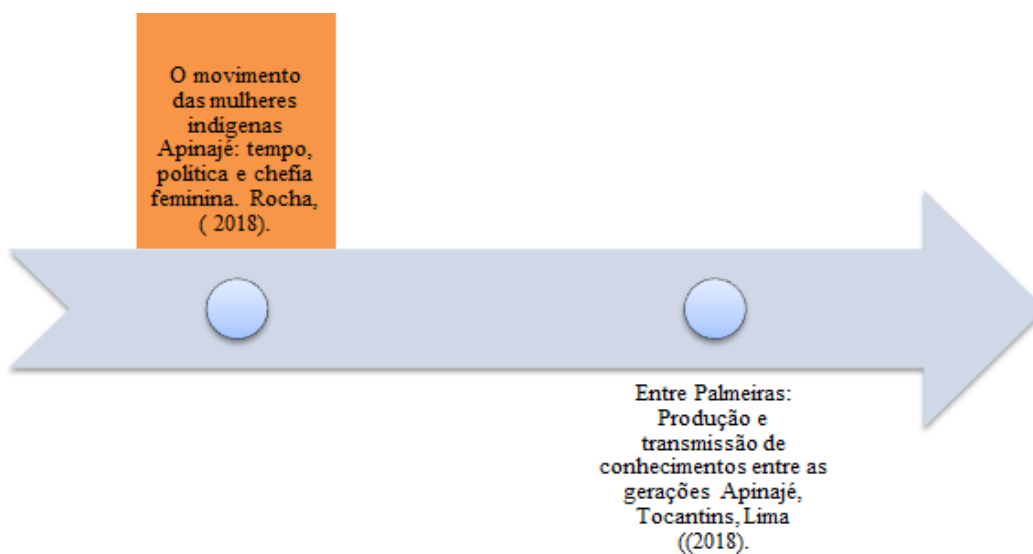
As obras destacadas versam as temáticas de gênero na literatura Apinajé, as que não estão destacadas dão ênfase a outras temáticas desta etnia.

Fluxograma 2: Obras na temática Apinajé



Fonte: Elaborado por Torres (2019).

Fluxograma 3: Obras na temática Apinajé



Fonte: Elaborado por Torres (2019).

Nos fluxogramas estar detalhado as obras da literatura indígena Apinajé através do recorte de gênero. O fluxograma seguiu a ordem cronológica de produção das obras em cada contexto histórico. As obras da literatura Apinajé iniciam na década de 1930, com o trabalho pioneiro de Estevão Oliveira. As obras que versam sobre gênero, iniciaram nos anos 2000 com a dissertação de mestrado de Raquel Pereira Rocha (2001).

No capítulo a seguir contextualizo a mulher Apinajé através das suas territorialidades e espacialidades, com dados bibliográficos e pesquisa de campo na aldeia São José, abordando a questão de gênero, através da revisão e bibliográfica e observação participante com as interlocutoras¹ desta pesquisa.

¹ Matriarca Itelvina Dias Sousa Apinagé, . Heloisa Dias de Sousa Apinagé, Silvana Dias de Sousa Apinagé, Maria de Fátima Dias Apinagé, Delma Dias de Sousa Apinagé e Delinan Dias de Sousa Apinagé.

3 MULHERES APINAJÉ: UM ESTUDO DE GÊNERO A PARTIR DA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E PESQUISA DE CAMPO

Neste capítulo, abordarei a relação da mulher indígena Apinajé com o território, detalhando as mudanças temporais, sociais e culturais. Com ênfase dos movimentos, espacialidades e circulações. Sigo a perspectiva de Sacchi (2006) e (2012), Vanessa Lea (1992), Lasmar (1999) e Rocha (2018) e outras teóricas que demarcam as mulheres em suas trajetórias políticas, culturais e sociais, para entender a questão de gênero na cultura Apinajé.

Sacchi (2012) refere às mudanças sociais que ocorreram no tocante de gênero nos grupos indígenas “Um dos desafios que se coloca neste campo é o de abordar o ponto de vista das mulheres indígenas quando assumem novas representações diante das múltiplas relações que seus povos estabelecem com o Estado e atores/atrizes sociais diversos/as”. (SACCHI, 2012, p.17). As relações que as mulheres vêm assumindo com o estado e outras instituições demonstram novos desafios para se pensar estas representações através da ótica dessas mulheres, pois estão assumindo várias funções que antes não faziam parte de suas atuações, como: professoras, agente de saúde e lideranças, Neste sentido Lasmar (1999), destaca a proliferação de estudos de gêneros nas décadas de 1970 e 1980:

[...] distinguíram-se por uma efervescência teórica bastante significativa nos estudos de gênero, mas as antropólogas feministas puderam tirar pouco proveito da realidade etnográfica das sociedades indígenas da Amazônia para a construção de seus modelos analíticos (LASMAR, 1999, p.01).

Ou seja, a realidade etnográfica dos povos indígenas na Amazônia não foi estudada pelas estudiosas feministas na questão de gênero para a construção dos modelos analíticos, se fazendo necessário rompere com esta epistemologia ocidental para analisá-la a temática de gênero entre os grupos indígenas. Neste aspecto é necessário compreender a realidade de diversos grupos indígenas pelas suas especificidades culturais. Maria Lugones (2014) destaca a descolonização do gênero:

Descolonizar o gênero é necessariamente uma práxis. É decretar uma crítica da opressão de gênero racializada, colonial e capitalista heterossexualizada visando uma transformação vivida do social. Como tal, a descolonização do gênero localiza quem teoriza em meio a pessoas, em uma compreensão histórica, subjetiva/intersubjetiva da relação oprimir ← → resistir na intersecção de sistemas complexos de opressão. [...] (LUGONES, 2014, p.940).

A análise de gênero deve ser descolonizada no sentido analítico eurocêntrico, pois, as intersecções raça, etnia, classe e outros marcadores sociais da diferença, devem ser analisados nos estudos de gênero.

A partir do marcador etnia, Vanessa Lea (1992) destaca a relação geracional das pessoas na aldeia entre os Kayapó (*Mebengokre*) grupo indígena que pesquisou “Uma forte evidência contra uma caracterização globalizante dos gêneros *Mebengokre* é o fato de que a idade tende a dissolver a distinção entre os dois sexos. As idosas são tidas como tão sábias quanto os homens”. (LEA, 1992, p. 99). Esta característica é comum entre os Apinajé, onde as mulheres anciãs são respeitadas e vistas como detentora de poder político em várias demandas dentro da aldeia, como decisões políticas e culturais assim como os homens anciãos.

É importante destacar que o patriarcalismo é um fenômeno social que rege as instâncias e estruturas sociais, na sociedade Apinajé é patente essas relações:

[...] o patriarcado não diz respeito ao mundo público ou, pelo menos, não tem para ele nenhuma relevância. Do mesmo modo como as relações patriarcais, suas hierarquias, sua estrutura de poder contaminam toda a sociedade, o direito patriarcal perpassa não apenas a sociedade civil, mas impregna também o Estado. (SAFFIOTTI, 2004, p.54).

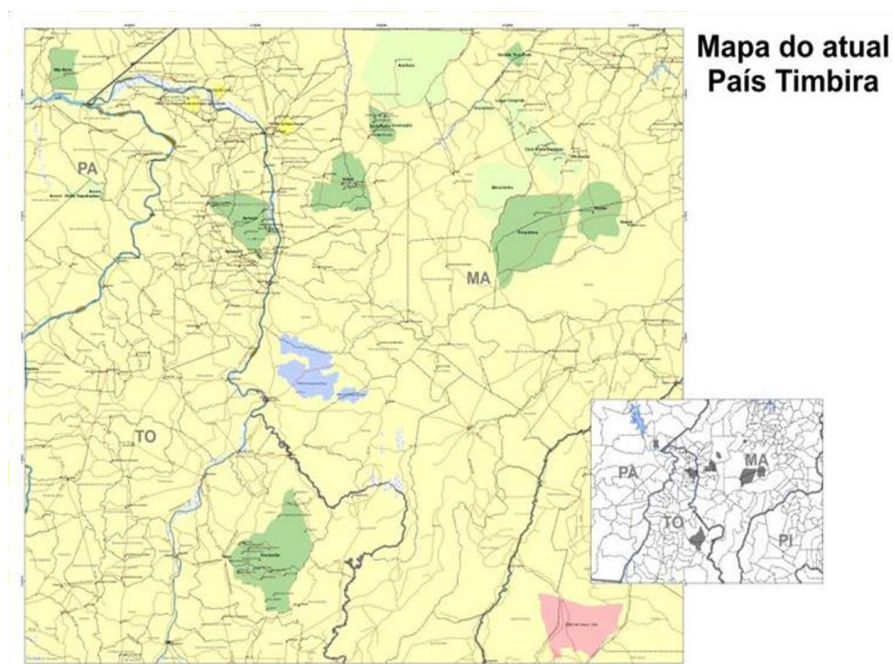
Através dos trabalhos realizados na cultura indígena Apinajé e pesquisa a campo percebe-se que as relações patriarcais são nítidas, há uma forte hierarquia na relação dos homens sobre as mulheres, apesar de algumas estruturas ter mudado ao longo dos anos como a estrutura política. Safiotti (2004) analisa o fenômeno patriarcal a partir de gênero e suas implicações, esse sistema se perpetua por ter poder em controlar as estruturas sociais e nas sociedades indígenas o homem ainda ocupa as funções sociais com maior prestígio social, enquanto as mulheres estão especificamente em situações subalternas.

No seguinte item apresento a revisão bibliográfica da literatura indígena Apinajé que aborda a questão de gênero, seguindo a ordem cronológica que foram escritas.

3.1 Revisão da Literatura indígena Apinajé a partir de gênero

No contexto das mulheres indígenas Apinajé destaco as obras que versam sobre as mulheres no território: *A Questão de Gênero na Etnologia Jê a partir de um estudo sobre os Apinajé* de Raquel Pereira Rocha (2001), *Plantas-Filha e a beleza das roças: O lugar das roças na cosmologia Apinajé* (2015) de Perla Oliveira Ribeiro, *Maricota Apinajé: Uma Mulher-Patrimônio em Tramas de Saberes* (2016) de Lilian Castelo Branco de Lima, *A vida de nhiro: etnobiografia de uma cacica Apinajé* (2016) e *movimento das mulheres indígenas Apinajé: tempo, política e chefia feminina*, (2018) de Welitânia Oliveira Rocha e *O* de Welitânia Oliveira Rocha.

As mulheres do povo Timbira se localizam em vários territórios realizando diversas funções tais como mostra o mapa 4 no qual percebemos as localidades destas mulheres.

Mapa 4: Mapa das Mulheres Timbiras

Fonte: CTI. In: <http://uniaodasaldeiasapinaje.blogspot.com/2016/08/mulheres.html> acesso: (08/07/ 2019).

Neste mapa estão representadas as redes de relações das mulheres Timbiras detalhando suas localizações nos respectivos territórios maternos.

Raquel Rocha (2001) destaca que a questão de gênero foi pouco abordada de forma direta:

A questão de gênero na etnologia Jê, contudo foi pouca abordada de forma direta. Entretanto, é difícil ignorá-la, considerando que as questões pertinentes à forma como a sociedade constrói gênero masculino e feminino e a maneira como processa a dinâmica das relações sociais entre gêneros recortam todas as instancias da vida social. [...] (ROCHA, 2001, p. 4.)

Através dessa citação fica evidente que a questão de gênero, não foi estudada de forma direta na etnologia Jê, sendo pertinentes estudos que problematizam essa temática, mostrando as mudanças significativas que ocorrem sobre a função social de gênero nesses povos.

O trabalho de Raquel Rocha “*A questão de gênero na etnologia jê: a partir de um estudo sobre os Apinajé*” (2001) foi realizado na aldeia São José. Nessa aldeia é realizada a maior parte dos rituais e festas dessa etnia. A autora parte do princípio de entender a noção de organização dual baseada na existência de metades com funções cerimoniais; as chamadas *relações de substância* deste povo fato observado por Roberto DaMatta (1976):

[...] pela qual pessoas consanguineamente próximas seriam ligadas através das substâncias corpóreas, como o sangue e o sêmen e, as divisões binárias como a colocada entre centro e periferia que conjuga mulher/doméstico/privado x homem/centro/público. Esse princípio dualístico presente, por exemplo, no trabalho

de DaMatta (1976) sobre os Apinajé, motivaram-me a investigar se, e como, a prática cotidiana das mulheres estariam circunscrita à esfera doméstica e, de que maneira, homens e mulheres compartilhariam as atuações cotidianas, tanto coletivas, como individuais (ROCHA, 2001, p. 2).

Durante a pesquisa, a família de *Irepxi* (Maria Barbosa) e suas filhas foram as principais interlocutoras de Raquel Rocha (2011). *Irepxi* é uma das mulheres que lutou durante a demarcação de terra, possuindo um papel relevante no processo de luta. Na época da pesquisa a campo as filhas de *Irepxi* relataram que já viajaram para a capital Palmas (TO), estado do Amazônia, Rio de Janeiro e Bahia com finalidades de representar o povo Apinajé. Observa-se que entre os Apinajé, assuntos políticos não se restringem entre os homens, as mulheres também participavam de decisões como Rocha (2001) destaca ao mencionar que as mulheres mais velhas da aldeia São José participam na tomada de decisões:

Irepxi e outras mulheres como *Grer*, Julia Corredor e Maricota são tão respeitadas quanto homens mais velhos como Camilo, Romão e Estevão. Elas demonstraram uma participação ativa, por exemplo, na escolha dos caciques e das demais pessoas que compõem o quadro de cargos políticos. (ROCHA, 2001, p.3).

Notamos uma mudança nas representações femininas dentro do povo Apinajé, elas estão ocupando espaços político-sociais, sendo que décadas anteriores elas não poderiam ter participações diretas na estrutura política. Raquel Rocha (2001) analisa a tese de doutorado de Odair Giraldin (2000), notando a relação das mulheres com a natureza, no que tange a roça, mostrando que elas tratam as plantas como filhas. Quando vão colher legumes na roça conversam um pouco com as plantas para evitar malefícios ao *Karõ*¹⁶. As tarefas na roça são coletivas tanto os homens como as mulheres trabalham na roça familiar e na roça coletiva. Giraldin (2001) cita que as mulheres Apinajé detém a maior parte do conhecimento da cultura Apinajé, no qual exemplifica sobre a questão de nomenclatura de nomes, em que as mulheres têm preferência para serem arranadoras quando nasce uma criança na aldeia.

Raquel Rocha (2001) destaca que na aldeia homens e mulheres acima de 60 anos recebem um salário mínimo por aposentadoria por idade. Na primeira quinzena do mês viaja para Tocantinópolis (TO), compram mantimentos para dividir com os parentes. Esse trajeto para Tocantinópolis (TO) é feito na maioria das vezes no caminhão da FUNAI (Fundação Nacional do Índio). Na aldeia homens e mulheres criam gados, esses animais são reservados para ocasiões especiais como festas e casamentos. As mulheres que criam gados possuem autonomia para vender ou comer os animais. Homens e mulheres colhem frutas nativas como: buriti, açaí e jussara, as mulheres carregam pesados “cofos” do coco babaçu, sendo uma atividade desenvolvida por elas, uma pequena parcela de homens realiza esta atividade. “Na

¹⁶ Alma, espírito do morto.

confeção de artefatos, homens e mulheres compartilham, sobretudo fabricação de peças destinadas à venda na cidade (bolsas, colares, adornos, para casas etc.)” (GIRALDIN, 2000, p,56). Já os artefatos para rituais, homens responsabilizam-se por: armas, instrumentos musicais, apitos e maracá, já as mulheres responsabilizam-se por artefatos como: rasteiras de palhas de coco babaçu e cestos para a coleta de frutas e legumes da roça. Cleuza uma das interlocutoras de Rocha (2001) relata:

Cleuza conta que, muitas vezes, caçara animais pequenos como cotia ou tatu, com o auxílio de cachorros. De acordo com algumas mulheres, há homens que costumam cozinhar dentro de casa, mas de acordo com outras, os homens jamais cozinham. (ROCHA, 2001 p. 57).

Uma atividade na aldeia exclusivamente masculina é a construção de casa e a colheita do mel. Homens e mulheres costumam ir para Tocantinópolis (TO) vender frutas do território como: buriti, jussara e pequi. Realizam compras nos comércios, vão à igreja, visitam parentes, realizam consultas médicas entre outras especialidades. É possível notar que entre os Apinajé homens e mulheres compartilham várias atividades juntos. “[...] sem que isso pareça significar menor status ou acesso a bens e serviços de um ou outro gênero [...]” (ROCHA, 2001, p.60). Rocha (2001) enfatiza que em várias situações presenciou discrepância no discurso entre mulheres e homens, onde as mulheres não concordam com várias situações que ocorrem na aldeia principalmente nos aspectos culturais e políticos.

Sobre as reuniões no pátio, tanto homens e mulheres são livres para realizar, segundo alguns informantes de Rocha (2001), as mulheres reúnem-se constantemente quando são convocadas pelas mais idosas, para aconselhar as mais jovens sobre comportamentos inadequados que praticam no cotidiano da aldeia e na cidade. Em uma das entrevistas de Rocha (2001) perguntou se havia casos de mulheres que ocupasse cargos na gestão de outros caciques, Beatriz uma das interlocutoras respondera que o cargo mais alto ocupado por uma mulher foi de governadora no qual expressa:

Nós temos pelejados para botar Maria (Irepxi) como cacique. Ela não quer! Cleuza relata que entre os Tukano conheceu uma mulher que era cacique conhecimento que pode ter influenciado o pensamento e a ação dessas mulheres. (ROCHA, 2001, p, 74).

Maria *Irepxi* (Fotografia 6) participou ativamente na luta no processo de demarcação do território ocorrida em 1985. A reputação desta foi adquirida aos poucos, com participação em episódios importantes para o grupo. O fato de ter mais idade pode transcender para a questão de gênero, em adquirir mais reputação e respeito entre o povo.

Fotografia 6: Maria Barbosa (*Irepxi*)



Fonte: (Rocha, 2016 *apud* Giraldo 2016).

A fotografia 6 mostra Maria *Irepxi* sentada em frente à sua casa, segurando o neto no colo.

No contexto que Rocha (2001) esteve com os Apinajé destaca que dentro da aldeia há vários jovens que estudam em Tocantinópolis (TO) tanto homens como mulheres, cursando o ensino médio, supletivo ginásial em escolas da rede pública. Cita que as moças com mais de 15 anos que estudam na cidade: “[...] são apontadas como *kupry* (mulheres sem companheiros, e, portanto, disponíveis) essas moças, quando indagadas, disseram que não querem mais saber de casamento” (ROCHA, 2001, p.83). Uma das professoras da aldeia São José, Rosa, relata que é rotineiro as mulheres em geral, solteiras ou casadas e as que têm filhos abandonarem a escola. É comum os rapazes proibirem as esposas de estudarem, fato comum nos dias atuais.

Uma atividade corriqueira na aldeia é jogar bola no campo de futebol, na segunda estadia da pesquisadora ela notou que havia um time de mulheres, sendo que na estadia anterior não notara um time feminino. Mulheres e homens casam-se bastante cedo, as mulheres com 12 a 15 anos, homens com 15 a 18 anos. As mulheres têm vários filhos, com intervalo bem curto de uma gravidez a outra. Rosa, uma das interlocutoras de Rocha (2001)

esclareceu que muitas mulheres viúvas, ou mais velhas, evitam casar-se, apesar de outras se casarem várias vezes.

As mulheres são aconselhadas a ter relações sexuais com o homem que vão se casar. Caso ela mantenha relações com a pessoa prometida e o rapaz desista de casar ele é obrigado a pagar um ressarcimento para a família da mulher. As mulheres grávidas costumam ter o filho na aldeia auxiliada por parteira, *Irepxi* é uma das parteiras mais conhecidas.

A dissertação de mestrado de Raquel Rocha (2001) é relevante por mostrar como a questão de gênero subsidia a relação social desse povo. Tem várias informações sobre o cotidiano e atuações das mulheres no período que a pesquisadora esteve com o grupo entre dezembro de 1999 a setembro de 2000. Durante a pesquisa a campo para o doutorado, Raquel (2012) analisou que havia duas aldeias chefiadas por mulheres, exercendo a função de cacica.

A etiqueta social foi quebrada e, a partir de então, qualquer uma delas pode exercer o cacicado, bastando colocar-se à disposição. A aldeia Areia Branca tem Joanita como cacique, assim como a aldeia Girassol também conta com a liderança de uma polêmica Apinajé casada com um não-índio. (ROCHA, 2010, p.163).

Desta maneira observam-se mudanças na estrutura do povo Apinajé. No trabalho a seguir fica mais claro sobre a estruturação da função social de cacicas na configuração atual em funções de chefia nesse grupo étnico.

A pesquisa de Welitânia de Oliveira Rocha sobre *A vida de Nhiro: etnobiografia de uma cacica apinajé* (2016), ressalta sobre a função social das mulheres dentro da aldeia, fazendo referência a cacica *Nhiro*, ela vive com sua família na aldeia *Irepxi* fundada pela mesma, em homenagem a liderança Maria Barbosa (*Irepxi*) Apinajé mencionada anteriormente por Raquel Rocha (2001). Welitânia de Oliveira Rocha (2016) destaca que as mulheres são responsáveis por várias atividades importantes fora e dentro da aldeia como: roça, cuidados da casa, participação em reuniões e festas, são cantoras, pintoras e parteiras.

O fato de existir entres os Apinajé 7 aldeias chefiadas por mulheres, despertou o meu interesse em pesquisar sobre as lideranças femininas, buscando perceber como ocorre o processo de formação dessas lideranças femininas entre o povo Apinajé, evidenciando como é transmitida a chefia (ROCHA, 2016, p.11).

A função de cacique por muito tempo era exercida por homens, mas aos poucos essa estrutura foi sendo rompida, as mulheres passaram ocupar essa função além de

outros espaços dentro da aldeia como: funcionárias da escola, posto de saúde, brigadista etc. O fato de ter sete aldeias do povo Apinajé chefiada por mulheres, despertou o interesse da pesquisadora Rocha (2016) em produzir uma etnobiografia “[...] existem 7 aldeias com lideranças femininas: aldeia “Areia Branca”, aldeia “Bacabinha”, aldeia “Brejinho”, aldeia “Irepxi”, aldeia “Girassol”, Aldeia “Custa me ver” e aldeia “Macaúba” [...] (ROCHA, 2016, p.15)”. Rocha (2016) realiza uma etnobiografia da cacica *Nhiro*, descrevendo sua história e mostrando sua atuação no território como mulher indígena, liderança, parteira, pintora e cantora:

Ao relembrar sobre sua história, *Nhiro* toma como ponto de central a figura de sua mãe. Todas as vezes que conversávamos, sua mãe sempre era o personagem principal. Com isto, percebe-se que para *Nhiro* sua mãe é seu guia, sua raiz que proporcionou essa ramificação de mulheres guerreiras, pois é assim que ela vê a si própria e as mulheres da parentela de *Irepxi* (ROCHA, 2016, p.2).

Nhiro relata para Rocha (2016) suas histórias de vida citando a mãe Maria Barbosa (*Irepxi*), com muita emoção. Sem dúvida *Irepxi*, influenciou diretamente na atuação de *Nhiro*, marcadas pelos exemplos que a mesma deixou. Um fato interessante é que a maioria das lideranças femininas no território Apinajé, possui parentela com *Irepxi*, mostrando assim a influência do parentesco na atuação das lideranças. *Nhiro* antes de fundar a aldeia *Irepxi* já foi promotora junto com sua mãe, fato que influenciou a ser escolhida para ser cacica. A estrutura política do povo Apinajé é organizada por um cacique, promotora e conselho. “*Nhiro* disse-me que o conselho trabalha em parceria com o/a cacique/cacica com o objetivo de manter a paz, e ambos possuem amplas atividades nas aldeias.” (ROCHA, 2016, p,27). A família de Maria Barbosa e de *Nhiro* foi responsável pela fundação de várias aldeias: Aldeia Cocalinho; Buriti Cumprido; Custa me ver: Areia Branca; Pintado e aldeia *Irepxi*. A seguir visualizamos a fotografia 7 da cacica *Nhiro* na aldeia do Prata descascando mandioca.

Fotografia 7: *Nhiro* na aldeia do Prata.



Fonte: (Rocha, 2016 *apud* Acervo pessoal Lidiane Alves, 2016).

Na fotografia 7, *Nhiro* está descascando mandioca para fazer farinha na aldeia Prata, durante o encontro de mulheres no ano de 2016.

As mulheres são responsáveis pela roça, auxiliam os homens na derrubada da mata, para fazer as roças “de toco”, realizam o plantio e colhem, além de cuidarem das plantas como se cuida de um filho:

O ritmo do trabalho na aldeia Irepxi, segue de acordo com as necessidades diárias. Todos os dias os/as moradores/as precisam ir para roça, tendo em vista que é preciso alimentar seus familiares. No entanto, os Apinajé completam sua alimentação com produtos industrializados, comprados na cidade uma vez a cada mês (ROCHA, 2016, p.25).

A mandioca é um dos alimentos bastante cultivados na roça. Com ela é feita farinha, onde há um processo para o preparo desde a colheita na roça ao trabalho final do preparo. As mulheres estão envolvidas em todas as etapas da sobrevivência na aldeia. Elas são consumidoras ativas nos comércios e lojas da cidade de Tocantinópolis (TO), sendo comum irem para a cidade nos dias de receber o benefício do programa bolsa família¹⁷ e aposentadoria por idade. Elas vendem artesanatos, frutas, azeite de coco e garrafadas. *Nhiro* vai à cidade para várias demandas do seu povo, nos órgãos: Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e Conselho Indigenista Missionário (CIMI).

¹⁷ Programa de políticas sociais para o combate da pobreza.

Federal do Tocantins (UFT), com o intuito de resolver problemas de saúde, educação e alimentação da comunidade:

Durante nossas conversas sobre as mulheres caciques, Nhiro, contou-me que todas as lideranças femininas do território Apinajé realizam suas atividades com muito zelo, “tudo certinho”. Contou-me dos seus projetos para aldeia. Disse que gostaria de fazer oficinas através da associação – Pempxà, oficinas de cantigas e artesanatos para seus netos. (ROCHA, 2016, p.31).

Nesse relato percebemos a atuação das mulheres cacas e suas atividades na aldeia, além de detalhar um dos desejos da cacica *Nhiro* em ministrar oficinas na associação *Pempxá*¹⁸. Em seu trabalho Rocha (2016), descreve a aldeia *Irepxi*, uma aldeia circular peculiar ao dos povos Timbiras, possuem poucas casas, todos que vivem na aldeia são parentes de *Nhiro*. Um fato importante que motivou *Nhiro* construir a aldeia foi devido conflitos recorrentes com o ex-marido de uma das suas filhas. Além de construir algo semelhante à sua mãe, em fundar aldeias. Antes de fundar a aldeia, ela recebeu convites em morar em outras aldeias chefiadas por mulheres, como na aldeia Bacabinha e Brejinho. Isto detalha as alianças estabelecidas entre essas mulheres dentro do território. Sobre as redes de relações de uma cacica Apinajé, Rocha (2016) descreve:

Nhiro é uma mulher bastante requisitada. Percebi isto, pois quando estive em sua companhia eram realizados muitos convites a ela e eram intensos os fluxos de atividades/eventos que a cacica participa/realiza. As relações que cercam a vida de *Nhiro* são guiadas tanto pelo parentesco, quanto por sua função política que à liga aos grupos políticos dentro e fora do território Apinajé (ROCHA, 2016, p. 42).

Através desta citação, percebem-se as múltiplas funções que uma cacica Apinajé realiza em seu cotidiano. Durante a pesquisa a campo de Rocha (2016) acompanhou *Nhiro* em três momentos significativos: Encontro dos cantores na aldeia Brejinho, rituais *Mêôkrepôxrunhti*, ritual oferecido aos falecidos, que ocorreu na aldeia Riachinho e o terceiro foi uma mobilização em defesa do território Apinajé, que ocorreu no trevo próximo às aldeias São José e aldeia da Prata.

O trabalho de Rocha (2016) é pioneiro na literatura Apinajé por abordar a função social de liderança exercida por uma mulher, mostrando o cotidiano desta no território materno e outros territórios.

¹⁸ Associação União das aldeias Apinajé-*Pempxá*.

Sobre as funções que as mulheres Apinajé exercem no ambiente escolar o artigo da mesma autora Alves & Rocha, *As mulheres Apinajé e a escola: Um relato etnográfico* (2016) enfoca sobre a questão de gênero na Escola Estadual Indígena *Tekator* na aldeia Mariazinha. No ano de 2015, o número de mulheres matriculadas no ensino médio eram superior ao número de homens. O número de professores e diretores homens eram superiores ao número de mulheres na mesma função. O artigo também faz evidência aos fatores de abandono de homens e mulheres nas trajetórias educacionais. “São questões sociais, econômicas, linguísticas, e até mesmo familiares que parecem contribuir para o abandono escolar ainda nas fases iniciais do processo educacional [...]” (ALVES, 2016, p, 70).

As funções que as mulheres exercem no ambiente escolar são de merendeiras, professoras e auxiliares de serviços gerais. No artigo fica evidente que o cargo de diretora na unidade escolar não foi exercido por mulher, revelando que nesta instituição há uma súbita divisão social de gêneros no ano de 2015. Nos dias atuais esse cenário não é diferente as mulheres continuam exercendo as funções subalternas no campo escolar.

A dissertação de mestrado *Plantas-Filha e a beleza das roças: O lugar das plantas na cosmologia Apinajé* de Perla Oliveira Ribeiro O (2015). Explora a cosmologia entre as plantas da roça e a subsistência:

O propósito é compreender o alcance e influência da cosmovisão da etnia na manutenção das roças e sua densa, articulada e produtiva relação entre humanos, vegetais, divindades, animais todos dotados de intenção, perspectiva, subjetividade e cultura, o que Da Matta (1976) chamou de “Ecologia dos Apinajé. (RIBEIRO, 2015, p.45).

Oliveira (2015) destaca que uma das frases mais recorrentes que escutou quando acompanhava as mulheres na roça era “*eu vou te plantar, pra você ficar bom pra mim*”. As mulheres ensinavam às crianças a importância de plantar e colher na época certa, sendo que só o dono da roça pode mexer. Uma das interlocutoras de Ribeiro (2015) Maria Almeida cacica da aldeia Brejinho relatou que as plantas possuem dois *Karõ* diferente. Onde um é mais doce e a outro é amargo:

Como no caso do inhame que, quando maduro, não pode ser ingerido por mulheres grávidas, porque “amarga por dentro”. A partir dessa afirmação, enquanto trabalhávamos na roça, indaguei sobre como surgiu o *Karõ* da roça, como ele nascia, já que cada planta tem um *Karõ* diferente, além de sementes e épocas diferentes de plantar e colher (RIBEIRO , 2015, p.62,).

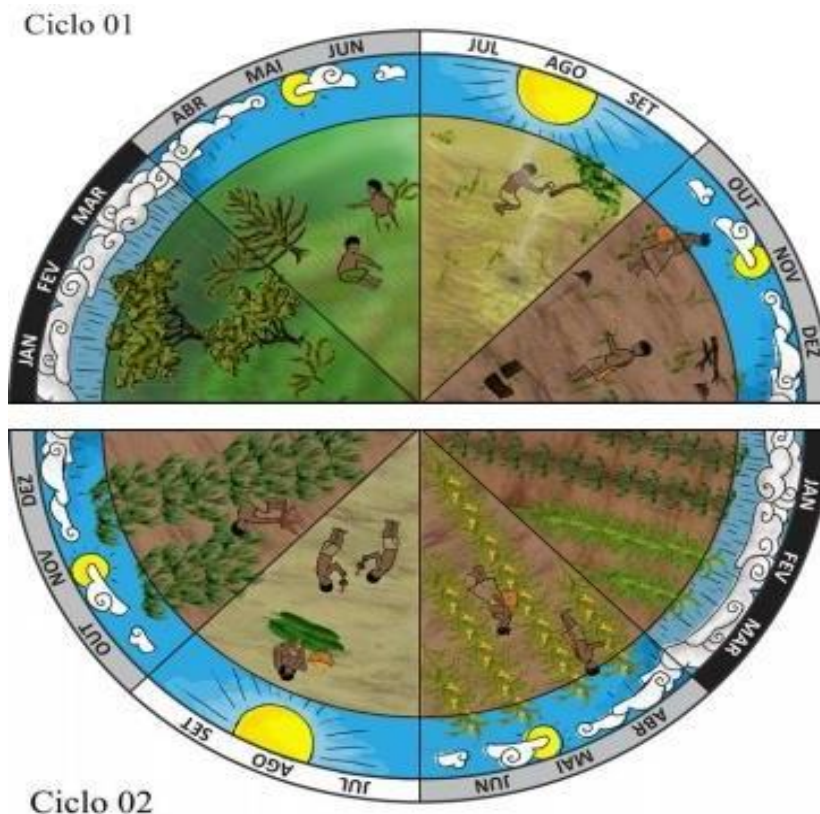
Maria Almeida explicou que o *Karõ* nasce com a chuva, primeiro planta as sementes, depois da primeira chuva o *Karõ* nasce. Ribeiro (2015) observou os cuidados com as plantas na aldeia Brejinho e Areia Branca:

Agora eu vou te plantar para você dar comida para mim”, falava cacique Joanita da Aldeia Areia Branca enquanto plantava a abóbora e o inhame, que requerem mais atenção, pois crescem com facilidade espalhando-se pelo terreno. “Eu tenho que cuidar da minha terra para poder ter comida boa para mim” (RIBEIRO , 2015, p. 65).

A cacica Joanita destacava a importância dos filhos em aprender trabalhar na roça e cuidar das plantas. Ela acordava cedo para trabalhar na roça, como era cacica da aldeia organizava os trabalhos antes de iniciar o roçado. Ela destacava que todos têm que trabalhar “[...] na justificativa de ter o que se comer e da perpetuação da cultura [...]” (RIBEIRO, 2015 p.65). As mulheres Apinajé na sua maioria são as que cuidam da roça, Ribeiro (2015) teve a oportunidade de vivenciar duas mulheres responsáveis integralmente pela roça individuais ou coletivas de suas aldeias. Cuidando das roças como se cuidam de seus filhos, não só durante o plantio mais todo processo até a colheita, com a preocupação em ter uma roça bonita, para outras pessoas não falarem mal e não dizer que são preguiçosos. A roça coletiva pertence à família, mas a roça em si é propriedade da mulher.

As roças Apinajé chamam atenção pelo cuidado que as mulheres lidam com o terreno e com as plantas e com a misticidade que impregna as “donas” da roça de uma natureza mágica e “policial”. Maria Almeida explicou quem, de fato, são estes seres e quais suas funções nas roças Apinajé. Assim como cada planta da roça tem um *Karõ*, a própria roça tem seus “donos”, os *Txwul-putáli-Txwúdn*, identificados como a polícia (*pep*) e a segurança (*amnàr xwynh*) e também chamados de guerreiros ou “guerreirão” da roça (RIBEIRO, 2015, p.66).

Ribeiro (2015) destaca que o ciclo da roça é marcado pelo ciclo 1 que corresponde ao primeiro terreno e o ciclo 2 ao segundo terreno. Nos momentos de relatos para Ribeiro (2015) Maria Almeida explanava as etapas da roça se referindo a roça antiga, citando os cultivares dizendo que tem que ficar atenta o que planta e o que colhe. Na Figura 2 notamos o ciclo de plantação e colheita nas roças Apinajé.

Figura 2: Calendário Socioecológico

Fonte: Viuller e Ribeiro (2015).

No ciclo 1 o terreno não foi cultivado, neste ciclo o período corresponde entre janeiro e março, de chuvas e cheias dos rios. Neste caso o terreno não foi escolhido para roça. No mês de Julho, Agosto e Setembro são realizados a preparação do terreno. A roça com capoeira inicia com a broca em seguida com a queimada e a coivara. Neste período o trabalho é bastante intenso na aldeia. Os homens realizam o trabalho pesado e as mulheres ficam responsáveis pela alimentação e outras funções na roça. No ciclo 2 passa pelos mesmos processos do ciclo 1, sendo o processo de colheita. “[...] O terreno do Ciclo 01 está no processo de crescimento dos cultivares e o Ciclo 02 está saindo desse processo pronto para ser deixado para pousio.” (RIBEIRO, 2015, p.76.). Na fotografia 8 notamos Maria Almeida em sua roça:

Fotografia 8: Maria Almeida e Cândido na roça.



Fonte: Ribeiro, 2014.

Na fotografia 9 retrata o cotidiano de Maria Almeida na aldeia, que era cuidar da roça com o seu esposo Candido que a acompanhava nestes trabalhos.

A dissertação de mestrado de Ribeiro (2015) é relevante por dar ênfase ao lugar das plantas na cosmologia Apinajé. Mostrando a relação das mulheres na aldeia Brejinho com a roça, na perspectiva histórica e relação com as plantas.

A tese de doutorado *Maricota Apinajé: Uma Mulher - Patrimônio em tramas de saberes* (2016) de Lilian Castelo Branco de Lima, pesquisa Maricota através da construção de uma etnobiografia, ela é apontada como patrimônio Apinajé, sendo importante na tradição de seu povo. Maricota teve apenas um filho chamado Agostinho que faleceu, sendo conhecido pelas suas ações associativas. Após a morte de Maria *Irepxi*, Maricota ficou sendo a anfitriã da aldeia em recepcionar pesquisadores.

Maricota é classificada como narradora, mas na definição dela é contadora de história como os demais velhos da aldeia. Seu nome na língua materna *Ireti*, uma das prerrogativas é cantar:

No tocante à discussão sobre o saber cantoria, tive um momento privilegiado para aprender sobre a origem, função que cada participante da cantoria desempenha e sobre os muitos momentos em que a música é condição sine qua non para os acontecimentos e rituais nessa comunidade (LIMA, 2016, p. 696).

Maricota, além de ser cantora é artesã, exercendo múltiplas funções no território. Durante a pesquisa de campo, Lilian (2016) foi batizada como filha de Maricota recebendo o “[...] nome *Nhàgry*, e ao receber/“ganhar” nome indígena seria adotada por Maricota, minha *nã* [madrinha/mãe adotiva] e por Hilário, meu *pã* [padrinho/pai adotivo]. [...]” (LIMA, 2016, p.696). Outro aspecto que Lima observou na cultura Apinajé foi à mudança dos rituais fúnebres através dos contatos interétnicos, como o uso de velas e a visita de sétimo dia e o uso de caixão. Maricota narra o ritual de “tiração do luto”:

A “tiração do luto” é feita em uma festa longa, chamada de *Pàrkapê*, a festa da tora grande, normalmente tem a duração de um mês. Novamente o cantor e as cantoras são requisitados, pois nesse período há cantoria todas as noites, no penúltimo dia há a realização do *Rôrôt*, organizado pela família do morto, no qual se enfeita um boneco de plástico representando o morto e coloca dentro de uma tora preparada para recebê-la. (LIMA, 2016, p.701).

Maricota sempre participava das cantorias e rituais de “tiração do luto”. Em 2013, Lima cita que Maricota já estava muito debilitada, “[...] que poderia ir logo encontrar com o filho na aldeia dos mortos [...]”. (LIMA, 2016, p.707). Em 30 de dezembro de 2015, a matriarca Maricota faleceu passando a morar na “aldeia dos mortos”.

Dito isso, volto-me especificamente à Maricota, uma mulher-patrimônio, cujo corpo materializa saberes do mundo Apinajé, mas também materializa as intercorrências dos diversos contatos que realizou, alguns deixaram marcas positivas: é uma mulher poliglota, de leitura apurada da realidade indígena e da não indígena, com habilidades técnicas que não apenas aquelas que aprendeu com seu povo, mas muitas outras que a vivência com muitas “gentes” proporcionou (LIMA, 2016, p.715).

Maricota é bastante lembrada, pela sua sabedoria e atuações no território, ainda não foi realizada a festa da Tora Grande, mas seus netos da aldeia São José estão organizando recursos para fazer a festa este ano ainda. A etnobiografia de Lima (2016) de uma mulher-patrimônio nos remete a pensar sobre as mulheres indígenas anciãs que ao destacar seu conhecimento cultural, ritual e territorial adquirem status como o caso de Maricota (Fotografia 9), Maria *Irepxi*, *Nhiro* e Maria Almeida.

Na fotografia 9 mostra Maricota em seu quintal, em um dos momentos de conversa com Lilian Lima (2015).

No seguinte tópico apresento o contexto social e cultural das mulheres indígenas nos dias atuais através dos dados de campo na aldeia São José.

Fotografia 9: Maricota em seu quintal



Fonte: (LIMA, 2015, p. 258).

3.2 As Mulheres Apinajé nos dias atuais

Durante a pesquisa de campo realizada na aldeia São José em julho 2019 a dezembro do mesmo ano, observei que as mulheres Apinajé especificamente as interlocutoras desta pesquisa, são bem atuantes e informadas dos acontecimentos que demarcam os problemas sociais da aldeia e dos povos indígenas no Brasil. As mulheres Apinajé estão saindo para outras cidades em busca de um ensino técnico e/ou superior, como é o caso da filha do coordenador da Escola Estadual Indígena *Matúk*, Cassiano, ela estuda em uma faculdade de Araguaína o curso de Odontologia. Outra moradora da aldeia Botica estuda em Araguaína o curso de Direito e sua mãe o curso de licenciatura em Educação Intercultural na Universidade Federal de Goiás (UFG).

Outro fato observado é que o número de mulheres é maior que o número de homens na unidade escolar da Escola Estadual indígena *Matúk* mostrando que elas estão buscando por meio da educação se especializar para estarem atuando na unidade escolar, Posto de Saúde e outros espaços do território. No mês de agosto de 2019, presenciei a organização da festa da

Tora Grande¹⁹ na aldeia Brejinho próxima da São José, a Tora Grande era para homenagear Maria Almeida e seu filho Irã que faleceram, o cacique Zé Cabelo é casado com uma das filhas de Maria Almeida, assim estava empenhado organizando a festa. A filha de Maria Almeida estava organizando o orçamento das despesas junto com o representante do povo Apinajé Davi *Waminen*, estava com a lista de despesas para comprar na cidade, além de convidar as cantoras e as mulheres para fazer comida durante as festividades. Durante a festa, vi que as mulheres passavam a maior parte do tempo cozinhando, cuidando das crianças, fazendo farinha e artesanatos.

Durante a corrida de Tora as mais jovens acompanhavam os homens, servindo água e tirando fotos, além de pintarem e enfeitarem os homens antes da saída da Tora. Na festa tive a oportunidade de conversar com *Nhiro* cacica da aldeia *Irepxi*, citada anteriormente, relatou que faz questão em participar das festividades da cultura, além de levar seus filhos e netos, ela estava na casa de farinha, preparando a massa de beju para o café da manhã no outro dia. *Nhiro* disse que colocou telefone rural da sua casa para ajudar na comunicação com outras pessoas, e informar as coisas de sua aldeia para saber as demandas do território, como: reuniões, assembleias, festas, cantorias e rituais.

Em conversa com Deusdete esposa do Zé Cabelo falou que a festa estava recebendo mais de 300 pessoas, cultivaram uma roça extensa para colher, feijão, arroz, batata e amendoim para o complemento na alimentação dos visitantes. Outro fato comum entre as mulheres Apinajé é o uso do celular e das redes sociais, desde criança estão passando a ter acesso ao celular, nas casas das interlocutoras desta pesquisa relataram que gostam de assistir vídeos da internet, falar com os parentes e conhecidos que moram em outras cidades ou de outro povo. As mulheres gostam de pesquisar dicas de beleza para cabelos, rostos, corpo, roupas da moda e joias. Percebi que na aldeia tem uma mulher que arruma unha e sobrancelha, no qual uma das mulheres desta pesquisa é cliente.

As mulheres estão menstruando mais cedo e casando mais tarde. Elas estão fazendo uso de anticoncepcionais com mais frequência para evitar gravidez, além de meios naturais para passarem muito tempo sem engravidar, Creuza Krahô (2017) destaca o uso medicinal entre as mulheres Krahô:

Na aldeia Rio Vermelho tem umas mulheres que só têm um filho e eu perguntei: “Por que você só tem um filho e não tem outro?”. “Porque nós tomamos remédio.” “E você não quer crescer, não?” “Não, porque não dá para ficar com um monte de filho.” Aí eu perguntei quem fazia esse remédio: “A Ahcrokwyj”. E Ahcrokwyj me

¹⁹ A festa da Tora Grande é realizada para tirar o luto da família, quando uma pessoa morre na aldeia é uma festa sagrada onde a família e comunidade se reúne para homenagear as pessoas falecidas. Na aldeia Brejinho os familiares homenagearam a ex-cacica Maria Almeida fundadora da aldeia e o seu filho Irã.

falou: “Quando você voltar da cidade, você marca um dia e a gente vai sentar para eu te mostrar como é que faz”. E foi essa parte que perdi. Não sei se tem outra mulher Krahô ainda viva que faz o remédio, pois já perguntei a várias pessoas e não encontrei outra (KRAHÔ, 2017, p. 112).

Os conhecimentos tradicionais são perpetuados pelas mulheres mais velhas da aldeia, como o remédio para evitar gravidez. Observei que as mulheres mais novas explicam com recorrências as mulheres anciãs sobre quando uma menina menstrua não foi “mexida”, pois antigamente elas acreditavam que as mulheres só menstruavam depois de casadas. Souza (2007) cita este fato entre os povos indígenas Caramuru Paraguassu do sul da Bahia:

A menstruação, por exemplo, se constitui em um dos mais importantes desses processos, pois tanto o sangue menstrual quanto o sêmen são a condição principal de formação dos corpos, aquisição do gênero e organização social dos grupos. Para esses povos, a menstruação tem origem cultural e se relaciona, intimamente, com o parentesco, e com a definição das atividades que serão desempenhadas por homens e mulheres (SOUZA, 2007, p. 19).

Lea (1992) desataca que na sociedade *Mebengokre* que a menstruação é conhecida como doença da anta provocada pela ingestão da carne. “[...] As pessoas me explicaram que uma mulher não sangra antes de ter relações sexuais pela primeira vez. [...]” (LEA, 1992, p.93). Esta concepção de menstruar a primeira só através do ato sexual é comum em várias sociedades indígenas.

Notei que poucas mulheres estão trabalhando na roça, sendo mais comum às mulheres anciãs, as jovens passam boa parte do dia cuidando da casa, dos filhos, assistindo televisão, fazendo pulseiras, colares, anéis, chaveiros e outros utensílios de miçanga, ou em outras aldeias e na cidade de Tocantinópolis (TO). Vi alguns canteiros nos quintais da aldeia São José com cheiro verde, cebolas, coentro, pimenta, tomate e chás, são as mulheres que cuidam, além de criarem galinha, pato, porcos e vacas. Em várias situações presenciei os homens chegando da roça ou caça e as mulheres acendendo fogo, tratando as caças. Percebi que é automática a divisão de algumas funções entre homens e mulheres na aldeia. Lea (1992) percebeu esta característica entre os *Mebengokre*:

[...] encaixe entre as atividades masculinas e femininas é quase automático. Se as mulheres sabem que os homens foram caçar ou pescar, elas se organizam para colher mandioca para cozinhá-la como acompanhamento. Cada gênero sabe o que se espera dele e se organiza de acordo com tais expectativas. (LEA, 1994, p. 96).

Em outras situações presenciei os homens cuidando da casa e das crianças, enquanto as mulheres sentavam na cadeira e faziam pulseira e colar com miçangas, como relata Delma, uma das interlocutoras desta pesquisa: “*É cansativo fazer comida todos os dias, um dia eu faço a comida e lavo roupa o outro dia, meu esposo faz [...]*”. (Delma, Agosto/2019). Biroli

(2016) destaca que apesar das mudanças sociais que ocorreram ao longo dos séculos as mulheres estão concentradas em atividades domésticas, situando com a realidade Apinajé, percebo que elas passam boa parte do tempo nos afazeres domésticos e cuidados das roças, “[...] as relações de trabalho também expõem com clareza os padrões hierárquicos nas relações entre as mulheres. [...]” (BIROLI, 2016, p.120). No cotidiano da aldeia os homens exercem trabalhos vistos como “importantes” como diretores da unidade escolar, caciques e pajé, enquanto as mulheres ocupam funções vistas como subalternas como os cuidados domésticos e dos filhos apesar das nitidas mudanças que ocorreram ao longo das décadas, elas estão concentradas principalmente nesses trabalhos no cotidiano da aldeia. Outro fato observado é dominação dos homens sobre as mulheres, fato notado nas relações conjugais, de pai e filha, irmão e irmã. Em diversas situações observei essas situações, sendo comum nos casamentos, no qual as mulheres demonstraram submissão a seu esposo, fato comum nas sociedades ocidentais.

Elas tem uma representante mulher muito forte, elas tem o partido dela de mandar, liderar, desfazer, elas tem os diálogos entre elas. Todo encontro de cacique elas estão presente também para explicar um pouco da visão delas e também das lutas delas, o trabalho das mulheres é muito importante nas culturas, como festa cultural artesanato, como as comidas tradicionais e crenças, tipo batismo e várias outras coisas, até no trabalho de defender o território elas tem o poder de mandar os homens fazer a fiscalização também. (Luis Katâm, 2020).

Na narrativa percebo a relevância socioocultural que as mulheres possuem, elas estão em todas as instâncias sociais, exercendo múltiplas funções. Os homens que exercem funções de liderança, na unidade escolar e Posto de saúde, demonstraram em várias situações reconhecimento social as mulheres em suas múltiplas funções, mostrando a desconstrução de hierarquia entre os gêneros.

Um fato rotineiro nas aldeias são as festas de forró e reggae, são chamadas de festa do branco, acompanhei as mulheres falando com expectativa da festa, citando as roupas, que iriam usar e pessoas que vão conhecer durante o evento. Segundo elas, muitas mulheres aproveitam para dançar, beber e namorar nessas festas. Outro fato comum é a relação da mulher com o esporte, tanto na unidade escolar como nos dois campos da aldeia elas jogam futebol.

Na aldeia São José não teve cacica na estrutura política, apenas promotora mulher, sendo que na unidade escolar a mulher não ocupou a função de diretora, apenas de professora, merendeira, auxiliar de serviços gerais e auxiliar administrativo, apesar desses fatos explícitos de gênero na divisão das funções de liderança e direção da escola, presenciei algumas mulheres falando que almejam ocupar essas funções de liderança e diretoria da escola. Lasmar (1999) cita esta problemática de dominação entre os povos indígenas:

[...] A pregnância implícita ou explícita da problemática da dominação concorreu para tornar menos acessível o ponto de vista das próprias mulheres indígenas sobre os processos sociais envolvidos na constituição das relações entre os gêneros. [...] (LASMAR, 1999, p.15).

As mulheres já observam estes fatos nas instâncias sociais entre homens e mulheres, principalmente nas funções dentro da escola, vi algumas mulheres falando que a escola é cheia de *kupê* trabalhando, aspirando ocupar estes espaços futuramente quando cursar um curso nível superior, assim como as funções no posto de saúde da aldeia, em afirmar que não tem Apinajé trabalhando neste local.

Ficam nítidas as mudanças sociais que ocorreram na estrutura de gênero entre os povos indígenas Apinajé, delineando trajetórias dessas mulheres com outros espaços e territorialidades como na cidade de Tocantinópolis (TO). Elas estão ocupando as estruturas de liderança com mais eficaz, como Rocha (2016, 2018) mostra em seus trabalhos. No próximo capítulo analiso as trajetórias de seis mulheres indígenas Apinajé com a cidade de Tocantinópolis (TO), estas são moradoras da aldeia São José, filha e netas da matriarca Itelvina, uma das guardiãs e patrimônio imaterial da cultura Apinajé.

4 TRAJETÓRIAS SOCIOESPACIAIS DAS MULHERES INDÍGENAS APINAJÉ NA CIDADE DE TOCANTINÓPOLIS (TO)

Neste capítulo apresento as trajetórias socioespaciais das interlocutoras desta pesquisa com a cidade de Tocantinópolis (TO), através da história oral de vida e observação participante. Enfoco as espacialidade e interações com a cidade no período de julho de 2019 a dezembro de 2019. Durante a observação participante na aldeia São José e na cidade de Tocantinópolis (TO), presenciei o cotidiano das mulheres, funções sociais que exercem no território, festividades e outras atividades no dia-a-dia. Através da história oral de vida analiso suas vivências na aldeia e as trajetórias socioespaciais na cidade.

História oral de vida é o gênero bastante cultivado e com crescente público. Trata-se de narrativa com aspiração de longo curso – daí o nome de “vida” - e versa sobre aspectos continuados das experiências de pessoas. [...] (MEIHY & RIBEIRO, 2011, p.82).

A história oral de vida foi realizada através de conversas, narrativas e diálogos na aldeia e na cidade. As mulheres narraram à história de vida, cotidiano na aldeia, festas e trajetórias socioespaciais na cidade de Tocantinópolis (TO).

O primeiro contato relacional com as mulheres da família da matriarca Itelvina ocorreu em julho de 2019, por intervenção do representante do povo indígena Apinajé Davi *Waminen*, apresentei a proposta de pesquisa para as mulheres e seus familiares. Na fotografia 10 registra a ocasião que apresentei a proposta de pesquisa para as mulheres e familiares na aldeia São José:

Fotografia 10: Apresentação da pesquisa na comunidade.



Fonte: (TORRES, Julho/ 2019).

Após a aprovação das mulheres e familiares, iniciei a pesquisa de campo no mesmo mês, conhecendo a história de vida e narrativas destas. As narrativas apresentadas nesta pesquisa foram mantidas originais ao modo cultural de expressão e linguagem da etnia Apinajé.

4.1 Interlocutora 1. Matriarca Itelvina Dias Sousa Apinagé

A matriarca Itelvina tem 96 anos de idade e é uma das guardiãs da cultura indígena Apinajé. Ela nasceu na região da cidade Nazaré durante uma farinhada, logo após seu nascimento sua família voltou para a aldeia Velha, depois ela mudou para a aldeia São José, no qual vive atualmente.

Fui batizada de *Pãxne*²⁰ pela matriarca Itelvina (Fotografia 11) ela me adotou como sua afilhada, construímos uma relação de carinho e cuidado, na pesquisa a campo na aldeia e na cidade ajudava ela a segurar suas compras, atravessar à rua, dar lanche e a água nos horários certos além de construir longos diálogos e trocas de experiências com assuntos aleatórios. Ela fazia questão de ver as fotos e vídeos no meu celular além de se preocupar com minha estadia na aldeia.

Fotografia 11: Itelvina em seu quintal na aldeia São José.



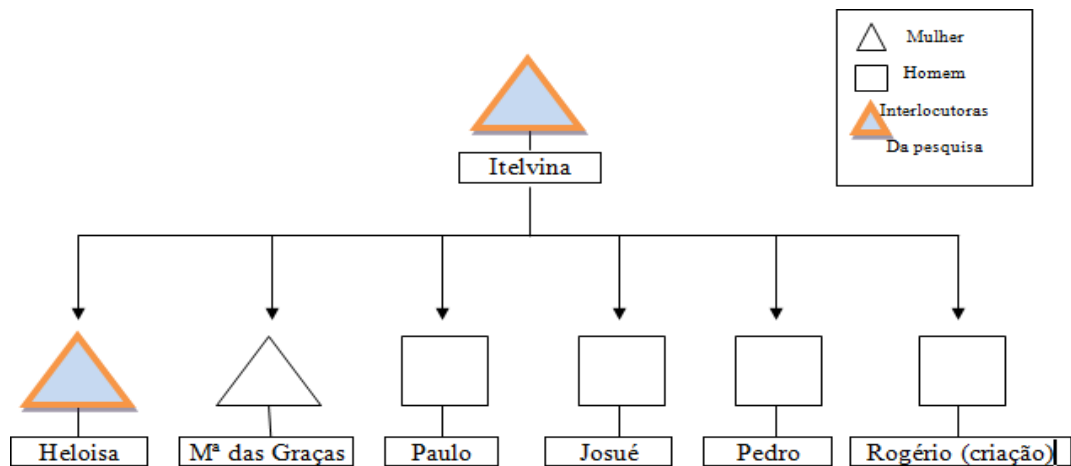
Fonte: (TORRES, Agosto/2019).

Uma das atividades corriqueiras de Itelvina é pegar sol pela manhã em seu quintal. Ela costuma acordar cedo e reunir os familiares na sua casa e tomar café juntos, uma característica da cultura Apinajé é a coletividade nas refeições diárias, fato notado durante a observação participante.

²⁰ Na língua Apinajé não tem tradução para o português.

No diagrama 1 estar representado o parentesco das interlocutoras deste trabalho:

Diagrama 1: Itelvina



Fonte: (TORRES, 2019).

No diagrama 1 apresenta a estrutura familiar de Itelvina pautada nos seus filhos e filhas. Ela mora com sua filha Heloísa na aldeia São José, sendo apenas Heloísa e Rogério vivendo nesta aldeia, os outros filhos moram em aldeias perto da aldeia São José. Itelvina faz questão de visitar seus filhos netos e bisnetos com recorrência.

Nas narrativas de Itelvina, ressaltou que desde criança vai à cidade de Tocantinópolis (TO), antigamente acampava a beira do rio Tocantins junto com sua família, pescava e participava das festas que ocorriam. Itelvina é aposentada por idade e todo mês vai à cidade de Tocantinópolis (TO), fazer compras nos comércios e realizar consultas médicas. Atualmente vai a cidade e povoados próximos no carro do marido da sua neta Delinan ou no carro do comércio que realiza compras. Ela narrou sobre suas trajetórias para a cidade de Tocantinópolis (TO).

Vou pra Tocantinópolis no carro do comércio do Antônio Narciso ou no carro do Davi, faz uns 10 anos que compro neste comércio, faço minha compra, compro arroz, feijão, leite, açúcar, café, bolacha, refrigerante e sal. No comércio compram muitas pessoas de várias aldeias. Seu Narciso vai buscar no carro e levar. A cidade é quente e os kupê não gosta do índio, nem fala com nós. No tempo da demarcação o prefeito não gostava de nós, agora ele amansou, nós já vota nele. (Itelvina, agosto, 2019).

Na narrativa de Itelvina, percebo as representações que ela constrói ao contexto urbano em detalhar o distanciamento na relação com os moradores da cidade, especificamente os que frequentam o comércio. Ela destaca a relação com o prefeito da cidade de Tocantinópolis (TO) narrando a história de conflito entre os Apinajé e as autoridades políticas locais durante a demarcação do território. Destaca também que a relação atualmente com o prefeito é mais próxima, pois, o representante dos povos Apinajé Davi *Waminen* está ocupando a função de vereador por 4 meses, devido a licença de outro vereador, assim há uma relação mais harmoniosa com os políticos locais.

Ela costuma ir à cidade para realizar consultas médicas quando necessário e exames periódicos. Décadas anteriores ela viajava para outras cidades e estados, com a missionária Patricia Ham uma norte americana que viveu na aldeia São José vários anos, no qual Itelvina ajudou traduzir a bíblia cristã para a língua Apinajé.

Durante a observação participante na cidade, percebi que Itelvina escolhia a melhor roupa para ir ao território urbano, tomava banho cedo no ribeirão e fazia questão de levar sua bolsa com os pertences. Seu filho Rogério, Heloisa e netas acompanhavam dona Itelvina na cidade, ela vai todo final de mês. Na Fotografia 12, mostra Itelvina e Heloísa no comercial Casa Marinho local que Itelvina realiza compras na cidade de Tocantinópolis (TO).

Na fotografia 12 retrata uma das situações que Itelvina convive na cidade que é esperar o carro para voltar à aldeia, ela expressava inquietude em algumas situações e incomodo. Notei que Itelvina tem amizade com os donos dos comércios, demonstrando muito carinho com abraços e conversas longas. Em diálogo com o dono do comércio, relatou que são vários anos que Itelvina é cliente do comércio, e faz questão de buscá-las e levá-la para a aldeia quando necessário.

Fotografia 12: Heloisa e Itelvina sentada em frente ao comércio.



Fonte: (TORRES, agosto/ 2019).

Durante as conversas com Itelvina no cotidiano da aldeia, a sua filha Heloisa e neta Silvana ajudavam na tradução de algumas falas além intermediar a conversa em algumas situações. Em uma das conversas Itelvina narrou sobre a infância e casamentos:

Desde de criança, eu quebrava coco, botava roça, pescava e caçava. Eu era menina e meu pai ficou atentando pra eu casar com o pai dos meus filhos, ele bebia e ficava valente. Depois casei com um homem e mim largou, ai juntei com outro e não deu certo. Criei meus filhos na roça e quebrando coco, no meu tempo não tinha posento todo mundo trabalhava muito não é como hoje que as pessoas não gostam de trabalhar. (Itelvina, outubro de 2019).

Na fala de Itelvina, observo as mudanças do modo de vida na cultura indígena Apinajé, por destacar que as roças não estão sendo cultivadas como antigamente, principalmente depois que os programas sociais chegaram à aldeia. Em várias conversas, ressaltava que os cantos, rituais e festas não são mais realizados na aldeia. Narrou que desde criança vai para Tocantinópolis (TO), mas sempre trabalhava na aldeia, não ficava pedindo ou bebendo bebidas alcoólicas na cidade como muitas mulheres ficam hoje em dia.

Na Fotografia 13, retrato Itelvina fazendo compras no comércio, neste dia ela foi para a cidade no carro do Davi *Waminen*, com sua neta Silvana, Delinan e Delma e suas filhas Heloisa estavam na cidade a sua espera. Silvana acompanhou Itelvina nas compras, enquanto as outras netas foram resolver outras finalidades na cidade.

Fotografia 13: Itelvina fazendo compras no comércio.



Fonte: (TORRES, Agosto/ 2019).

Neste dia Itelvina demorou fazer compras, ao chegar ao comércio pegou o carro de compras e com ajuda da sua neta Silvana começou recolher os produtos, ela fazia questão de olhar os preços e escolher os melhores produtos como: leite e café. Comprou tapioca, óleo, bolacha, sal, açúcar, arroz, frango, sandália para o bisneto e outros produtos. Quando encerrou a compra sentou na frente do comércio para tomar refrigerante e comer pão com seus parentes, antes de voltar para a aldeia.

Na fotografia 14 retrata Itelvina fazendo compras no comércio acompanhadas de suas netas da aldeia Cocal Grande. Ela foi visitar seu filho Josué que mora nesta aldeia, assim as netas a acompanharam ela na cidade de Tocantinópolis (TO).

Fotografia 14: Itelvina no comércio



Fonte: (TORRES, novembro/2019).

Ela comprou vários produtos, como: sabão, sabonete, arroz, feijão, café, bolacha, leite, óleo, frango, cuscuz, tapioca, refrigerante e pães. Como estava passando uns dias na casa do seu filho, ela faz questão de ajudar nas despesas de casa. Quando saiu do comércio no carro do comércio passou no açougue e comprou carne com a ajuda das suas netas. Neste dia, relatou que estava cansada, e destacou que a cidade é muito quente, por isso cansa rápido.

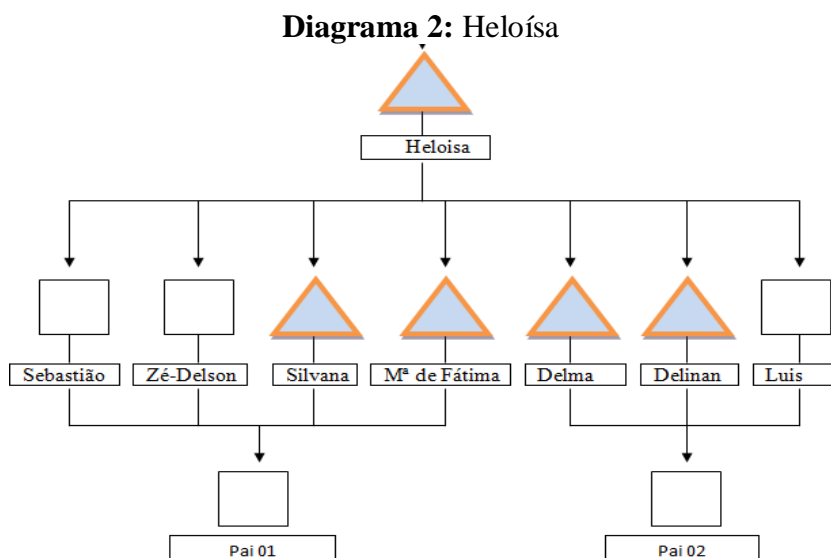
Vários indígenas de outras aldeias costumam comprar no comércio, principalmente idosos, em vários momentos, presenciei Itelvina conversando com os conhecidos e parentes que vão ao comércio, principalmente quando fica esperando o carro fretado para retornar a aldeia.

As trajetórias socioespaciais de Itelvina na cidade de Tocantinópolis (TO) são marcadas por compras mensalmente no comércio e consultas médicas. Observo as representações que ela constrói da cidade por representar como um lugar quente, sujo, onde as pessoas não gostam de falar com os indígenas. Atualmente ela não costuma ir à beira do rio como décadas anteriores, ficando mais concentrada no comércio.

4.2 Interlocutora 2. Heloisa Dias de Sousa Apinagé

Heloísa tem 58 anos e é moradora da aldeia São José e vive com sua mãe Itelvina, suas filhas Delma, Delinan, Silvana, Maria de Fátima vivem próximas de sua casa, lugar conhecido na aldeia São José como “Pé de Pitombeira”. Heloísa é cantora, pintora e artesã. Ela nasceu na aldeia Velha, e depois de casada passou a morar na aldeia São José. Foi casada duas vezes, no primeiro casamento teve quatro filhos no segundo teve duas filhas. Falou que separou dos maridos porque bebiam muita cachaça e batia nela.

No diagrama 2 aborda os casamentos e filhos e filhas, além de destacar as filhas interlocutoras desta pesquisa.



Fonte: Torres (2019).

Na fotografia 15, apresenta Heloísa em seu cotidiano na aldeia, que é fazer colares e pulseiras.

Fotografia 15: Heloísa na sua casa



Fonte: (TORRES, agosto/ 2019).

Depois de preparar o almoço para os familiares, ela gosta de reunir as filhas e netas para conversar, fazer colares e tomar café. Durante a pesquisa a campo ela mostrou os colares e esteiras que estava produzindo.

Desde criança quebrava coco e “botava roça”. Atualmente não quebra mais coco babaçu devido sentir dor de coluna, ela recebe o auxílio doença, a principal fonte de renda.

Todo mês vai à cidade de Tocantinópolis (TO) fazer compras e quando necessário realiza exames e consultas médicas. Durante minha estadia na aldeia, ela narrou sobre os casamentos, convivência com os filhos e mãe:

Eu e minha mãe que criou meus filhos, só nó duas, ela não quis mais arrumar marido nem eu, primeiro meu pai morreu depois foi a mulher que morava com ele. Eu quebrava coco, botava roça todo ano, eu falo pra meus filhos e genro botar roça, fazer carvão. Só o marido da Silvana que tá brocando a roça. Delinan e Delma não sabem quebrar coco só a Silvana e Maria de Fátima. Quando tinha marido eu que tomava a frente pra botar roça, meus maridos gostavam era de beber e fumar, sempre trabalhava muito, minha mãe mim ensinou desde pequena, cuidar da roça, quebrar coco e botar roça. (Heloísa, setembro, 2019).

Um fato observável na narrativa de Heloisa é destacar que as gerações de mulheres atuais não quebram coco babaçu, como antigamente, delineando as mudanças socioculturais na cultura indígena Apinajé. Sobre os casamentos destacou que ela tomava a frente para cultivar a roça. Durante a observação participante na aldeia, notei que o cotidiano de Heloísa é marcado por várias atividades, como cuidar dos netos quando os filhos vão à cidade, preparar o café da manhã para todos os familiares que vivem próximo da sua casa, lavar roupas e louças no ribeirão, varrer os quintais, cuidar das galinhas e patos. Em frente à sua casa foi construída uma casa de palha, onde tem um fogão a lenha e carvão e uma pia pra lavar louças, mas dona Heloisa faz questão de lavar louças e roupas no ribeirão. Apesar das múltiplas atividades do dia-a-dia, ela faz esteira e colares e ensinar as netas, filhas e nora.

Fotografia 16: Heloísa mostrando as esteiras



Fonte: (TORRES, Agosto/ 2019).

Na fotografia 16 Heloísa mostra as esteiras que produz no tempo livre, ela vende para algumas pessoas que moram em outras aldeias, além de ensinar as filhas a fazer artesanato, como a presenciei ensinando a sua filha Delinan. Ressaltou que seus genros e netos buscam as palmeiras de babaçu na floresta para ela fazer esteiras, cofos e abanos.

Quando tem festas ou encontros em alguma aldeia próxima da São José, ela participa, canta e dança com o cantor Zé Cabelo. Durante a observação participante ela foi para a festa na aldeia Palmeiras, aldeia Brejinho e aldeia Mangal.

Sobre as trajetórias socioespaciais para a cidade de Tocantinópolis (TO), destaca que desde criança vai à cidade, antigamente ia a pé, com várias pessoas juntas. Vendiam frutos do cerrado (bacuri, pequi, buriti, bacaba e jussara) e artesanatos. Durante as conversas ela narrou:

Eu fico com medo de andar na rua sozinha, tem gente de lá que não gosta de índio, talvez vai bater ou fazer alguma coisa com o índio por isso que fico pensando, depois que aconteceu aquela briga ali, tenho medo de andar sozinha na rua. Eu faço compra mais é ligeiro, chamo minha filha pra comprar uma roupa, ai compro rapidinho, vou na farmácia rapidinho. Às vezes nós compra tudo no comércio, porque lá tem tudo. As coisas são caro, mas tô pagando tudo pra ficar com meu cartão e comprar em outro comércio barato. (Heloísa, outubro, 2019).

Heloísa menciona o receio de andar sozinha na cidade, destacando que anda sempre acompanhada por uma das filhas. Ressaltou que estava saindo do comércio casa Marinho, pois, seu dinheiro só dar para pagar as contas do estabelecimento, e desejava comprar freezer, fogão e mesa. Na fotografia 17 mostra Heloísa em frente ao comercial Marinho, esperando seu cartão após pagar a conta do comércio.

Fotografia 17: Heloísa na cidade.



Fonte: (TORRES, Setembro/ 2019).

Após Heloísa pagar a conta no comércio Marinho, passou a realizar compras no comércio do Alto Da Boa Vista, citou que seu genro Davi *Waminen* conversou com o dono do comércio e lá eles não vão ficar com o cartão dela como garantia de pagamento. Sua mãe continuou comprando no comércio e uma das suas filhas. Após a saída do comércio, Heloisa falou com entusiasmo que agora ia comprar um freezer ou uma geladeira, pois o dinheiro ia sobrar. Na fotografia 18, retrato Heloisa chegando ao comércio do Alto da Boa Vista, no comércio Pag Menos, local que está fazendo compras na cidade.

Fotografia 18: Heloísa fazendo compras.



Fonte: (TORRES, novembro, 2019).

Heloisa foi ao Banco com sua filha Maria de Fátima, para receber seu salário, logo após foram ao comércio fazer sua compra do mês. Comprou arroz, feijão, frango, sal, açúcar, café, óleo, cuscuz, massa de bolo, sabão e outros itens. Depois comprou refrigerante e pipoca para comer com os parentes até ir ao açougue comprar carne e voltar para aldeia. Na fotografia 19 representa Heloisa lanchando após as compras no comércio.

Fotografia 19: Heloísa lanchando na praça.

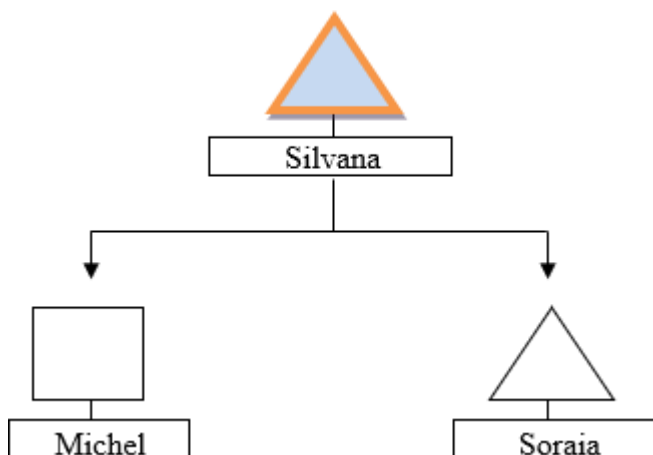


Fonte: (TORRES, novembro, 2019).

Em várias situações, presenciei Heloísa falando que fica feliz em ver a filha Delma e o filho Luís estudando na cidade, destacou que faz questão cuidar dos netos para eles estudarem. Ela ver a cidade como um local de crescimento profissional dos filhos e netos, sempre mencionava que não teve a oportunidade de estudar, por isso apoia os familiares buscar uma formação superior.

4.3 Interlocutora 3. Silvana Dias de Sousa Apinagé.

Silvana é a filha mais velha de Heloísa tem 42 anos, nasceu na aldeia Velha e vive na aldeia São José é casada e têm dois filhos, ela mora ao lado da casa de sua mãe Heloísa. Silvana gosta de fazer pulseira, colares, esteira, abano, pinturas corporais, quebrar coco e cuidar da horta. No diagrama 3 representa os filhos de Silvana.

Diagrama 3: Silvana

Fonte: (TORRES, 2019).

Silvana tem dois filhos, Michel é filho do seu primeiro casamento, Soraia é fruto do segundo casamento, após a separação ela casou novamente, vivendo recentemente com essa pessoa. Falou que nos casamentos anteriores os maridos bebiam muito e ficava valente fato narrado por outras mulheres, demonstrando que a violência doméstica é um problema social na etnia Apinajé.

Fotografia 20: Silvana em sua casa

Fonte: (TORRES, agosto, 2019).

Na fotografia 20 retrata uma das situações cotidianas de Silvana na aldeia que é fazer pulseiras e colares de miçangas.

Durante a estadia na aldeia, vi que Silvana cultivava uma horta, e cria galinhas. Na horta cultivava tomates, cheiro verde e plantas para chás.

Sua principal fonte de renda é o benefício do Programa Bolsa Família e vendas de pulseiras e colares. O cotidiano na aldeia é marcado por trabalhos na roça, horta e atividades de casa, percebi que ela ajuda sua mãe no preparo do almoço e do jantar para os familiares. Ajuda suas irmãs a cuidar dos filhos quando estão doentes, ou quando elas viajam para a cidade de Tocantinópolis (TO). Toda final de mês Silvana vai a Tocantinópolis, acorda cedo, faz café da manhã para os familiares, toma banho no ribeirão e escolhe a melhor roupa.

Ela vai à cidade com muita recorrência, principalmente para acompanhar os parentes doentes na Unidade de Pronto Atendimento (UPA) e Hospital. Faz suas compras em um comércio no bairro Antônio Pereira, conhecido como comércio do Zé da Doca. O dono do comércio busca e leva as pessoas para realizar as compras. Sobre as trajetórias com a cidade de Tocantinópolis (TO) narrou:

Eu vou para a cidade de Tocantinópolis no carro do Zé da Doca ou no carro do Davi, eu vou com meu esposo ou com minhas irmãs e filhos. Desde de nova gosto de ir pra cidade, mais o kupê não gosta de nós, eu tenho medo de andar sozinha na rua, medo deles fazer alguma coisa com nós. Antigamente jogava bola e jogava na cidade mais ia todo mundo junto homem e mulher no caminhão. Meus filhos gostam de ir pra cidade assistir jogar e andar nas ruas. (Silvana, setembro, 2019).

O receio em andar sozinha na cidade é um fato comum que as mulheres desta etnia, sendo que uma pequena parcela dos homens demonstram esta característica de “medo”. Sobre as compras no comércio, Silvana narrou:

Todo mês vou pra Tocantinópolis comprar minhas coisinhas, o Zé da Doca vem buscar nós na aldeia e deixar no comércio dele comprar, arroz, feijão, sal, óleo, café, açúcar, cuscuz, bolacha, massa de bolo, refrigerante e feijão. Quando sobra dinheiro compro carne no açougue, a caça tá difícil. (Silvana, outubro, 2019).

Silvana em várias situações falava sobre as coisas que anseia em comprar como uma geladeira e um freezer. Quando vai a cidade fica olhando os moveis nas lojas e de vez em quando compra roupas lojas. Na fotografia 21 trata um dos momentos que Silvana retorna a aldeia com algumas compras.

Fotografia 21: Silvana com as compras do mês.



Fonte: (TORRES, setembro, 2019).

Neste dia Silvana comprou um celular para seu filho Michel, falou que ele tinha muita vontade em possuir. Todos os seus amigos já tinham celular, só faltava ele. Quando volta da cidade sua casa enche de sobrinhos, para ver o que ela comprou. Entre os Apinajé é comum compartilhar as compras com os parentes e outras pessoas. Silvana deu bolacha e balinha para os sobrinhos.

*Quando vou à cidade gosto de comprar balinha para meus sobrinhos, quando desço do carro comercio, elas vem correndo para comer, na cidade sempre fico andando na rua até o carro trazer nós pra aldeia, vejo muito **panhi** por lá, e até parentes, quando a Delma ta estudando gosto de visitar ela no alojamento, lá tem outros **panhi**.*

Durante a observação participante presenciei Silvana acompanhando sua avó nas compras (Fotografia 22) na cidade de Tocantinópolis (TO), foram no carro do Davi Waminen.

Fotografia 22: Silvana na cidade.



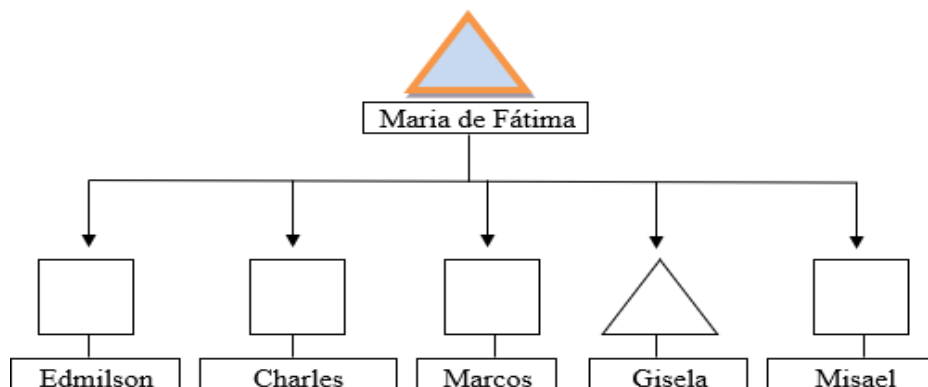
Fonte: (TORRES, agosto, 2019).

Após as compras, Silvana procurou um lugar para sua Avó sentar e lanchar até voltar para a aldeia. Elas ficaram em frente ao comércio, com outros indígenas esperando o carro. Percebo que Silvana fica intimidada, no ambiente urbano, no comércio fala só com os *Panhi* e não anda sozinha na rua.

4.4 Interlocutora 4. Maria de Fátima Dias Apinagé

Maria de Fátima tem 38 anos de idade e nasceu na aldeia Nova, atual São José é casada e têm cinco filhos, vive próxima da casa de sua mãe Heloísa. Ela é merendeira da Escola Estadual Indígena *Matúk*. Uma das atividades que costuma fazer são pulseiras, pinturas corporais e cofos, no seu cotidiano aldeia, ajudam as irmãs cuidar dos filhos quando viajam para Tocantinópolis ou outras cidades.

No digrama 4 apresentam os filhos de Maria Fátima.

Diagrama 4: Maria de Fátima

Fonte: Torres (2019).

No diagrama representa os filhos de Maria de Fátima, Edmilson, Charles, Marcos e Gisela são do primeiro casamento e Misael do casamento atual.

Na fotografia 23 apresenta Maria de Fátima em seu ambiente de trabalho, na Unidade Escolar Estadual Indígena *Matúk*.

Fotografia 23: Maria de Fátima em seu local de trabalho

Fonte: (TORRES, agosto, 2019).

Em seu cotidiano da aldeia, lava roupa e toma banho no ribeirão assiste jogos de futebol no campo da aldeia. Sua principal fonte de renda é o salário de merendeira e venda de geladinhos. Em conversa sobre seu cotidiano na aldeia narrou:

Aqui na aldeia é tranquilo todos os filhos da mãe se reúne na casa dela pra tomar café, filhos, netos e genros. As vezes nos ajuda a mãe fazer comida pra todo mundo, ela cuida de todo mundo da vó e dos netos. Meu esposo tá fazendo carvão estes tempos, eu gosto de cozinhar no carvão e na lenha. Cerquei meu quintal, pra gado e nem porco malinar nas minhas plantas. Tem uns gados soltos na aldeia que vive atentando nas hortas dos outros. (Maria de Fátima, 2019).

Maria de Fátima todo mês vai à cidade de Tocantinópolis (TO), no carro do seu cunhado Davi *Waminen* ou no carro do comércio, sempre acompanha a mãe, irmãs e avó. Realiza sua compra no comércio Marinho, compra remédio nas farmácias, roupas nas lojas e gosta de ir à orla de Tocantinópolis (TO) ver o rio. Em conversa com Maria de Fátima sobre as trajetórias socioespaciais com a cidade de Tocantinópolis (TO), narrou:

Vou para Tocantinópolis, desde criança, ia com a mãe e a avó, depois de grande, passei a ir para fazer compras, fazer exames, consultas, acompanho a mãe a vó nas compras. De vez em quando vou nas lojas comprar roupa, ou miçangas. Vou na farmácia comprar remédio. Tenho medo de andar sozinha na rua e alguém fazer alguma coisa com nós. No comércio eles não fala com índio, ficam olhando pra nós. Por isso tenho medo. Nós gosta de andar acompanhada. (Maria de Fátima, outubro, 2019).

Na narrativa de Maria de Fátima demonstra receio em andar sozinha na cidade, pois, o preconceito e discriminação aos indígenas Apinajé são notórios em várias situações. Percebe-se que as compras nos comércios as consultas médicas é o principal motivo para Maria de Fátima ir à cidade de Tocantinópolis (TO) (Fotografia 24). Durante a observação participante, presenciei Maria de Fátima acompanhando sua mãe nas compras, desde a ida ao Banco da Amazônia, comércio e açougue.

Fotografia 24: Maria de Fátima na cidade.



Fonte: (TORRES, novembro, 2019).

Maria de Fátima estava descansando em um restaurante próximo ao Banco, após acompanhar a mãe, depois foi ao comércio realizar as compras. Maria de Fátima relatou que após ficar doente da vesícula, emagreceu muito por isso não gosta muito de sair, se sente feia e isso a deixa triste. Quando vai a cidade procura a roupa mais bonita e arruma o cabelo, toma banho cedo no ribeirão e deixa o café da manhã pronto para os filhos. Na cidade gosta de comprar miçangas, vasilhas, roupas e realizar sua compra do mês. Na fotografia 25 retrata Maria de Fátima no comércio Pag Menos ajudando sua mãe nas compras.

Fotografia 25: Maria de Fátima fazendo compras no comércio.



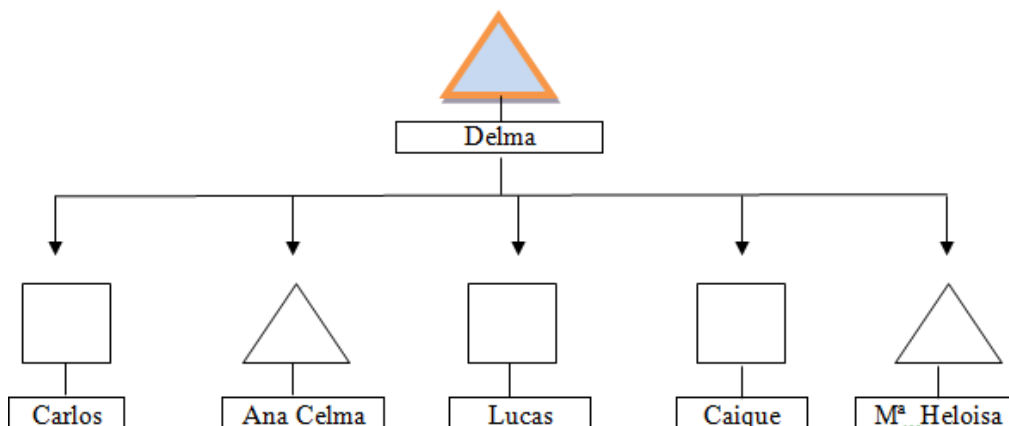
Fonte: (TORRES, Novembro, 2019).

Maria de Fátima e sua irmã Delma, acompanharam sua mãe nas compras, nesse dia compraram vários produtos, arroz, feijão, carne, frango, café, açúcar, bolacha, cremes para o cabelo, sabão, esmaltes e outros produtos. Maria de Fátima e Delma demonstraram bastante interesse pelos produtos de beleza, demoraramm escolher os produtos de beleza, cremes, esmaltes e perfumes.

4.5 Interlocutora 5. Delma Dias de Sousa Apinajé

Delma tem 34 anos e nasceu na aldeia Nova, atual São José, é casada e tem cinco filhos, mora ao lado da casa de sua mãe Heloisa. É estudante do curso de Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal do Tocantins, campus de Tocantinópolis. Ela faz colares, anéis e pulseiras, vende para algumas pessoas da cidade de Tocantinópolis (TO).

No Digrama 5 representa a organização familiar de Delma.

Digrama 5: Delma

Fonte: Torres (2019).

Na fotografia 26, representa Delma na casa de sua mãe Heloísa, fazendo colares.

Fotografia 26: Delma na casa de sua mãe Heloísa.

Fonte: (TORRES, Agosto, 2019).

No cotidiano da aldeia São José, cria galinha, cachorro e gatos, cuida dos afazeres de casa como lavar roupa e vasilhas no ribeirão, local que as mulheres gostam de se reunir para conversar. Delma gosta de banhar várias vezes ao dia no ribeirão junto com os filhos, joga bola no campo próximo a sua casa, com as mulheres e com os homens, sua filha e sobrinhas também jogam. Em conversa sobre o cotidiano na aldeia, Delma relatou:

Aqui na aldeia é tranquilo, nós gostamos de reunir na casa da mãe, conversar e comer. Cuidamos da casa das crianças, gosto de varrer meu quintal e das plantas. Minha família já ajuda fazer as coisas de casa e das crianças pequenas. Gosto de assistir televisão na casa da Maria de Fátima e novela. Quando vou pra cidade estudar, ela que ajuda meu esposo nos serviços de casa. Nós gosta de jogar bola, visitar os parentes e amigos. Quando tem jogo no campo, vem muito índio assistir, ai fica animado. (Delma, setembro, 2019).

Observei que Delma gosta de assistir TV na casa da irmã Maria de Fátima, local que reúne os parentes para assistir o jornal, filmes desenhos e novelas. Sobre as trajetórias socioespaciais para a cidade de Tocantinópolis (TO), é mais recorrente na Universidade Federal do Tocantins, Delma é estudante no Curso de Licenciatura em Educação do Campo (Fotografia 27), ela participa dos jogos de campeonatos municipais, compras nos comércios e festas. Ela acompanha sua mãe Heloísa e avó Itelvina nas compras na cidade de Tocantinópolis (TO) quando necessário. Durante a observação participante na cidade, presenciei o cotidiano de Delma na Universidade.

Delma após sair da aula, foi fazer as atividades na lanchonete, falou que sente dificuldades em estudar devido a compreensão das leituras que a graduação exige. Como o português é a segunda língua em sua cultura, tem dificuldade de entendimento. Ela fica no alojamento de alunos na universidade, assim vende pulseiras e colares para algumas pessoas da cidade. Durante nossas conversas ela relatou:

Aqui na cidade é muito quente, passo muito dia aqui. Fico com saudades dos meus filhos e família, pra mim ficou difícil agora, tô indo a pé para o novo campus, lá é longe, ando no sol quente todos os dias. Às vezes desanimo mais meu marido me dar foça pra continuar. (Delma, outubro, 2019).

A narrativa de Delma mostra as dificuldades que enfrenta na cidade para se deslocar a Universidade, como o campus mudou para outro bairro, ela sente as dificuldades para ir todos os dias, pois é distante do alojamento. Durante a observação participante acompanhei Delma participando de um evento na Universidade, na ocasião ela pintava uma colega de turma (Fotografia 28).

Fotografia 27: Delma realizando as atividades na cantina da Universidade



Fonte: (TORRES, setembro, 2019).

Fotografia 28: Delma pintando.



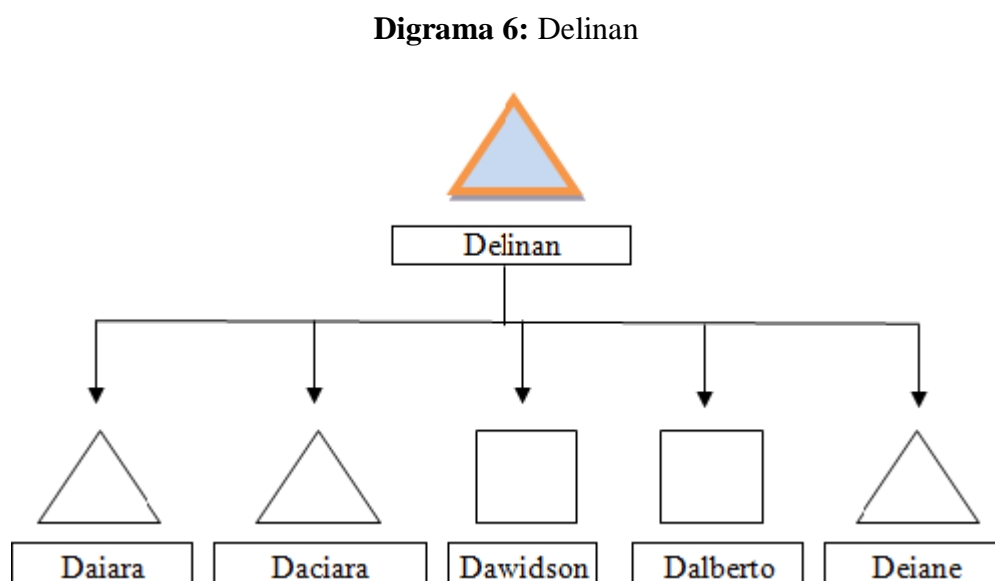
Fonte: (TORRES, novembro, 2019).

Delma se mostrava bem entusiasmada em pintar sua colega e por mostrar a pintura indígena Apinajé para as pessoas que estava presentes. Interagiu com os outros indígenas que participaram do evento e colegas de sala. Quando saiu do evento foi ajudar a sua mãe Heloisa nas compras do comércio. Falou que gosta de ir às festas na cidade com sua irmã e cunhado Davi *Waminen*, quando tem tempo participa dos campeonatos de futebol em Tocantinópolis (TO) com o time feminino da aldeia.

4.6 Interlocutora 6. Delinan Dias de Sousa Apinajé

Delinan tem 31 anos e é auxiliar administrativa da Escola Estadual Indígena *Matúk*. Nasceu na aldeia nova, atual São José, tem cinco filhos e está grávida, ela é casada com o Davi *Waminen* representante dos povos indígenas e vereador na cidade de Tocantinópolis (TO) por quatro meses, ela vive próxima de sua mãe Heloísa e irmãs.

No diagrama 6 representa os filhos de Delinan,



Fonte: Torres (2019).

Na fotografia 29 representa Delinan em um momento de lazer na casa de sua mãe Heloísa.

Fotografia 29: Delinan na casa de sua mãe Heloísa



Fonte: (TORRES, agosto, 2019).

No cotidiano da aldeia, trabalha na Escola, cuida da casa, dos filhos, faz pulseiras e colares. Durante a pesquisa de campo, presenciei sua mãe Heloísa a ensinando fazer cestos e esteiras. Gosta de lavar roupas, vasilhas e tomar banho no ribeirão. Durante a observação participante na aldeia, mostrou bastante interesse em fazer algum curso técnico ou superior na cidade, anseia estudar para ajudar seu povo. Em conversa com Delinan, relatou:

Trabalho na escola, já um tempo, fui professora da língua e agora sou auxiliar administrativa. Aqui na aldeia gosto de jogar bola, assistir TV, cuidar da casa, fazer pulseiras, colares e anel. Vendo para algumas pessoas, quando tem festa em outra aldeia gosto de ir, meus filhos também gosta. Agora que tem internet na escola, ficou com gente se comunicar e ficar sabendo das notícias. (Delinan, outubro, 2019).

Na fala de Delinan, demonstra seu cotidiano na aldeia e função que exerce na unidade escolar, já foi professora da língua materna e agora é auxiliar administrativo. Ressaltou que vende pulseiras e colares para algumas pessoas. Gosta de participar das festas que acontecem em outras aldeias.

Sobre as trajetórias socioespaciais na cidade Tocantinópolis (TO) é marcada pelas demandas sociais da escola na Diretoria Regional de Ensino (DRE), festas, praias, visitas de parentes e compras. Delinan tem uma filha que estuda na cidade, assim toda semana ela vai a Tocantinópolis (TO). Ela realiza sua compra mensal na cidade de Imperatriz por ser mais barato que os produtos de consumo em Tocantinópolis (TO), compra roupas, remédios,

brinquedos e outros produtos. Em Tocantinópolis (TO), acompanha sua mãe Heloisa e avó, nas compras.

Percebi que ela fica muito tímida na cidade, não gosta de andar sozinha, nas maiorias das vezes fica acompanhada do esposo. Em conversa com Delinan, relatou:

Vou pra cidade de carro com Davi, a gente anda em vários lugares, lojas, comércios, na DRE no estádio, UFT, atravessa o rio. Lá conheço algumas pessoas, e as os funcionários que trabalha na escola, as professoras, minha filha mora com minha amiga que é professora. Nós gosta de andar acompanhada, com o esposo, irmã, mãe e filhos. Meus filhos quando vem que comprar tudo que ver, por isso não levo eles. Nós gosta de assistir jogos dos campeonatos, homem e mulher joga bola. (Delinan, outubro, 2019).

Na fala de Delinan, ressalta suas trajetórias socioespaciais com a cidade de Tocantinópolis (TO), ela vai de carro com seu esposo, frequentam as lojas, comércios (Fotografia 30), UFT, visitam os parentes e amigos, como sua filha mora na cidade, Delinan vai toda semana visitá-la. Vai para as festas e praias, em vez em quando nas reuniões da DRE, FUNAI e do Polo de Saúde Indígena.

Fotografia 30: Delinan com seu esposo Davi *Waminen* na beira rio.



Fonte: (DELINAN, agosto, 2019).

Na fotografia 30, mostra Delinan com seu esposo Davi *Waminen* em um momento de lazer na orla da cidade de Tocantinópolis (TO). Percebo que Delinan, tem várias amizades e

conhecidos na cidade, antigamente jogava bola em campeonatos e participava de reuniões dos programas sociais e eventos. Relatou que desde criança vai à cidade de Tocantinópolis (TO), mas atualmente frequenta recorrentemente por ter uma filha que mora na cidade além de resolver demandas do território e pessoais. Durante a observação participante na aldeia, Delinan teve que ir às pressas à cidade com seu esposo quando sua filha mais nova cortou a testa, toda a família ficou preocupada, Delinan levou a filha para UPA e depois foi encaminhada para a cidade de Augustinópolis, todos os parentes ficaram preocupados e ansiavam a todo momento por notícias, a todo momento enviavam mensagem no *Whatsapp* para saber o estado da criança.

Durante minha estadia na aldeia, notei que o ribeirão é um espaço feminino, elas se reúnem para lavar roupas, vasilhas, tomar banho e interagir com outras mulheres. Em várias situações conversei com as mulheres neste espaço, as narrativas da história oral de vida foram ouvidas principalmente neste espaço, como casamentos, divórcios e outras histórias que rodeiam a aldeia. Os homens vão ao ribeirão principalmente para banhar, sendo uma pequena parcela que lava roupa no cotidiano da aldeia São José. As crianças também ocupam esse espaço com recorrência, elas tomam banho varias vezes durante o dia.

Notei que a aldeia São José é bastante visitada por *kupẽ* que trabalha na unidade escolar, posto de saúde, FUNAI, vendedores de peixe, pães, roupas e pessoas dos povoados próximos. As mulheres são as principais consumidoras dos vendedores que vão à aldeia. Observei que elas gostam de fazer pedidos em revistas, comprar roupas e panelas de vendedores que estão recorrentemente na aldeia. Partindo dessa perspectiva Barth destaca o fato dos indivíduos de culturas diferentes interagirem:

Contudo, onde o indivíduo de culturas diferentes interagem, poder-se-ia esperar que tais diferenças se reduzissem, uma vez que a interação simultaneamente requer e cria uma congruência de códigos e valores – melhor dizendo, uma similaridade ou comunidade de cultura. (BARTH, p196, 1998).

A interação de compra e venda dos moradores da aldeia com os vendedores, demonstra uma relação próxima e distinta, pois o povo Apinajé possui uma relação de venda com algumas pessoas da cidade, como vendas artesanato, frutos nativos buriti, pequi, açaí e garrafadas. Oliveira (1972) discute a categoria fricção interétnica destacando os conflitos sociais de culturas diferentes, relacionando com o contexto Apinajé é notório as discrepâncias com a população de Tocantinópolis, sendo que uma das situações que amenizam esses atritos é a relação de compra e venda, ou seja o comercio é comum nessa relação de fricção, como demonstrada na pesquisa a campo tanto na cidade como na aldeia.

4. 7 Análise das Trajetórias Socioespaciais

As trajetórias socioespaciais dessas mulheres são marcadas por escala-temporais. “A espacialidade como linguagem do espaço, possui uma escala, uma dimensão temporal, uma função específica e uma localidade [...]”. (CIRQUEIRA, 2010, p.31). Ou seja, as mulheres indígenas Apinajé, possuem as espacialidades com a cidade a partir de uma função específica que são principalmente as compras nos comércios. As mulheres da família Sousa, quando vão a cidade de Tocantinópolis, realizam uma performance nas vestimentas, sempre vão acompanhadas, do esposo, filho, irmã, mãe e avó.

Um fato comum nessas mulheres é a timidez e o receio em alguns lugares no espaço urbano, como nas ruas do centro da cidade, local bem movimentado que recebe pessoas de várias cidades, elas não andam sozinhas em lojas de roupas ou de perfumes, nos comércios que realizam as compras ficam mais a vontade, sendo um ambiente familiar, pelo fato de comprar a vários anos. Outro fato notado é o comportamento que as mulheres exercem no ambiente urbano, em muitas situações evitam falar a língua materna em ambientes aglomerados, ou se posicionar, como ocorreu com a Delma no ambiente universitário ela evitar se posicionar por medo de causar repulsa em outras pessoas, narrou que prefere ficar quietinha nas aulas. Maria de Fátima demonstrou mais intensidade esse receio ao mencionar que só fala o necessário nos comércios e outros locais que frequenta no ambiente urbano. Ela narrou sobre esse receio:

Os kupẽ ficam olhando muito pra nós, quando nos fala nossa língua ai que fica, por isso fico quietinha. Na cidade eu gosto de entrar nas lojas com minha irmã pra ajudar escolher e comprar roupa (Maria de Fátima, 2020).

Durante a pesquisa de campo na cidade notei que as pessoas possuem representações negativas aos indígenas, como no tocante da confiabilidade, em um dos comércios que as mulheres compram, o cartão do benefício fica com o dono do estabelecimento, além de receber os Apinajé com distanciamento de contatos, presenciei uma das funcionárias do comércio, falando com a voz alterada com as pessoas que estavam em frente ao comércio situação comum nesse espaço.

Em uma das lojas que vende miçangas e tecidos, a dona do estabelecimento me relatou que vende para as mulheres Apinajé tecido, botões linhas de costura e miçangas, mas deixou claro que elas ficam olhando muito para suas coisas e as funcionárias fica vigiando enquanto elas compram. Relatou que elas pedem para vender mais baratos as miçangas e tecidos, afirmando que elas deixam o dinheiro todo no comércio, e depois vão pedir para vender mais

barato em seu estabelecimento. Na fala, noto os preconceitos e representações as consumidoras indígenas, principalmente a representação de “ladra”.

Notei que Itelvina e Heloísa, precisam de acompanhantes na cidade, Itelvina tem problemas para escutar devido à idade e Heloísa tem problemas para enxergar, relataram que quando jovens, iam para cidades sem acompanhantes, participavam de reuniões ou alguma festividade, às vezes vendiam artesanato ou frutos nativos. Mas, como estão idosas, precisa das filhas e netas para fazer compras, realizar consultas médicas, comprar roupas ou ir a outros lugares. Heloísa falou que a mãe faz questão de ir todos os meses fazer as compras, mesmo quando não está bem de saúde, às vezes é difícil convence-la a não ir. Elas vão à maioria das vezes no carro do Davi *Waminen*, ele as esperava fazer compras, ir ao banco, no açougue ou em outros lugares. Quando questionei se ela se sente a vontade no ambiente urbano, narrou:

Não gosto de andar sosinha, tem gente que não gosta de índio. O Davi leva nós e trás, sempre tô com minhas filhas e netas, eles ficam olhando pra nós, mas não fala. Antigamente eu ia no carro do comércio ou nos caminhão de jogo, mas eu era nova dava conta das coisas, agora tô veia não dou conta de andar em cima de carro, a coluna dói. Ai vou de carro com o Davi. Nós chega lá e faz as coisas e volta pra aldeia é muito quente e nem posso tirar a blusa como fico na aldeia. (Heloísa, outubro, 2019).

Outro fato comum são as performances que as mulheres realizam nas suas vestimentas na cidade, Becker (2008) discute os comportamentos e regras em certos ambientes:

Todos os grupos sociais fazem regras e tentam, em certos momentos e algumas circunstâncias impô-las. Regras sociais definem situações e tipos de comportamentos a elas apropriados, especificando algumas ações como “certas” e proibindo outras como “erradas”. [...] (BECKER, 2008, p.15).

Heloísa ressalta que na aldeia fica sem blusa, já na cidade não pode ficar, isso mostra que os indígenas vivenciam com essas adequações aos padrões do contexto urbano. Na cidade de Tocantinópolis (TO), os povos indígenas adotam certos tipos de comportamento nas trajetórias socioespaciais, especificamente as mulheres nas vestimentas.

Delma e Delinan vendem miçangas, colares e anéis para algumas pessoas na cidade, Nascimento &Vieira (2015), destacam o fato das vendas no contexto urbano:

O “estar na cidade” traz a possibilidade de uma alternativa econômica, por meio de outras fontes de rendimento (venda de produtos oriundos da aldeia e emprego em atividades informais). A cidade parece ter certo prestígio para alguns grupos locais, principalmente aqueles que ocupam algum cargo administrativo na FUNAI, na FUNASA e outras instituições que trabalham diretamente no atendimento as populações indígenas. (NASCIMENTO & VIEIRA, 2015, p.123).

A cidade se torna um local para vendas de frutos nativos, colares, pulseiras, anéis, garrafadas e artesanatos produzidos na aldeia, se constituindo um pequeno comércio, realizado pelas mulheres nas trajetórias socioespaciais. As mulheres indígenas Apinajé no contexto urbano demonstram resistência em espaços que os povos indígenas são estigmatizados e discriminados, Ângela Sacchi (2012) ressalta sobre essa resistência pela afirmação da identidade étnica, ao mesmo tempo em que lutam pela desigualdade de gênero.

[...] Assim, suas identidades étnicas proporcionam espaços de resistências e engendram construções de feminilidade por meio da "tradição", enquanto, simultaneamente, pode haver a necessidade e/ou desejo dos valores da "modernidade". (SACCHI, 2012, p.18).

Neste sentido, é notório que as mulheres indígenas Apinajé através da resistência étnica, buscam e anseiam por outras espacialidades, fora do território como é o caso de Delma que está cursando um curso superior na UFT e Delinan que anseia um curso técnico ou superior na cidade. Rocha (2018) destaca que as mulheres indígenas Apinajé estão assumindo funções na área da saúde, educação e proteção do território, evidenciando novas espacialidades das mulheres no território:

No entanto, é esse mesmo trabalho que as coloca no circuito da política interna e local (cidades que ficam no entorno a terra indígena Apinajé), favorecendo, assim, o crescimento do protagonismo feminino na política e em espaços de poder. Tendo a escola como um destes espaços em que as mulheres exercem trabalhos contemporâneos. (ROCHA, 2018, p.106).

A função de liderança e especificamente cacica, exercida pela mulher indígena Apinajé, a coloca em circulação e trajetórias para a cidade e outros territórios como os povoados próximos da aldeia. As trajetórias nos diferentes territórios demonstram o protagonismo da mulher em resolver demandas, políticas, sociais e culturais, além de demonstrar os diferentes trabalhos que a mulher indígena Apinajé vem ocupando, como no espaço escolar e da saúde.

Delinan e Maria de Fátima trabalham na Escola Estadual Indígena *Matúk*, na unidade escolar, têm outras mulheres indígenas ocupando espaços, como professoras e auxiliar de limpeza, apesar, de nenhuma mulher ter ocupado a função de diretora e coordenadora da unidade escolar, presenciei situações que as mulheres anseiam esta função. As mulheres que trabalham na unidade escolar estão recorrentemente na cidade de Tocantinópolis (TO), participando de reuniões, formações ou realizando outras demandas da escola.

Silvana e Maria de Fátima vão à cidade principalmente com o cunhado Davi *Waminen*, realizar compras ou consultas médicas, notei que elas ficam bem intimidadas e temem andar sozinha, Silvana destacou que os *kupê* fica olhando muito para os indígenas e

evitam passar perto. Na observação com Silvana revelou que a presença das mulheres indígenas na cidade causa estranheza e incomodo na cidade, pois, a imagem do indígena reproduzido na cidade brasileira é o índio genérico, culturas atrasadas, culturas congeladas, os índios pertencem ao passado e o brasileiro não é índio, (FREIRE, 2002), essas representações aos indígenas é perpetuadas nos dias atuais, tanto na mídia, escola e outras instituições.

Durante a observação participante na cidade presenciei situações que as mulheres indígenas Apinajé são representadas imoralmente pela questão étnica. Em conversa com uma dona de um estabelecimento de roupas relatou que não gosta de vender para as mulheres indígenas, pois, elas ficam pedindo para baixar o preço ou ficam pedindo roupas usadas, falou que elas espantam a clientela, muitas pessoas não entram na loja quando elas estão comprando, outro fato que ela ressaltou foi que não aceita as mulheres indígenas experimentar roupas, pois sujam. Apesar das mulheres ser clientes desta loja, noto o preconceito que a dona possui as mulheres indígenas pelo distanciamento e restrições que as mulheres passam durante as compras como não experimentar as roupas.

Em conversa com um vendedor de lanche na Praça Nossa Senhora de Fátima Centro de Tocantinópolis (TO), relatou:

Sempre vejo muitas mulheres índias na cidade, aqui no Banco do Brasil, vem várias tirar dinheiro, ou comprar na praça, tem um comércio que é cheio de índio, eles deixam o dinheiro deles lá. Tem umas índias raparigas que gostam de beber cachaça no bar essas gostam de puxar assunto passam dias na cidade pedindo comida e roupa. eu vendo meu lanche e tem umas que pedem pra mim vender mais barato, as veze pedem quando sobram. (Vendedor de lanche da Praça Nossa Senhora de Fátima em Tocantinópolis, dezembro, 2019).

Na fala do vendedor fica explicito as representações mulheres indígenas Apinajé que circulam a cidade, ela cita que são “pidonas” além de destacar que algumas mulheres são “raparigas”, noto que faz referências às mulheres *Kupry* que passam vários dias na cidade, ressalta também que algumas gostam de beber cachaça. Visualizo os preconceitos que vendedor possui as mulheres, principalmente pela visão que são “raparigas”, detalhando a questão moral e étnica das mulheres. São representações de cunho preconceituoso e equivocado as mulheres indígenas Apinajé na cidade de Tocantinópolis (TO), apesar de serem consumidoras ativas em lojas e comércios elas convivem cotidianamente com essas posições que as colocam em situações de inferioridade moral e social, tanto pela questão étnica como de gênero.

Os estigmas construídos as mulheres indígenas Apinajé é construído a partir da questão étnica e características físicas, como as vestimentas. Goffman (1980) destaca as

circunstâncias que podem ocorrer os estigmas, que no caso dos povos indígenas são sujeitos desacreditável onde no primeiro contato, percebe-se as características étnicas. Neste sentido notamos que no contexto de Tocantinópolis, esta etnia é estigmatizada principalmente pelos estereótipos que carrega pelo viés étnico. As mulheres em suas trajetórias com a cidade são representadas de várias maneiras, durante a pesquisa de campo, Silvana narrou sobre essas representações:

Já vi kupê chamar a gente de ladrona, pidona, bêbada, fedorenta e rapariga²¹, na cidade eles não gosta do índio, é por isso que as mulher não gosta de andar só, eu mesmo gosto de andar é com eu marido. (SILVANA, Dezembro de 2019).

Outro fato notado é que os homens se sentem mais à vontade em andar sozinhos na cidade, percebi uma pequena parcela que demonstraram timidez e receio do espaço urbano. As mulheres demonstraram em várias situações que se sentem à vontade com outra pessoa no contexto urbano.

Itelvina, Heloísa, Silvana, Mária de Fátima, Delma e Delinan são consumidoras ativas das lojas e comércios de Tocantinópolis (TO), percebi que gostam de comprar roupas, calçados, miçangas e produtos de beleza, demonstrando que os povos indígenas estão se familiarizando cada vez mais com atributos de consumos, como ressalta Nunes (2010):

Os universos indígenas com os quais viemos a nos familiarizar envolvem-se, cada dia mais, com processos de nosso próprio mundo, como, por exemplo, o consumo, os processos de monetarização, de dependência de mercadorias industrializadas, o dinheiro, etc. (NUNES, 2010, p.10).

Os povos indígenas Apinajé e especificamente as mulheres, possuem trajetórias com a cidade, voltada para o consumo, em lojas, comércios, lazer e outras espacialidades. Pensando na perspectiva de Homi Bhabha (1998) observo que a presença indígena na cidade é vista como incomoda e estranheza:

[...] repetibilidade em conjunturas históricas e discursivas mutantes, embasa suas estratégias de individualização e marginalização, produz aquele efeito de verdade probabilística e predictabilidade que, para o estereótipo, deve sempre estar em excesso do que pode ser provado empiricamente ou explicado logicamente. (BHABHA, 1998, p.73).

Como o passado dos povos indígena é visto pelo viés do primitivismo e as ideias generalizadas, atrasadas sobre a sua cultura, a presença indígena na cidade é vista como desordem social. Observando esses fatos pelo gênero, percebo que a presença das mulheres na cidade é mais estigmatizada e incomoda que a presença dos homens, como historicamente na cultura indígena Apinajé, os homens frequentavam a cidade de Tocantinópolis (TO) para

²¹ Representação referente a moralidade da mulher, por se relacionar com vários homens.

resolver as demandas sociais do povo, as relações dos homens é mais comum no contexto urbano.

As mulheres passaram a construir trajetórias com recorrência a cidade no início dos anos 2000, quando os programas sociais se estenderam nas aldeias. Neste sentido elas, passaram a ir à cidade receber o benefício fazer compras e outros trajetos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho da história oral de vida e pesquisa de campo na aldeia e na cidade, me abriu olhares para observar as trajetórias socioespaciais e múltiplas funções que as mulheres exercem no território, delineando mudanças sociais no tocante de gênero na etnia Apinajé. As mulheres estão exercendo funções de chefia, como aponta Rocha (2016; 2018) e estão buscando através do estudo, exercer funções no território, como professoras, enfermeira e dentistas. Elas estão saindo para outras cidades como Araguaína (TO), Tocantinópolis (TO) e Goiânia (GO) para fazer um curso superior, mostrando as novas dinâmicas e espacialidades.

No cotidiano da aldeia São José na Terra Indígena Apinajé, as mulheres e especificamente as mulheres da família da matriarca Itelvina, cuidam da casa, do quintal, das plantas, galinhas, patos e vacas. Elas fazem pulseiras, brincos colares, anéis, esteiras, cofo e abano, além de realizar um pequeno comércio na cidade e outras aldeias desses itens. Observei que Delma e Delinan vendem para algumas pessoas da aldeia e da cidade pulseiras, brincos e colares de miçanga e sementes. O cuidado da roça é das mulheres, mais os homens que limpam e ajudam a brocar na época certa, algumas mulheres quebram coco babaçu, tiram azeite e fazem carvão, observei que Silvana realiza essas atividades em seu cotidiano na aldeia.

Observei que na aldeia, as mulheres gostam de assistir novelas, filmes e outros programas como Maria de Fátima, Heloísa e Delma. na casa de Maria de Fátima fica cheio de pessoas assistindo televisão desde criança até idosos. Outro fato comum que observei no cotidiano das mulheres na aldeia é o uso do celular, gostam de interagir nas redes sociais *Whatsapp*, Facebook e *Youtube*, pesquisam produtos de beleza e receitas culinárias, como Delinan destacou durante a observação participante.

Recentemente a unidade escolar da aldeia passou a ter internet, assim várias mulheres passaram a ter celular, pois, a tecnologia possibilita a ter acesso a várias informações que antes elas ficavam sabendo só pelas pessoas que ia a cidade com recorrência. Sacchi (2012) destaca essas mudanças de gênero nas culturas indígenas após os contatos interétnicos, neste sentido as mulheres indígenas Apinajé, estão fazendo uso de tecnologia, itens da moda, produtos industrializados, produtos de beleza e outros elementos que fazem parte da realidade do contexto urbano, isto demonstra que as trajetórias socioespaciais das mulheres Apinajé na cidade, é marcada pelas compras recorrentes para o consumo.

Através da história oral de vida e narrativas das mulheres, passei a conhecer as trajetórias de vidas, territorialidades e espacialidades que demarcam a vida delas e o cotidiano. Itelvina é guardiã da cultura indígena Apinajé é uma das narradoras de mitos e histórias, sua família a respeita e ouve os conselhos quando necessário. Nas trajetórias socioespaciais com a cidade, ela vai ao carro do comércio ou com o Davi *Waminen*, realiza compras mensais e consultas médicas, durante a observação participante, notava o entusiasmo de Itelvina em ir à cidade. Heloísa exerce múltiplas funções no território, é pintora, artesã e cantora, participa das festividades do território e cuida da família no cotidiano da aldeia, nas trajetórias socioespaciais vai todo mês realizar as compras ou consultas médicas.

Silvana em seu cotidiano na aldeia cuida da casa da roça e quebra coco babaçu, vai à cidade todo mês, receber o benefício do programa Bolsa Família e fazer compras, ela acompanha os parentes quando estão doentes. Maria de Fátima no cotidiano da aldeia é marcada pelo trabalho de merendeira na unidade escolar, cuidados do quintal e cuidados com a família. Nas trajetórias socioespaciais com a cidade de Tocantinópolis é permeada pelas compras nos comércios, lojas e farmácias.

Delma em seu cotidiano na aldeia é caracterizada pelos trabalhos domésticos cuidados da casa, produção de pulseiras, brincos, colares e anéis. As trajetórias socioespaciais na cidade são demarcadas pelos estudos na Universidade Federal do Tocantins, compras nos comércios, lojas, festas e jogos em campeonato. Além de realizar um pequeno comércio com as vendas do artesanato.

Delinan no cotidiano na aldeia é marcada pelo trabalho de auxiliar administrativa na unidade escolar, cuidados da casa e filhos e produção de brincos, pulseiras, colares e anéis. Nas trajetórias socioespaciais com a cidade de Tocantinópolis é marcada por compras nas lojas, festas, praias e outras espacialidades.

Apesar das mulheres indígenas Apinajé ser consumidoras ativas de lojas e comércios na cidade de Tocantinópolis, elas convivem cotidianamente com os estigmas pela questão étnica e de gênero, observei os estigmas que são atribuídos principalmente a questão moral, representando as mulheres de “raparigas” “pidonas” e “ladronas”. Outro fato observado é a timidez por parte das mulheres no contexto urbano, notei isto durante a observação participante, elas ficam receosas em andar sozinha na rua, além de fazer uma eperformance, nas vestimentas como Itelvina e Heloísa realizam quando vão à cidade, no cotidiano da aldeia ficam sem blusas, por causa do calor e na cidade vão de roupas.

A análise das trajetórias socioespaciais das mulheres indígenas Apinajé, mostrou que elas estão circulando e construindo espacialidades com mais frequência na cidade de

Tocantinópolis, além de exercerem várias funções no território como cacica, professoras, merendeiras, agente de saúde, auxiliar de serviços gerais e outras funções. Na etnia Apinajé várias estruturas foram rompidas, como a estrutura política que só os homens exerciam o cacicado, as mulheres passaram a assumir esta função e outras, delineando novas estruturas sociais, espaciais, culturais e políticas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, L. C.; ROCHA, W. O.; DEMARCHI, A. L. C.. **As mulheres Apinajé e a escola: um relato etnográfico.** In: Márcia Machado. (Org.). Culturas e História dos povos indígenas. 1ed. Fortaleza: Expressão gráfica e editora, 2016, v. 1, p. 61-73.
- ATHIAS, R. M.; LIMA, Carmen Lúcia Silva. Indígenas na metrópole: Os Pankararu de São Paulo. **O Público e o Privado.** UECE, v. 16, p. 49-64, 2010.
- BARTH, Fredrik. Grupos Étnicos e suas Fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STREIFFEFENART, Jocelyne. Teorias da Etnicidade. São Paulo: UNESP, 1998. P. 185-227.
- BHABHA, K. Homi, **O local da Cultura.** Belo Horizonte, UFMG, 1998.
- BECKER, Howard Saul. Outsiders: **Estudos de Sociologia do desvio.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar. Ed, 2008.
- BIROLI, Flávia. Divisão Sexual do Trabalho e Democracia. **Revista de Ciências Sociais,** vol.59, nº3, p.719-681, 2016.
- COLLET, Célia. **Quebrando Preconceitos: Subsídios para o ensino das Culturas e Histórias dos Povos Indígenas:** Laced, 2014 .
- CORREIA, Aldenora Alves. **Boa Vista do “Padre João”.** Goiânia: Casa Editora Aplic, 1974.
- CIRQUEIRA, Marçal, Diogo. **Entre o corpo e a teoria:** A questão Étnico-racial na obra trajetória socioespacial de Milton Santos. Dissertação de Metrado. Universidade Federal de Goiás (UFG). 2010.
- DEMARCHI, André; MORAIS, O. **Mais algumas ideias equivocadas sobre os índios ou o que não deve mais ser dito sobre eles.** Palmas: Nagô, 2015.
- DAMATTA, Roberto. **Um mundo dividido:** A estrutura social dos índios Apinayé. Petrópolis: Vozes, 1976.
- ESTEVÃO, Carlos: **Os Aspinagés no alto do Tocantins :** Museu Paraense Emilio Goeldi, Belém, 1930.
- FREIRE, J. R. Bessa. **Cinco ideias equivocadas sobre o índio.** **Revista do Centro de Estudos do Comportamento Humano,** Manaus, AM: 2000.
- KRAHÔ, Creuza Prumkwyj. **Mulheres-cabaças.** *PISEAGRAMA,* Belo Horizonte, número 11, página 110 - 117, 2017.
- GONÇALVES, José R. Santos. **A luta pela identidade social:** o caso das relações entre índios e brancos no Brasil Central. Rio de Janeiro: UFRJ-Museu Nacional, 1981.

Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1981.

GIRALDIN, Odair **Axpên Pyrak**: história, cosmologia, onomástica e amizade formal Apinayé. 296 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

_____ **nomes, tradição oral e identidade**: os nomes pessoais entre os apinajé. Revista Mosaico, v. 4, n. 2, p. 223-234, jul./dez. 2011.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980

LASMAR, Cristiane. Mulheres Indígenas: representações. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 7, n. 1-2, p. 143, 1999.

LEA, Vanessa. **Gênero Feminino Mebengokre (Kayapó)**: desvelando representações desgastadas. Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Belo Horizonte, 1992, p. 85-115.

LIMA, Vanusa da Silva. **Entre Palmeiras**: produção e transmissão de conhecimentos entre as gerações Apinaje, 2018. 148f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável junto a Povos e Terras Tradicionais) — Programa de pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável Junto A Povos E Terras Tradicionais, MESPT, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

LIMA, Lilian Castelo Branco. **Maricota Apinajé**: Uma Mulher-Patrimônio em Tramas de Saberes. 2016. 748 f. Tese (Doutorado em Antropologia)- Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, v. 3, n. 22, p. 935-952, set./dez. 2014

KRAHÔ, Creuza Prumkwyj. **Mulheres-cabaças**. *PISEAGRAMA*, Belo Horizonte, número 11, página 110 - 117, 2017.

MACHADO, T. C.; RATTS, Alex . **Trajetórias Socioespaciais dos militantes do movimento negro na região metropolitana de Goiânia**. Ateliê geográfico (UFG), v. 6, p. 201, 2012.

MEIHY, José Carlos e RIBEIRO, Suzana. **Guia Prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.

MYNAIO, Cecília de Souza et al. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

NUNES, Eduardo S.. Aldeias urbanas ou cidades indígenas? Reflexões sobre índios e cidades. *ESPAÇO AMERÍNDIO (UFRGS)*, v. 4, n.1, p. 9-30, 2010.

NIMUENDAJÚ, Curt. **OS APINAYÉ**. Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi, Belém, 1983. 146 p.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **A Sociologia do Brasil Indígena**. Tempo Brasileiro, São Paulo, 1972.

PEREIRA, Clenan Renaut de Melo. **De Boa Vista a Tocantinópolis**. 2012.

PORTELLI, Alessandro, **O que faz a história oral diferente**. Proj História. São Paulo 1997.

POMBO, Olga. Práticas Interdisciplinares. **Sociologias**, Rio Grande do Sul: Porto Alegre, ano 8, nº 15, jan/jun 2004, p. 208-249.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

ROCHA, Raquel Pereira. **A Questão de Gênero na Etnologia Jê a partir de um estudo sobre os Apinajé**. 2001. 127f. Dissertação (Mestrado em Antropologia -Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas) Campinas, 2001.

ROCHA, Raquel Pereira. **O “Tempo do primeiro” e o “tempo de agora”** transformação social e etnodesenvolvimento entre os Apinajé/TO. 2012. 327f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

ROCHA., Welitânia de Oliveira. **A vida de Nhiro**: etnobiografia de uma cacica Apinajé.2016. 58f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal do Tocantins, UFT: Tocantinópolis, 2016.

ROCHA, Welitânia de Oliveira. **O movimento das mulheres indígenas Apinajé**: Tempo, Política e chefia feminina. 2018. 128f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade de Brasília. DF: Brasília, 2018.

RIBEIRO, Oliveira Perla. **Plantas-filha e a beleza das roças**: O lugar das plantas na cosmologia Apinajé. 2015. 86f. (Mestrado em Ciências do Ambiente)- Universidade Federal do Tocantins, Palmas. 2015.

SAQUET,Aurélio, Marcos; SPOSITO, Savério Eliseu; **Territórios e Territorialidades**: Teorias Processos e conflitos. 1.ed.-- São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2009.

SAQUET, Aurélio Marcos. **As diferentes abordagens do território e a apreensão do movimento e da (i)materialidade**. Geosul, Florianópolis, v. 22, n. 43, p 55-76, jan./jun. 2007.

SACCHI, Ângela, GRAMKOW, Márcia Maria. (Orgs.) **Gênero e povos indígenas**: coletânea de textos produzidos para o "Fazendo Gênero " e para a "27ª Reunião Brasileira de Antropologia". Rio de Janeiro, Brasília: Museu do Índio/ GIZ/FUNAI, 2012.

_____ **União, Luta, liberdade e resistências**: as organizações de mulheres indígenas da Amazônia brasileira. Tese (doutorado) Universidade Federal de Pernambuco CFCH. Programa de Pós-graduação em Antropologia. Recife, 2006.

SOUSA, C. A. O. **Tocantinópolis: 150 Anos de Urbanização**. Goiânia: Kelps, 2008. Universidade Federal do Tocantins, Tocantinópolis, 2006.

SOUZA, Andrade de Machado Jurema. **Trajetórias femininas Indígenas: Gênero, Memórias, Identidade e Reprodução**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Ciências Humanas. 2007.

TORRES, Carina, Alves. **As interações entre os *Kupẽ* e os *Panhĩ* no Bairro Antônio Pereira TCC (Graduação) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal do Tocantins, UFT: Tocantinópolis, 2017.**

SAFIOTTI, B.I. Hellieth. **Gênero, Patriarcado, Violência**, editora, fundação Perseu Abramo. São Paulo 2004.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente: perspectiva da biodiversidade e da biotecnologia**. São Paulo: Gala, 2003. Trad. Dinah de Abreu Azevedo.

WEBER, Florence & BEAUD. Sthephne. de. **Guia para a pesquisa de campo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

Mapas:

Sites visitados

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to>. Acesso: 10/08/2019.

<http://www.saude.gov.br/sesai>. Acesso: 15/08/2019.

<https://www.socioambiental.org/pt-br>. Acesso: 20/09/2019.

<http://uniaodasaldeiasapinaje.blogspot.com/>. Acesso: 25/11/ 2019.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2019/Mpv/mpv870.htm Acesso: 16/02/2020.

<https://cimi.org.br/> Acesso: 16/02/2020

Anexo 1: Medida provisória 879/2019.**CÂMARA DOS DEPUTADOS**

Gabinete da Deputada Joenia Wapichana (REDE/RR)

MEDIDA PROVISÓRIA Nº 870, DE 2019
 Emenda Modificativa nº _____, de 2019

*Estabelece a organização básica dos
 órgãos da Presidência da República e dos
 Ministérios*

Inclua-se o seguinte inciso ao art. 37 da MPV 870/2019:

Art. 37. Constitui área de competência do Ministério da Justiça e Segurança Pública:

XXIV – Direitos dos povos indígenas, inclusive o licenciamento ambiental nas terras indígenas, em conjunto com os órgãos competentes, e a identificação, a delimitação, a demarcação e os registros das terras tradicionalmente ocupadas por indígenas, sem prejuízo das competências do Ministério da Saúde.

Por decorrência, dê-se nova redação ao inciso XIV do art. 21 da MPV 870/2019:

Art. 21. Constitui área de competência do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento:



CD/19584.34900-76

Anexo 2: Decreto 9.660/19.



Presidência da República
Secretaria-Geral
Subchefia para Assuntos Jurídicos

DECRETO Nº 9.660, DE 1º DE JANEIRO DE 2019

Dispõe sobre a vinculação das entidades da administração pública federal indireta.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, caput, inciso VI, alínea "a", da Constituição,

DECRETA:

Art. 1º A vinculação das entidades da administração pública federal indireta fica estabelecida na forma do Anexo.

Art. 2º Fica revogado o [Decreto nº 8.872, de 10 de outubro de 2016](#).

Art. 3º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 1º de janeiro de 2019; 198º da Independência e 131º da República.

JAIR MESSIAS BOLSONARO
Onyx Lorenzoni

Este texto não substitui o publicado no DOU de 1º.1.2019 - Edição especial

ANEXO

Artigo único. A vinculação das entidades da administração pública federal indireta é a seguinte:

Anexo 3: Decreto 9673/19**Decreto 9673/19 | Decreto nº 9.673, de 2 de janeiro de 2019**

🔖 Salvar • 0 comentários • Imprimir • Reportar

Publicado por [Presidência da Republica](#) - 1 ano atrás

▶ Ver artigo:

0
▶ **Aprova a Estrutura Regimental e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão e das Funções de Confiança do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, remaneja cargos em comissão, Funções Comissionadas do Poder Executivo e Funções Gratificadas, transforma cargos em comissão do grupo-Direção e Assessoramento Superiores - DAS e substitui cargos em comissão do Grupo-Direção e Assessoramento Superiores - DAS por Funções Comissionadas do Poder Executivo - FCPE.** [Ver tópico \(170 documentos\)](#)

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, caput, inciso VI, alínea "a", da Constituição, DECRETA:

Art. 1º Ficam aprovados a Estrutura Regimental e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão e das Funções de

Anexo 4 Acampamento Terra Livre



Anexo 5: Relação das Interlocutoras

Interlocutora 1. Matriarca Itelvina Dias Sousa Apinagé

Itelvina Dias Sousa Apinagé tem 96 anos de idade tem seis filhos e é uma das moradoras mais antigas da aldeia São José, mora com sua filha Heloísa. Ela é conhecida por todo o território por ser um dos patrimônios imateriais da cultura.

Interlocutora 2. Heloisa Dias de Sousa Apinagé.

Heloísa Dias de Sousa Apinagé tem 58 anos de idade, tem sete filhos e é moradora da aldeia São José, mora com sua mãe Itelvina. Ela é artesã, pintora e cantora, participa das festas do território Apinagé e reuniões na cidade de Tocantinópolis.

Interlocutora 3. Silvana Dias de Sousa Apinagé.

Silvana tem 42 anos de idade é casada e têm dois filhos, ela mora ao lado da sua mãe na aldeia São José. Ela faz artesanato, cultiva roça e horta, participa das festas do território e reuniões na cidade.

Interlocutora 4. Maria de Fátima Dias Apinagé.

Maria de Fátima tem 38 anos de idade é casada e tem cinco filhos, é moradora da aldeia São José, ocupa a função de merendeira na unidade escolar da aldeia. Ela é artesã e pintora, participa das festas e reuniões no território.

Interlocutora 5. Delma Dias de Sousa Apinagé.

Delma Dias de Sousa Apinagé tem 34 anos de idade é casada e tem cinco filhos, é moradora da aldeia São José e estudante no curso de Licenciatura em Educação do campo na UFT campus de Tocantinópolis, ela joga futebol e participa das festividades no território.

Interlocutora 6. Delinan Dias de Sousa Apinagé.

Delinan tem 31 anos de idade é casada e têm cinco filhos, e moradora da aldeia São José, é auxiliar administrativa na escola da aldeia. Ela é artesã, pintora e jogadora de futebol, participa das festividades do território e nos territórios de outras etnias.